

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO STRICTO SENSU

Raimundo Inácio da Costa Pinto

**“OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS DE RUA PULANDO O
MURO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE MAUÉS NO
AMAZONAS”**

Sorocaba – SP
Agosto / 2006

Ficha Catalográfica

P728j Pinto, Raimundo Inácio da Costa
"Os jogos e as brincadeiras de rua pulando o muro das escolas públicas da cidade de Maués no Amazonas" / Raimundo Inácio da Costa Pinto. -- Sorocaba, SP, 2006.
200 f.


Orientador: Prof. Dr. Fernando Casadei Salles
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2006.
Inclui bibliografias e anexos.

1. Educação física (Ensino fundamental) – Maués (AM). 2. Jogos e brincadeiras de rua. 3. Prática docente. I. Salles, Fernando Casadei, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Raimundo Inácio da Costa Pinto

**OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS DE RUA PULANDO O
MURO DAS ESCOLAS PUBLICAS DA CIDADE DE MAUES
NO AMAZONAS.**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.


Orientador: Prof. Dr. Fernando Casadei Salles


Linha de Pesquisa: Conhecimento e cotidiano escolar

Sorocaba / SP
Agosto / 2006

Raimundo Inácio da Costa Pinto

**OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS DE RUA PULANDO O
MURO DAS ESCOLAS PUBLICAS DA CIDADE DE MAUES
NO AMAZONAS.**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Sorocaba, pela Banca
Examinadora formada pelos seguintes
professores:

Ass. 
1º Exam.: Jefferson Jurema da Silva –
Profº. Doutor – SEJEL / AM

Ass. 
2º Exam.: Jorge Luis Cammarano Gonzales
– Profº. Doutor – Universidade de Sorocaba

Nota:

Sorocaba, 25 de agosto de 2006

Dedico esse trabalho a Arinete Laranjeira Pinto a Flor da Amazônia e a todo povo guerreiro Sateré-Mawé que luta pela preservação de sua cultura.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Jorge e Geralda Pinto que sempre lutaram para nos dar educação, aos meus irmãos os maiores incentivadores, às minhas filhas Alyne e Polyne pela confiança depositada no paizão. A Ivete Ribeiro Rubim, Ricardo Peixoto e Messias Sampaio que sem o aval deles não poderia ter iniciado esta jornada. A Estevam Pedroza, Hélio e Eliomar por nos permitirem continuar e a concluir essa etapa acadêmica. Ao amigo e irmão Fernando Casadei Salles que foi mais que um orientador foi, sobretudo um conselheiro que juntos abraçamos essa causa e aprendemos sobre os jogos e brincadeiras de rua na cultura amazônica. Ao mano Jorge Cammarano Gonzáles por sua amizade e encorajamento nos momentos mais difíceis da jornada acadêmica. Ao meu co-orientador amigo, irmão e companheiro de muitos desafios Jefferson Jurema na luta pela preservação da cultura amazônica em todas as dimensões e por dias melhores para a Educação Física e o Esporte no Amazonas. Aos professores Eney Brasil, Eliel Solimões, Givanildo Tavares e José Valcimar, sem os quais não seria possível realizar esta pesquisa. Ao Pastor Ivan Rufino e família pelo aconselhamento e apoio espiritual dado a minha família ao chegarmos a Sorocaba, da mesma forma ao colega Vitor Setani. Aos companheiros da turma 2004 do mestrado, por todas as discussões acadêmicas na produção de novos saberes. Às amigas Fátima Maruci e Ana Maria Reis pelas palavras de incentivo e apoio incondicional nos momentos delicados pelos quais passamos. À Prefeitura de Maués, na pessoa do ex-prefeito Sidney Leite, e do atual prefeito Odivaldo Miguel de Oliveira Paiva. À SEMED-MAUÉS na pessoa do Secretário Manuel Rodrigues Filho. Ao professor João Bosco Pinto, por me possibilitar contribuir com a educação e o esporte de Maués. Da mesma forma, à equipe do Departamento de Desporto, pelo privilégio de aprendermos a lutar pela nossa cultura esportiva. E finalmente, como os últimos sempre serão os primeiros, agradeço ao Ser Maior, Supremo, Criador, Deus, a quem pertence o dom da vida, por nos proporcionar vivenciar toda essa gama de experiências, conhecer novas pessoas, novas culturas, na busca de realização do sonho acadêmico.

RESUMO

Este estudo tem como propósito investigar se a cultura dos jogos e brincadeiras de rua permeada pela cultura indígena sateré-mawé como prática pedagógica da disciplina Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental transpõe o muro das escolas públicas do município de Maués no Amazonas. Para a realização da presente pesquisa recorreremos a várias investigações de natureza teórico-empírica por pesquisadores em educação e Educação Física tendo os jogos e brincadeiras de rua na cultura amazônica como foco central da investigação. O trabalho também apresenta contribuições teóricas de autores renomados não vinculados a área de Educação Física que contribuem sobremaneira na compreensão do jogo e da brincadeira enquanto ação pedagógica. Sinaliza um certo descontentamento dos professores entrevistados com a prática tradicional presente na disciplina de Educação Física e os conteúdos da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. A partir dos procedimentos teórico-metodológicos adotados pela investigação bibliográfica e da análise dos instrumentos de coleta de dados não temos dúvida alguma do pulo efetuado pela cultura dos jogos e brincadeiras de rua ante ao muro das escolas públicas de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental do município de Maués.

Palavras chaves: educação física no ensino fundamental – jogos e brincadeiras de rua – prática docente.

ABSTRACT

This work have how intention to investigate if games and joke culture from street those Indians “Sateré-Mawe” culture how educational practice Physics Education discipline from Elementary School to exceed the wall Public School from Maués Municipality on Amazon. To present fulfillment of research to resort to many investigate of nature theoretical and empirical by researchers in school and Physics Education have the games and joke from street in Amazon culture how center angle investigate. The work too, presents theoretical contribution by famous authors that don't to link the Physics Education School that understand of the games and jokes while educational action. Saw once dissatisfiedly of the teachers interviewed with traditional practice presents on Physics Educational discipline and contents by proposal official to elementary school from Physics Education. Begin produce theoretical and methodology to do bibliography investigation and inquiry of the instrument find information we don't have any doubt of jump to effect those games and jokes culture from street in front of the wall from Public School of Elementary School from Maués Municipality.

Key-words: Physics Education – games and jokes the street – teaching practice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
 1 A PESQUISA	
1.1 Objetivos da pesquisa.....	18
1.2 Justificativa.....	19
1.3 Definindo a problemática.....	22
1.4 Hipótese Central.....	23
1.5 Caminhos Metodológicos da Pesquisa.....	23
1.5.1 Procedimentos Metodológicos.....	23
1.5.2 Revisão Bibliografia.....	24
 2 JOGOS E BRINCADEIRAS – CONCEITOS E SIGNIFICADOS	
2.1 Tempo bom.....	29
2.2 Jogos e brincadeiras.....	35
2.2.1 Conceitos e significados.....	35
2.2.2 O valor simbólico do brinquedo, jogo e brincadeira.....	38
 3 MAUÉS – TRAÇOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS	
3.1 O município de Maués - traços físicos e limites geográficos.....	52
3.1.1 Breve histórico do município de Maués.....	54
3.1.2 Manifestações Populares.....	55
3.1.3 A formação dos professores de Educação Física de Maués.....	58
3.1.4 A Diversidade Cultural em Maués.....	58

3.1.5 Jogos e brincadeiras de rua de Maués.....	61
3.2 Cultura, Ambiente e Sociedade Indígena Sateré-Mawé.....	83
3.2.1 Educação Indígena.....	84
3.2.2 Educação Física Indígena.....	88
3.2.3 Cultura lúdica Indígena.....	91
3.2.4 Manifestações culturais ritualísticas.....	93

4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 Pesquisa Documental.....	96
4.1.1 Proposta Curricular Oficial para a Educação Física.....	97
4.2 Entrevistas.....	105
4.3 Questionário.....	109
4.4 Grupo Focal.....	112

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
----------------------------------	------------

REFERÊNCIA.....	120
------------------------	------------

ANEXO A – Proposta Curricular Oficial para a Educação Física.....	123
---	-----

ANEXO B – Entrevistas	137
-----------------------------	-----

ANEXO C – Questionário	185
------------------------------	-----

ANEXO D – Grupo Focal	197
-----------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem, por finalidade, investigar de que forma os jogos e brincadeiras de rua, inseridos em um contexto cultural de forte presença indígena, como é o caso da tribo indígena sateré-mawé, representam-se na prática dos professores da disciplina de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental e possibilitam a esses conhecimentos vindos da rua transpor os muros da escola pública no município de Maués.

Como professor da disciplina de Educação Física, no exercício da profissão há pouco mais de vinte anos, em escolas públicas estaduais, municipais, e em instituições particulares localizadas em diversos municípios do Estado do Amazonas, tenho observado a dificuldade que os saberes provenientes dos jogos e brincadeiras de rua, com raízes populares, têm para se fazer representar na produção de saberes escolares em Educação Física. Por outro lado, questionamos a forma abrupta como a grade curricular se constituiu na disciplina Educação Física, assinalando não somente o descompromisso das nossas políticas públicas com a educação impondo uma proposta educacional fora da realidade da comunidade escolar sem qualquer diálogo, como também o descaso dos professores de Educação Física que geralmente absorvem as medidas adotadas com todas as suas conseqüências pedagógicas sem qualquer tipo de manifestação junto as suas entidades representativas, no caso o CREF¹ e a APEFAM².

¹ CREF – Conselho Regional de Educação Física

² APEFAM – Associação dos Professores de Educação Física do Estado do Amazonas.

Cabe assinalar que a partir da realidade empírica encontrada no local da pesquisa o município de Maués, fomos obrigados a modificar o foco das observações empíricas da pesquisa. Na proposta inicial, o objeto de pesquisa se voltava para o segmento de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental. A partir de contatos preliminares com a SEMED/MAUÉS, com as escolas públicas, e professores de Educação Física, percebemos que o objeto de pesquisa proposta na investigação se faria presente com mais notoriedade no segmento de 1^a a 4^a séries por três razões principais: A primeira, pelo fato de que, no segmento de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental, encontramos forte presença da cultura escolar hegemônica com caráter de desportivação³ implementada pela Proposta Oficial para a disciplina Educação Física no Estado do Amazonas; A segunda razão, pela maior nitidez da cultura indígena sateré-mawé sobre este segmento escolar tanto em termos de alunado quanto do professorado, se considerarmos que esta influência tem se dado ao longo da sociedade mauesense é muito possível, que esta se faça presente, de alguma forma, na prática dos docentes de Educação Física do município, e em particular nos de 1^a a 4^a séries do Ensino fundamental. Se isso não está acontecendo, será necessário conhecer o porquê isto não está acontecendo e; por fim, a terceira razão que destacamos na pesquisa se refere à existência de um conhecimento informal, produzido pelos jogos e brincadeiras de rua, possivelmente influenciados pela cultura indígena sateré-mawé e que se constitui em um conhecimento significativo passivo de apreensão na forma de saberes escolares em Educação Física.

³ Desportivação – Termo recente na área da Educação Física, implementada como prática absoluta, com caráter de atividades pautadas nos desportos institucionalizados com suas técnicas, e processos de treinamento, mediadas pelos ideais de controle e dominação.

A primeira problematização que faço desta observação tem por base a sensação de um paradoxo, dado por um lado, pela presença relativamente hegemônica da cultura indígena sateré-mawé sobre a cultura local do município de Maués, que apesar de toda aparência não se representa na mesma proporção sobre a cultura escolar e por outro lado, pela imposição de uma cultura escolar produzida, praticamente, toda fora dos marcos da cultura circundante das escolas, sobre as práticas escolares dos professores de Educação Física. Esta sensação, no entanto, não representa nenhuma tomada definitiva de posição a qualquer das nuances do paradoxo. Todas se representam de forma igual e provisória, como simples sensações, apesar de serem resultado de longas e sistemáticas observações.

Para uma maior aproximação teórica do objeto da presente investigação, conduziremos a investigação, concomitantemente em duas fases distintas e complementares entre si: 1 – Como uma reflexão cultural e pedagógica acerca dos jogos e brincadeiras de rua; 2 – Como a influência exercida pela cultura indígena sateré-mawé se faz representar sobre a prática dos professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do ensino Fundamental das escolas municipais de Maués.

Sobre estas observações, mesmo reconhecendo as suas precariedades científicas, construímos a hipótese de que a hegemonia da cultura escolar é um fato incontestável de inibição, na medida em que o papel das culturas dos jogos e brincadeiras de rua e indígena sateré-mawé sobre as práticas escolares em Educação Física, desenvolvidas nas escolas públicas da cidade de Maués se dão de forma incipiente.

Para efeito de investigação da referida problemática, o trabalho foi focado em primeiro lugar no resultado concreto das atividades práticas gerais, exercidas pelos

professores nas suas ações em sala de aula. E em segundo lugar, pela forma específica como nesta situação se tem produzido conhecimento na área de Educação Física.

Do ponto de vista científico, o trabalho reconhece dois momentos distintos, porém complementares: um no âmbito formal acadêmico, que é o conhecimento produzido na reflexão acadêmica, através dos livros, teses, dissertações, artigos, comunicados, encontros e congressos de profissionais em Educação Física. Nesse sentido as pesquisas encontradas mais diretamente ligadas ao tema desta investigação apontam para dois caminhos distintos: O primeiro, pelo valor sócio-histórico dos jogos e brincadeiras; O segundo, por entender o conceito de jogo como resultado do processo de racionalização valorizando seus aspectos cognitivos. O outro conhecimento se dá no âmbito informal, que é o da reflexão de cada profissional nos seus registros diários produzidos individualmente, para sua aplicação no cotidiano escolar.

A maior dificuldade durante a pesquisa bibliográfica se deu pela ausência de trabalhos acadêmico-científicos publicados mais direcionados ao tema “jogos e brincadeiras de rua” como prática pedagógica da Educação Física na realidade amazônica.

Em um primeiro momento, junto aos Centros Acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e Centro Universitário UNINILTON LINS, encontramos pouco material teórico publicado. Nesse contexto, foram encontradas somente três bibliografias: uma, com fragmentos da história da Educação Física, retratando a implantação da Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Amazonas, de grande valor histórico para a área específica de autoria do professor Guilherme Pinto Nery intitulada “Traços Históricos da Educação Física no Amazonas”

(1983) e as outras duas acadêmico-científicas de Jefferson Jurema intitulada “O Universo Mítico-Ritual do Povo Tukano” (2001) que aborda as formas de transmissão da cultura indígena de geração em geração através das atividades lúdico-rituais, como sendo a forma como as crianças indígenas do povo Tukano apreendem seus costumes e tradições através dos rituais versados, vários deles de forma lúdica; E outra, com Rui Garcia “Amazônia entre o esporte e a cultura” (2002) que aborda o mundo amazônico entre o esporte, educação física e a cultura amazônica. Ambas as obras sinalizam para a prática lúdica dos povos amazônicos nos seus diversos contextos tendo o homem amazônico como elemento central.

Em um segundo momento, na busca de encontrar literaturas produzidas em teses, dissertações e artigos junto às mais diversas instituições de ensino superior de referência no país, sobre a temática da pesquisa utilizamos palavras chaves como: jogo – brincadeira - brincadeira popular - jogos de rua. Como resultado, centenas de trabalhos foram encontrados relacionados ao tema, porém, apenas quatro dissertações se mostraram diretamente ligados ao tema investigado, dos quais apenas duas tiveram suas publicações efetivadas.

A primeira de Garkov (1990), “Jogos Tradicionais na cidade de São Paulo: Recuperação e análise da sua função educacional”, onde a autora busca resgatar os jogos tradicionais na cidade de São Paulo catalogando-os e efetua uma análise sobre a função que esses jogos representam para a educação classificando-os segundo os tipos de jogo. Basicamente a autora fundamentou-se nas teorias de Piaget e Vigotsky, em relação ao estudo do jogo focalizando os aspectos cognitivos e suas implicações na aprendizagem. Pouco se falou sobre a dimensão cultural e os conhecimentos presentes em cada jogo; A segunda, de Barbosa, (2003) “*Jogo e Educação Física: um tema em*

questão” na qual o autor busca também nas teorias cognitivas de Piaget e Vigotsky compreender o significado do jogo de forma mais ampla apontando-o como proposta de conteúdo pedagógico da Educação Física no ensino básico sem maiores aprofundamentos em relação aos aspectos culturais e produção de conhecimentos no interior da prática lúdica.

A pesquisa realizada tomou por base três níveis diferentes de preocupação. No primeiro, a pesquisa procurou se concentrar nas obras de referência diretamente ligadas à temática dos brinquedos, jogos e brincadeiras de rua; No segundo nível, a busca foi feita em torno do esforço para localizar a cultura amazônica, nas obras de sociologia brasileira; E em terceiro, o foco se concentrou na busca de referência em trabalhos acadêmicos produzidos na região amazônica voltados à temática da pesquisa.

Entre artigos e periódicos foram localizados três trabalhos de maior relevância para esta pesquisa, dos quais dois, de Pontes e Magalhães (2003 e 2004), onde no primeiro trabalho sobre a “transmissão da cultura da brincadeira” entende o conceito de brincadeira na perspectiva de aprendizagem social entendendo essa transmissão da cultura lúdica como a aprendizagem de regras, vocabulários e formas diferenciadas na produção das relações sociais; no segundo, com a temática “estrutura da brincadeira e a regulação das relações” tendo a estrutura da brincadeira como ponto básico. Nesse contexto, a brincadeira é compreendida como um fenômeno paradigmático da organização social de crianças e da cultura infantil, na qual o aspecto cultural é pouco focado.

No âmbito geral da educação física brasileira, os autores selecionados foram os seguintes: Azevedo (1969), Oliveira (1994), Soares (2001), Valter Bracht (2003), Daólio

(2005). Com o intento de fundamentar teoricamente a temática da investigação, a ênfase recaiu sobre autores renomados preocupados com a teoria pedagógica sócio-histórico-cultural do “brinquedo, jogo e brincadeira”, dentre os quais citamos, Brougère (1995 e 1998), Caillois (1990), Huizinga (1990), Chateau (1987). Entre os autores brasileiros trabalhamos com Freire (2002), Venâncio & Freire (2005) que meiam suas obras com as teorias dos autores citados.

Vale ressaltar, no âmbito desta investigação, que todos os professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas municipais de Maués entrevistados não possuem formação acadêmica na área de Educação Física, mas exercem uma prática diferenciada, nas aulas de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental nas escolas municipais de Maués.

Trata-se na realidade de saber se a cultura sateré-mawé vem sendo assimilada pelos professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, no sentido da produção de saberes diferenciados da proposta oficial para a Educação Física do Estado do Amazonas, com ênfase no município de Maués.

Cabe assinalar dois aspectos metodológicos que perpassaram a presente investigação. O primeiro, foi a busca da compreensão da prática docente sempre em uma base multireferencial e multicultural, sem discriminar qualquer referência cultural, compreendendo a formação e a prática docente como resultado de diversas interações e miscigenações entre as culturas envolvidas no processo investigativo. O segundo, apoiando permanentemente a investigação em um quadro dialético. Enfatizando de um lado, a análise das diferentes dimensões histórica, política, e sócio-cultural que mediam a constituição histórica da profissão docente no município de Maués, no Amazonas e

analisando, de outro lado, os diferentes aspectos que constituem o campo político-pedagógico da prática do professor de Educação Física.

Entendemos que este estudo não se constitui em um conhecimento pronto e acabado, muito pelo contrário, que seja objeto de futuras reflexões, indagações, questionamentos, na busca de entender o universo amazônico da Educação Física, do Esporte e do universo lúdico dos povos da floresta. Com isso, esperamos que outros conhecimentos venham ser produzidos por outros pesquisadores, na busca de entender o universo amazônico da Educação Física, do Esporte e da cultura lúdica dos povos da floresta.

Ao concluir este estudo sobre “os jogos e brincadeiras de rua pulando o muro das escolas públicas da cidade de Maués no Amazonas” esperamos contribuir significativamente para a área de Educação Física do Estado do Amazonas dado a escassez de literatura sobre a Educação Física em sua abordagem sócio-cultural. Vale ressaltar que este trabalho é fruto de nossas inquietações sobre o real papel da Educação Física e da valorização da cultura local no âmbito escolar de nosso Estado.

1 A PESQUISA

Nesse capítulo apontamos para o caminho adotado pela pesquisa na elaboração da estrutura para a realização desta investigação que vai desde a escolha do tema, objetivos, justificativa, hipóteses, procedimentos metodológicos até a revisão da bibliografia.

1.1 Objetivos da pesquisa

Objetivo Central

Saber se os jogos e brincadeiras de rua presentes na cultura da cidade de Maués influenciam a prática docente dos professores de Educação Física, de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, das escolas públicas localizadas no município de Maués.

Objetivos Periféricos

- Descrever como os professores de Educação Física concebem a cultura lúdica nas suas práticas docentes.
- Conhecer até que ponto a proposta pedagógica oficial da disciplina Educação Física do Ensino Fundamental, no Estado do Amazonas é assimilada na prática escolar das escolas públicas da cidade de Maués.

1.2 Justificativa

Em razão do exposto nos propomos a realizar a presente investigação tendo por foco a análise da relação entre a cultura indígena sateré-mawé e a cultura escolar praticada pelos professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas municipais de Maués.

Esta preocupação deveu-se, entre muitas razões, principalmente pelas reflexões feitas ao longo de minha atuação como professor de Educação Física em várias escolas públicas e particulares, no Estado do Amazonas, em pouco mais de vinte anos, quando tive oportunidade de observar as enormes dificuldades da cultura escolar reconhecer a cultura indígena – popular representada nos mais diferentes jogos e brincadeiras de rua.

Outro momento que nos levou a refletir com mais ênfase sobre a presente temática, se deu no momento de realização da pesquisa bibliográfica junto às Instituições de Ensino Superior no Estado do Amazonas; Na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas – FEF/UFAM, e no Centro Universitário UNINILTON LINS, referências na área de Educação Física existentes no Estado do Amazonas.

Como resultado da pesquisa foram encontradas poucas obras de base sobre a problemática em questão. Ao todo foram encontradas apenas três, que apesar de importantes para a cultura amazônica em geral, não cobrem as necessidades mais específicas demandadas pela presente pesquisa. As obras foram as seguintes: Uma escrita pelo professor Guilherme Pinto Nery (1983), onde o autor nos aponta para alguns fragmentos históricos da Educação Física, ao longo da sua história na Educação

Física no Estado do Amazonas. Apesar da obra do autor não nos permitir reflexões teóricas mais aprofundadas, sua existência serve como importante marco para os estudos investigativos sobre a história da educação no Estado. As outras duas sendo uma do professor Dr. Jefferson Jurema (2001), e outra do próprio professor em conjunto com o Dr. Rui Garcia (2002), as quais buscam uma apreciação mais histórico-sociológica das questões Educação Física e do esporte na dimensão do homem amazônico, permeado este pela cultura indígena em diversas etnias.

Jurema (2001), nos traz na obra que escreve em parceria com Garcia (2002), uma importante visão antropológica, do cotidiano do homem amazônico, invertendo, uma tendência presente em grande maioria, os estudos produzidos até então sobre a Amazônia que focavam sua atenção no meio ambiente em detrimento do verdadeiro sujeito do processo histórico do Estado, o homem amazônico.

O viver do homem amazônico é repleto de saberes e fazeres para a vida, e os jogos e brincadeiras populares têm sua representatividade junto aos povos da floresta, naquilo que diz

O sentido das brincadeiras é sempre de reviver a vida dos grandes da comunidade, onde a competição reflete grandes exemplos de socialização. Imitar pássaros é, sem dúvida, uma atividade cheia de informações aos indígenas, pois, numa forma lúdica, as crianças vão aprendendo noções de preservação sobre a fauna silvestre. (JUREMA, GARCIA, 2005, p. 64)

Para os autores, o sentido da brincadeira, em qualquer idade na sociedade dos povos da floresta, é particularidade acentuada dos meios indígenas. Isso implica dizer que essas sociedades que vivem no isolamento, frente ao mundo globalizado,

assimilam melhor o processo de sua existência valorizando o seu cotidiano e a brincadeira é uma delas.

Diante dessa panorâmica cultural, destacamos dois motivos pelos quais escolhemos os professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental para efetivar essa investigação: O primeiro, em razão da forte presença da cultura lúdica infantil, e paralelamente a presença da cultura desportivizada, de caráter hegemônico na partir da terceira série deste segmento escolar; O segundo, pelo pouco conteúdo da cultura lúdica dos jogos e brincadeiras de rua existente apenas na 2ª série do Ensino Fundamental da Proposta Oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries.

A investigação foi conduzida, simultaneamente em três fases distintas e integradas: A primeira buscou refletir sobre a cultural pedagógica dos jogos e brincadeiras de rua; A segunda, investigando em que medida o fenômeno da culturalização dos jogos e brincadeiras de rua pela cultura indígena sateré-mawé se constitui, efetivamente, em um fenômeno real, entre os professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do ensino Fundamental das escolas municipais de Maués; E por fim, como as fases anteriores têm influído sobre os saberes dos professores das escolas públicas de Maués.

1.3 Definindo a problemática

Nossa indagação ao problema levantado nesta pesquisa busca conhecer em que medida os jogos e brincadeiras de rua, com forte inspiração na cultura indígena sateré-mawé, influem na prática dos professores da disciplina Educação Física, que atuam no segmento de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, nas escolas municipais de Maués

no Amazonas? Para responder essa questão propomos a pesquisa em três momentos principais: No primeiro, após observações feitas especificamente voltadas para os jogos e brincadeiras de rua praticados nas ruas de Maués. Um aspecto importante deste momento foi identificar quais destes jogos vindo das ruas são utilizados na prática docente dos professores de educação física do segmento de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental; O segundo momento se deu através de dados adquiridos a partir de quatro estratégias de pesquisa, o questionário, a entrevista, o grupo focal e a observação participante, realizados com os professores de Educação Física das escolas localizadas na cidade de Maués. O objetivo principal desta estratégia foi captar como as vivências dos professores se realizam com suas práticas docentes; O terceiro momento deveu-se à curiosidade de conhecermos a prática dos professores da disciplina de Educação Física que não contam com uma formação específica na área. Os atuais professores investigados tem formação em outras áreas do conhecimento das Ciências Humanas, tais como: pedagogia, Letras e Normal Superior.

1.4 Hipótese Central

A hegemonia da cultura escolar funciona como elemento ideológico de inibição das culturas lúdica dos jogos e brincadeiras de rua, e indígena sateré-mawé na prática docente dos professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas públicas municipais de Maués.

1.5 Caminhos Metodológicos da Pesquisa

1.5.1 Procedimentos Metodológicos

Cabe ressaltar os caminhos percorridos por esta investigação que foram realizados em torno de seis pontos básicos: 1. Revisão Bibliográfica; 2. Pesquisa Documental; 3. Entrevistas; 4. Questionários; 5. Grupo Focal; 6. Observação Participante.

Vale destacar ainda que cada uma das estratégias utilizadas cumpriu uma função específica em relação à obtenção de dados pertinentes à pesquisa. Nesse sentido, para compreensão lógica deste estudo, a investigação aponta para quatro dimensões básicas complementares: 1. A cultura lúdica dos jogos e brincadeiras populares de rua; 2. A cultura indígena sateré-mawé; 3. A Educação Física no Estado do Amazonas em especial no município de Maués; 4. A formação profissional dos professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

1.5.2 Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica teve como objetivo a análise de pesquisas anteriores pertinentes ao tema pesquisado tendo em vista a reflexão sobre o campo dos “jogos e brincadeiras de rua”, o levantamento de referenciais teóricos e categorias de análise visando perceber qual a influência dos jogos e brincadeiras populares de rua na prática dos professores de educação física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas municipais de Maués no Estado do Amazonas.

A pesquisa realizada tomou por base três níveis diferentes de preocupação. No primeiro, a pesquisa procurou se concentrar nas obras de referência diretamente ligadas à temática dos brinquedos, jogos e brincadeiras de rua; No segundo nível, a busca foi feita em torno do esforço para localizar a cultura amazônica, nas obras de sociologia brasileira; E em terceiro, o foco se concentrou na busca de referência em trabalhos acadêmicos produzidos na região amazônica voltados à temática da pesquisa.

O primeiro passo adotado neste processo foi realizar a pesquisa *on-line*, na instituição SciELO – modelo de publicação eletrônica de artigos e periódicos científicos para países em desenvolvimento, através do site www.scielo.br, utilizando as palavras chaves, jogos e brincadeiras, brincadeiras populares, jogos populares. Através desta ação, localizamos dezoito trabalhos publicados, entre artigos e periódicos dos quais faremos um breve comentário sobre três que consideramos ter relação mais direta com o objeto de nossa investigação: **1. “A Transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação”**, de Fernando A. R. Pontes e Celina M. C. Magalhães (2003), que fundamentam seus estudos em relação ao termo “transmissão de cultura”, em Cavalli-Sforza e Feldman que faz uma analogia ao conceito de transmissão biológica, onde entre outras coisas permite a um determinado grupo perpetuar uma característica nas gerações futuras através de mecanismos de ensino aprendizagem. Trazem para a reflexão, o conceito de brincadeira, na perspectiva de aprendizagem social, onde, através da transmissão de sua cultura lúdica, aprende-se vocabulários e formas diferenciadas, assimilação de regras, na produção das relações sociais. No referido estudo, investigam-se as categorias apontadas, não de forma isolada, mas mediadas pelos fatores presentes no cotidiano de crianças. **2. A estrutura**

da brincadeira e a regulação das relações”, de Fernando A. R. Pontes e Celina M. C. Magalhães (1998) que entendem a brincadeira de rua como um fenômeno paradigmático da organização social de crianças e da cultura infantil. Para os autores, estudar esse fenômeno no campo da informalidade quer dizer não depender da influência do adulto e muito menos do recurso da escrita. Nessa dimensão, a brincadeira oferece elementos de grande relevância para entender esse universo pouco explorado, pelo menos, na região amazônica, especialmente no Estado do Amazonas, o universo lúdico dos jogos e brincadeiras populares de rua. Entre outras coisas a de se perceber a espontaneidade de quem o pratica, pois no geral, a estrutura da brincadeira é quem determina o seu desenrolar. Entretanto, cria padrões de comportamentos, estratégias próprias e sanções específicas sem desconsiderar o fato da estrutura da brincadeira fincar suas origens nas relações sociais historicamente determinadas. Isso quer dizer que, para cada característica verbalmente codificada, existe outra independente das relações. Para os autores as estruturas estão sempre interagindo, em movimento com as relações. Neste sentido, a idéia da investigação é identificar de forma mais clara e descritiva os elementos pertencentes à brincadeira, com o fim de verificar até onde estes elementos se encontram presentes nas práticas dos professores; E por fim **Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica** de Gildo Volpato (2002) que busca principalmente nos autores da Teoria Crítica seus supostos como principais interlocutores. Apresenta traços históricos em relação a alguns brinquedos e suas relações com rituais e festas. Mapeia, as mudanças ocorridas em torno do brinquedo, em relação aos seus conceitos, usos e significados associados ao processo de racionalização em que passou o mundo ocidental mais precisamente nos últimos séculos. Critica, a mimese presente nos rituais sagrados, ao mesmo tempo

requisita sua inclusão com algumas ponderações, ao processo de conhecer os fenômenos na atualidade.

Em um segundo momento, com o intuito de encontrar teses e dissertações, realizamos a pesquisa *on-line* junto aos Centros Acadêmicos das diversas instituições de ensino superior de referência no país, como USP, UNICAMP, UFPA, UERJ, UNESP, UFSC, UNESC, UEL, UFSM utilizando as palavras chaves; jogo, brincadeira, brincadeira popular, jogos de rua, localizamos mais de duzentos trabalhos relacionados ao tema, onde encontramos apenas três relacionadas ao tema investigado, das quais apenas duas tiveram suas publicações efetuadas: A primeira intitulada **Jogos Tradicionais na cidade de São Paulo: Recuperação e análise da sua função educacional**, de Adriana F. Garkov (1990) resultado de sua Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Nesse trabalho, a autora buscou resgatar os jogos tradicionais na cidade de São Paulo, a partir do início do século passado, até os anos 80, da mesma forma em que efetuou uma análise sobre a função que esses jogos representam para a educação. Como referencial teórico em relação ao estudo do jogo basicamente fundamentou-se nas teorias de Piaget. Durante a pesquisa exploratória, a autora encontrou diversos materiais bibliográficos, catalogados em forma de pesquisa, os estudos dos folcloristas e testemunhos pessoais. Com o material levantado, a partir dos conceitos sobre o jogo em vários autores, foi efetuada uma análise sobre os jogos tradicionais espontâneos de regras assim como o desenvolvimento e aprendizagem destes jogos. Paralelamente foi criado um instrumento metodológico que a auxiliasse no diagnóstico e na análise de cada jogo, com o objetivo de mostrar sua utilidade no âmbito educacional; A segunda sob o tema **Jogo e Educação Física: um tema em questão**. Ponta Porã - MS. De

João Antonio da S. Barbosa (2003), também como resultado de uma Dissertação de Mestrado em Educação defendida na Universidade Católica Dom Bosco, no Mato Grosso do Sul. Nesse trabalho o autor parte do pressuposto do jogo como um importante recurso didático para a aquisição e transmissão de conteúdo da disciplina de Educação Física. Parte da idéia da construção do jogo na educação física ter nas experiências das crianças em sala de aula, o seu elemento fundante principal para a investigação. O objetivo do autor foi buscar, na teoria das diferentes disciplinas que embasam o campo da educação, elementos que pudessem construir conhecimento pedagógico para sua prática educativa na disciplina Educação Física. E por fim **O jogo, a brincadeira, e o brinquedo no contexto sócio-cultural cricumense** de Gildo Volpato (1999) defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, não publicada.

Nas referências selecionadas, há uma relação de autores com indicações mais específicas na compreensão lógica deste estudo. Primeiramente, em relação à temática jogos e brincadeiras, elencamos os seguintes autores: Gilles Brougère (1995); Roger Caillois (1990); Jean Chateau (1987); Joan Huizinga (1999), que apesar de considerarem o jogo, brincadeira e brinquedo como elementos indissociáveis, abordam aspectos distintos no âmbito histórico, social e cultural, porém complementares; João Batista Freire (2002), Venâncio e Freire (2005) autores brasileiros que trabalham em suas obras com a idéia dos autores citados.

No segundo nível, em reflexões sobre cultura de forma ampla, elencamos autores como Florestan Fernandes (1966); Jefferson Jurema (2001); Jurema e Garcia (2002). Especialmente os dois últimos que aprofundam a temática educação física, desporto e atividade lúdica na cultura amazônica, tendo como foco central o homem amazônico.

Utilizamos ainda de forma complementar para compreender o conceito etimológico dos termos jogo e brincadeira os seguintes dicionários: 1. Câmara Cascudo (1962), O Dicionário do Folclore Brasileiro; 2. Dicionário Houaiss, da Língua Portuguesa (2001); 3. Novo Aurélio Século XXI (1999); 4. Dicionário Especializado de Esportes (2002).

2 JOGO E BRINCADEIRA - CONCEITOS E SIGNIFICADOS

Ressaltamos nesse capítulo, a necessidade de aprofundarmos o conceito de jogo e brincadeira buscando trazer para discussão os diversos conceitos dos vários autores renomados indicados no trabalho para compreendermos o universo dessa prática lúdica no contexto cultural de Maués no Amazonas.

2.1 Tempo bom

Os jogos e brincadeiras de rua se constituem sem dúvida alguma em um fenômeno paradigmático para compreender o universo lúdico das crianças. Suas influências não se encerram na infância, persistem ao longo da vida.

A prática lúdica tem como características fundantes, liberdade e espontaneidade e acontecem quase sempre regidos por padrões lúdicos universais, salvo as diferenças culturais regionais. São produzidas historicamente de criança para criança, sem

qualquer referência da escrita, ou participação necessária do elemento “adulto”, e acontece quase sempre sobre uma tensão que é própria de cada jogo ou brincadeira.

No Estado do Amazonas, a prática lúdica não é diferente a qualquer outro lugar, sua diferença ocorre apenas na medida que a forma de apropriação dessa prática se produz em um contexto sócio-histórico-cultural particular determinado pelas condições específicas da sua realidade.

Apesar da relativa homogeneidade do espaço regional no Estado do Amazonas, com exceção talvez da sua capital, Manaus, que sofre outras influências não ligadas diretamente as que de forma tradicional vêm condicionando a cultura amazonense, optamos por delimitar o nosso foco de pesquisa apenas para uma parcela restrita deste espaço, que é o referente ao município de Maués. É, portanto nesse contexto, que fazemos uma reflexão inicial acerca da canção “Tempo Bom” dos compositores Moisés e João Paulo, gravada na voz do cantor e compositor amazonense Chico da Silva retratando a temática dos jogos e brincadeiras de rua:

Tempo Bom

Daquele tempo de menino
Ainda tenho no peito muita saudade
Roda peão estilingue no pescoço
E papagaio pra soltar
Mamãe me acordava cedo
Menininho toma banho vai te aprontar
Vou ficar lhe vigiando
E no caminho da escola
Você vê se dá um jeito de não se sujar
E sempre com os meus amigos
Uma chegada na lagoa não fazia mal
E não faltava o bate bola no campinho
Improvizado no quintal
De tudo que chegou primeiro
Minha primeira namorada
Se perdeu de mim
E só restou minha viola meu cavaco
Meu pandeiro e tamborim

Que tempo bom! Que tempo bom
Que não volta nunca mais....

(Moisés, João Paulo, 1981)

Embarcar no túnel do tempo e rever o mundo livre e criativo das brincadeiras de rua nos fez aportar em Parintins, a terra do boi bumbá, lugar onde vivemos a maior parte de nossa infância. Até então, este universo lúdico parecia ter ficado no caminho e no tempo, estático, inerte, sem vida. Percebi, o quanto foi importante para a minha infância, bem como para a minha profissão de professor de Educação Física, a vivência destas brincadeiras de rua. Suas múltiplas facetas mostram que esta prática lúdica possui um cabedal de saberes e fazeres, produzidos social e historicamente, que em virtude de sua dinâmica se modificam a cada geração, sem, contudo, no universo imaginário do lúdico, perder o fascínio pela representação, o artista e o palco. Diz o autor,

A infância é, conseqüentemente, um momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais. As suas fontes são muitas. O jogo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. Se ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados. (BROUGÈRE, 1995, p. 40-41).

Esse universo cultural do brinquedo especialmente os de rua, observamos sem maiores aprofundamentos na vida cultural cotidiana da população em geral do Estado do Amazonas, em especial, na população do município de Maués. Nossa preocupação, no entanto, não se fixou em constatar a presença cultural dos brinquedos de rua frente às populações do Estado do Amazonas, mas sim, saber se esta cultura vinda da rua,

com raízes populares, transpõe o muro das escolas públicas e em particular as do município de Maués.

Nessa perspectiva retomamos a prática dos jogos e brincadeiras de rua pela juventude mauesense naquilo que diz Cascudo (1962) “As brincadeiras dificilmente desaparecem e são as mais admiráveis constantes sociais, transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra”. Nas palavras inteligentes do autor, as práticas lúdicas seguem uma sucessão ininterrupta de movimento e de encanto, alguma coisa que poderia dizer quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo. Por isso, o olhar modificador não pode desconsiderar o olhar trazido pelas fórmulas antigas que Bourdieu chama de “habitus”, nas formas novas de olhar. Os brinquedos e brincadeiras fazem parte do mundo das “admiráveis constantes sociais”.

Com isso, a dinâmica da história dos homens olhada pela cultura dos jogos e brincadeiras encontra-se em constante movimento, transformando-se e modificando-se de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural em que se coloca. São atividades lúdicas antigas que a cada geração que se apropria destas práticas acrescentam um conhecimento novo dando um novo formato ao jogo ou brincadeira. Assim sendo, mesmo no âmbito da informalidade, estas práticas lúdicas fornecem conhecimentos diversos para o aprendizado dos indivíduos que se apropriam do jogo, dando-lhes novos significados, ora re-criando ora criando novos conhecimentos.

Deste ponto de vista do lúdico como um produto histórico da cultura, Brougère (1995) faz uma interessante afirmação, que não pode deixar de ser destacada. Segundo o autor: “Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação”

(1995:77). Isso implica dizer que para a criança ampliar seus referenciais de mundo, se faz necessário envolver, ao mesmo tempo, as diversas linguagens, escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, dentre outras.

Ao chegar a Manaus, logo percebemos a enorme diferença do seu plano urbano sócio-histórico-político-cultural em relação a Parintins, que vivia um quadro econômico, político e social bastante atrasado em termos de desenvolvimento econômico, caracterizado basicamente pelo extrativismo e pesca. Para se ter uma idéia geral da distinção deste fato, basta se verificar a economia que se tem em cada uma das realidades e os seus respectivos contextos sócio-culturais. Enquanto em Manaus, a preocupação é basicamente em dar para o espaço urbano uma característica industrial.

Trata-se de diferenças tão distintas entre as realidades que qualquer percepção de unidade sócio-cultural fica difícil de ser estabelecida. Seja qual for esta situação de “ruptura”, mais ou menos circunstancial ou estrutural, estabeleceu uma diferença nítida de espaço cultural entre Parintins e Manaus.

A chegada do desenvolvimento e o célere crescimento urbano trouxe inúmeras modificações na cidade, dentre elas, as das vias públicas, as quais, foram entregues aos veículos, às áreas de lazer transformadas em parques residenciais, os campos de futebol em ginásios poli-esportivos, assim como favoreceu o aparecimento dos campos de futebol privados.

De todas as mudanças ocorridas, no entanto, a que mais importa para efeito desta investigação é a de mudança dos jogos e brincadeiras de rua ocorrida em Manaus por decorrência da emergência do império dos automóveis, que com sua ascensão praticamente decreta o fim do uso das ruas, para as práticas lúdicas. Essa

ausência de liberdade privou aos jovens da cidade de continuarem a vivenciar os jogos e brincadeiras de rua, nos padrões que eram vivenciados em Parintins.

Com isto não se quer dizer que a expansão urbana industrial de Manaus tenha excluído o lúdico da sua cultura popular. Apenas se quer afirmar que as mudanças estruturais provocadas no espaço cultural da cidade de Manaus implicam o abandono de determinados padrões tradicionais concomitantemente a adoção de novos padrões coerentes a sua nova condição sócio-econômica-político-cultural. Manaus, nestas condições, parodiando a análise de economistas brasileiros que analisam o desenvolvimento econômico do país como um desenvolvimento baseado na subsistência de importações, teria operado também no plano da cultura uma verdadeira substituição de importação.

Neste contexto, a expansão de Manaus rumo ao seu destino industrial contribuiu com a substituição da cultura local pela cultura industrial da “Zona Franca” com todos os seus desdobramentos de tecnologia e produtos importados e exportados. Com isso favoreceu a substituição dos jogos e brincadeiras de rua espontâneos, pelos esportes institucionalizados, jogos eletrônicos, videogames, pelos entretenimentos televisivos, canais a cabo, pelo computador e com ele a rede mundial de computadores, a internet.

Assim sendo, a opção pela profissão de Educação Física, foi em boa parte influenciada pelas vivências inicialmente no universo lúdico das brincadeiras de rua, vividos em Parintins, e posteriormente por minhas experiências na vida esportiva a partir dos doze anos de idade, desenvolvidas em Manaus, e representam o marco importante deste processo. Toda essa gama de saberes e viveres vieram reforçar esta opção e dar contornos definidos para os ideais profissionais na vida.

Apesar de aparentemente independentes e diferentes, reconhecemos hoje, que entre o momento de infância da vivência lúdica, marcada pelo universo das ruas, com plena liberdade de ação e o momento das experiências da vida esportiva marcado por uma vida dominada por padrões, modelos de regras e comportamentos, há entre ambos um forte sentido de complementaridade.

Se o primeiro momento para nossa opção foi decisivo para a aquisição de uma postura cultural de valorização dos jogos e brincadeiras de rua, que posteriormente vieram se mostrar muito importantes para o exercício da profissão professor de Educação Física, o segundo momento nos proporcionou, além da socialização na sociedade, a plena integração, a motivação necessária para a nossa formação acadêmica. Apesar de ter passado por todo esse processo de mudança, em momento algum houve descaso às raízes sociais e culturais.

Assim como Parintins, por todas as questões anteriormente mencionadas, foram integradas na nossa forma de ser profissional de Educação Física, a Universidade viria ser um outro momento decisivo na formação acadêmica. É importante destacar que se hoje sentimos estas duas dimensões integradas na formação profissional, a passagem da consciência livre vinda das ruas para a universidade, não foi uma passagem tranqüila. Na Universidade, sofri imediatamente o impacto de uma cultura fortemente racionalista e, sobretudo técnica, mas quero dizer finalmente, que por tudo, trago da infância os sonhos do amanhã.

2.2 Jogos e brincadeiras

2.2.1 Conceitos e Significados

Nos últimos vinte anos, os jogos e as brincadeiras vem sendo reconhecidos como peça importante nas estratégias de ensino e aprendizagem. Apesar disto, a verificação deste consenso em relação à importância estratégica para o trabalho escolar, não propicia uma definição conceitual universal quanto ao uso dos jogos e brincadeiras nas práticas escolares.

Assim sendo, começamos pela discussão dos conceitos dados pelo sentido etimológico da palavra “jogo” fixado nos dicionários. O primeiro é o dicionário Houaiss, da Língua Portuguesa (2001), onde a palavra jogo aparece grafada em diversas acepções. Dentre as quais nos interessa destacar as seguintes: 1 - designação genérica de certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreação, diversão, entretenimento; 2 – atividade espontânea das crianças, brincadeira; 3 – atividade submetida a regras que estabelecem quem ganha e quem perde, competição física ou mental, sujeita a uma regra, com participantes que disputam entre si por uma premiação ou por simples prazer, etc.

Como se pode observar a palavra jogo, nas três acepções selecionadas indicam para um tipo de atividade movida por duas motivações básicas: 1 – a ludicidade; 2 – atividade racional pactual e complexa.

No dicionário Novo Aurélio Século XXI (1999), encontramos outras 20 acepções grafadas para o sentido etimológico do jogo, das quais destacamos aquelas que mais diretamente interessam para esta investigação: 1. Brinquedo, passatempo,

divertimento; 2. Vicissitudes, alternativas, vaivens, jogada; 3. Aposta; 4. Comportamento ou atitude de alguém que visa a obter vantagens de outrem.

Por fim, ao consultar o dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo, (1962) nos dispusemos, entre muitos, de um especial que diz que o jogo “é um vocábulo erudito em via de aclimatação, pela propaganda da ginástica educacional, onde as crianças brincam como gostam de brincar, escolhendo livremente as formas de expansão dessa força viva, pura e ampla que as possui totalmente”.

Considerando essa dimensão, as brincadeiras dificilmente desaparecem e são as mais admiráveis constantes sociais, transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de encanto, quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo, na velha tendência modificadora, na qual, as fórmulas novas estão vinculadas às fórmulas antigas.

Há, portanto, entre as acepções dos dicionários mencionados, a mesma definição etimológica para a palavra. Em todas elas encontramos a palavra jogo como diversão, ludicidade desinteressada, brincadeira de criança.

Saindo, no entanto, do sentido etimológico ou sociológico folclórico do vocábulo encontramos em uma obra especializada o “Dicionário de Esportes”, de Dartel Lima (2002), encontramos duas definições básicas para o termo jogo: A primeira é sinônimo de game, que significa um conjunto predeterminado de partidas, em condições de indicar um vencedor, o outro é simplesmente o ato da prática de esporte.

Neste caso apesar do sentido do vocábulo nos remeter ao mesmo significado lúdico do jogo, como cultura desinteressada, o outro significado como atividade

interessada, nos leva ao sentido metafórico de uma sociedade competitiva e concorrencial. A sociedade como um jogo e o jogo como a sociedade.

2.2.2 – O valor simbólico do brinquedo, jogo e brincadeira

Neste contexto, destacamos várias abordagens sobre o valor simbólico do brinquedo, brincadeira e do jogo, de como vem sendo tratado pela literatura especializada, para em seguida descrevermos o universo lúdico dos jogos e brincadeiras. No caso específico desta investigação não objetivamos estabelecer um único conceito o sobre o que vem a ser o brinquedo, jogo e a brincadeira. O que se espera da contribuição de alguns autores é conhecer e refletir sobre os aspectos sócio-histórico-culturais que circunscrevem o jogo como uma atividade cultural imposta historicamente.

A contribuição de Gilles Brougère para esse trabalho se deu em duas obras clássicas: *Brinquedo e Cultura* (1995), e *Jogo e Educação* (1998). Em análises preliminares nos escritos de Brougère (1995) a de se perceber sua preocupação em compreender o funcionamento social e simbólico do brinquedo, como consequência a brincadeira e o ato de brincar. Entretanto, ao falar sobre a análise do *objeto* vai dizer que:

Se o objeto é analisado como uma estreita associação entre uma função (ou uso em potencial) e um valor simbólico (ou significação social produzida pela imagem), pode-se distinguir aqueles nos quais predomina a função (objetos técnicos) daqueles em que o valor simbólico parece essencial (roupas, mobília) sem que se possa, no entanto, eliminar sua função. Sem função, o objeto pode perder seu sentido usual, ou seja, perde sua utilidade. (BROUGÈRE, 1995, p. 11)

Na ótica do autor, o brinquedo não está sujeito a essa análise, pela simples razão de que, ele é marcado pelo domínio do valor simbólico sobre a função. Para o autor a distinção entre o brinquedo e o símbolo implica dizer que o brinquedo é objeto em si com o qual se manipula a brincadeira, já o valor simbólico é considerado a ação que se produz com o objeto a partir da imaginação de quem o manipula, ou seja, o valor simbólico encontra no brinquedo a função principal.

Se observarmos grande parte dos estudos científicos de relevância produzidos em torno do brinquedo, verificamos que estes, basicamente, se encontram no âmbito da psicologia, que, entre outras coisas, analisa os efeitos deste objeto sobre a criança.

No entanto, o autor nos diz que é preciso considerar o brinquedo como produto de uma sociedade dotada de traços culturais específicos:

Por um lado, o brinquedo merece ser estudado, por si mesmo, transformando-se em objeto importante naquilo que ele revela de uma cultura. De outro lado, antes de ter efeito sobre o desenvolvimento infantil, é preciso aceitar o fato de que ele está inserido em um sistema social e suporta funções sociais que lhe conferem razão de ser. (BROUGÈRE, 1995, p. 7).

Não queremos com isso dizer que os jogos e brincadeiras de rua praticados em Maués estejam limitados a determinados objetos lúdicos. Entretanto, se faz necessário separá-los para efeito de análise. Cabe aqui distinguir esses aspectos, para perceber o que lhe é próprio antes de retomá-lo como conceito de totalidade. O termo brinquedo para efeito deste trabalho difere em dois aspectos básicos: No primeiro aspecto fazemos referência aos brinquedos de rua produzidos pelas crianças de Maués, que são criados a partir do imaginário dos seus integrantes e atribuídos novos significados. Em outras palavras, um objeto que foi jogado fora sem nenhuma serventia por alguém

pode ser encontrado e ser atribuído um novo significado a partir de uma necessidade lúdica; O segundo, se refere ao implemento brinquedo, como sendo aquele objeto produzido industrialmente ou não, adquirido no comércio para um fim específico. É notório que a atividade lúdica praticada pela juventude mauesense na sua grande maioria independe do implemento brinquedo, salvo no caso das práticas lúdicas infantis em faixa etárias inferiores a seis anos de idade que não é a realidade de nossa investigação.

Dentre as inúmeras funções sociais do brinquedo, destacamos aquela de ser o presente destinado à criança, de forma relativamente independente do uso que ela fará dele. Isso nos faz refletir naquilo que diz Brougère (1995) sobre o universo infantil:

A infância é, conseqüentemente, um momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais. As suas fontes são muitas. O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. Se ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados. (BROUGÈRE, 1995, p.40-41)

Nesse universo, a criança dispõe de uma gama de significados a serem interpretados no desenrolar da brincadeira, e isso não quer dizer que o brinquedo condiciona a ação da criança, muito pelo contrário, ele se constitui um suporte determinado, que possibilitará à criança lhe atribuir novos significados. Além do que diz Brougère (1998, p. 126) “[...] o jogo livre é educativo, pois exercita espontaneamente as forças intelectuais, desenvolve a iniciativa, disciplina a atividade [...]”. Isso implica dizer que na realidade pesquisada, a participação do professor é extremamente necessária, quando o mesmo compreende o significado de cada jogo e possibilita aos seus alunos vivenciar de forma espontânea tal jogo.

Estas são algumas das razões que Brougère (1998) considera o brinquedo não somente a partir de sua dimensão funcional, mas daquilo que ele mesmo chama de dimensão simbólica⁴. Pois, função e símbolo estão em vários momentos expressamente sintonizados e são indissociáveis do brinquedo. Nesse caso a representação desperta na criança atitude, e a função se constitui numa representação.

No olhar de Brougère (1995, p.13) “O brinquedo é um objeto distinto e específico, com imagem projetada em três dimensões, cuja função parece vaga”. A primeira, o autor afirma que a função do brinquedo é a brincadeira. Mesmo definida de forma precisa, é muito difícil descobrir uma função que possa descrevê-la com precisão. A brincadeira de fato se esquia a qualquer modelo preciso, sendo esse o aspecto que supõe de forma tradicional a idéia de gratuidade e até mesmo de futilidade; A segunda, que a brincadeira pode fabricar seus próprios objetos, a partir do momento em que se desvia do uso habitual dos objetos que cercam a criança. E por fim, a brincadeira é uma atividade livre, que segundo o autor, não pode ser limitada.

Para o autor mesmo não encontrando uma definição precisa da utilidade do brinquedo, ele vai dizer que,

[...] no brinquedo o valor simbólico é a função. E isso é tão verdadeiro que está totalmente de acordo com a lógica da brincadeira. De fato, o que é uma brincadeira senão a associação entre uma ação e uma ficção, ou seja, o sentido dado à ação lúdica? A brincadeira não pode estar limitada ao agir: o que a criança faz tem sentido, é a lógica do fazer de conta e de tudo o que Piaget chama de brincadeira simbólica (BROUGÈRE, 1995, p. 14).

⁴ Dimensão simbólica - Ler BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Lisboa: Difel, 1989.

A realidade apontada pelo autor pode ser muito bem percebida nos jogos e brincadeiras populares de rua em Maués. Como por exemplo, quando determinado grupo repetia as brincadeiras sempre de forma diferente fazendo com que as representações simbólicas assimiladas em torno do brinquedo, se dessem sempre de forma não rotineira a cada jogo.

Em se tratando de representação diz Brougère (1995, p. 42) “O brinquedo pode ser uma reprodução da realidade, mas trata-se de uma realidade selecionada, isolada e, na maior parte das vezes, adaptada e modificada [...]”, na qual a partir destas modificações, o brinquedo abandona o realismo e projeta-se na dimensão da produção imaginária específica. Em outras palavras, a criança percebe que não está diante de uma reprodução do mundo real, mas sim diante de uma imagem cultural que lhe é particularmente destinada. Isso significa dizer que antes de manipulações lúdicas existe a descoberta de objetos culturais e sócias portadores de significados. Nesse sentido, o brinquedo parece arredo à reprodução desse viver real que se vê constantemente evocado por ele, como se vivesse um mundo espelhado, que ao invés de reproduzir, produz por modificações, câmbios imaginários, provocados pelas constantes transformações sociais.

Na concepção do autor, para a criança, em sua prática lúdica, a brincadeira, não se limita em desenvolver atitudes e comportamentos, mas está a manipular as imagens, as significações simbólicas que se fazem presentes como parte da impregnação da cultura na qual está inserida. Como consequência do processo, ela passa a ter acesso, a um repertório próprio, específico de uma parcela da civilização.

Não obstante a isso, não se pode perder o olhar, a especificidade do objeto com que essa criança brinca, pois em grande parte, a criança não se limita à mera

contemplação ou à imagem que ela dispõe do brinquedo, muito pelo contrário, ela a manipula com sua criatividade, e fazendo assim, lhe atribui novo significado.

Ao se reportar ao papel do brinquedo no adensamento da cultura da criança afirma,

A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações, com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõem universos imaginários. (BROUGÈRE, 1995, p. 40).

Isso implica dizer que toda socialização pressupõe a possibilidade de apropriação de uma dada cultura, na qual é compartilhada por toda a sociedade ou por parte dela e que dispõe de um banco de imagens consideradas expressivas dentro de um ambiente cultural. É com esse cabedal de imagens e significações que a criança se expressa e capta novas culturas. Para o autor, o ser humano em geral, em especial a criança, não se satisfaz com essa relação com o mundo real dos objetos, das coisas, ela deve, sobretudo, dominar os mediadores indispensáveis desse universo que são as representações, as imagens, os símbolos e seus significados.

De certa forma, essa análise do brinquedo pode permitir colocar em destaque sua significação, não somente pela dimensão funcional, mas, sobretudo pelo seu significado simbólico. Em outras palavras, o que talvez o autor esteja querendo nos chamar a atenção é que a brincadeira, o jogo é, antes de tudo, um confronto com a cultura, na qual a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação. É, sobretudo, a entrada na cultura, numa cultura particular, produzida historicamente.

No universo lúdico, a apropriação do mundo exterior, por se dispor em um processo dinâmico, passa por modificações diversas para se transformar em atividade lúdica, na qual favorecerá a brincadeira se houver liberdade de iniciativa e de desdobramento daquele que brinca, sem a qual não existe a possibilidade de brincar. Como se pode perceber a representação do jogo é sempre cheia de significados, por sinalizar quase sempre a presença de elementos abstratos em sua estrutura.

No olhar de Caillois (1990, p. 29-30), na sua obra clássica “Os jogos e os homens” dentre vários significados atribuídos ao jogo vai dizer que ele é improdutivo uma vez que não gera bens, nem riqueza de espécie alguma e diz mais

Durante muito tempo, o estudo dos jogos limitou-se a ser a história dos brinquedos. A atenção detinha-se nos instrumentos e acessórios do jogo, muito mais do que sua natureza, nas suas características, nas suas leis, nos instintos que pressupõem, e no tipo de satisfação por eles proporcionada. Geralmente, os jogos eram tidos por simples e insignificantes diversões infantis. Não se sonhava sequer em atribuir-lhes o menor dos valores culturais. Os inquéritos efetuados sobre a origem dos jogos e dos brinquedos corroboram mais uma vez esta primeira impressão de que os brinquedos não são mais do que comportamentos divertidos, mas irrelevantes, deixados para as crianças quando os adultos encontram algo melhor.(CAILLOIS, 1990, p.79)

A opinião de Caillois é no mínimo polémica na medida em que parte de um pressuposto inaceitável que mais à frente discutiremos melhor que é o da separação entre jogo e cultura, e inaceitável nos dias atuais pela dimensão sócio-político-cultural que alcança.

O jogo na sociedade moderna não se encaixa na concepção de Caillois, muito pelo contrário. Ele gera além de riqueza direta com os eventos em si como também gera riqueza indireta, como é o caso da mídia, do patrocínio, dos equipamentos, dos implementos, do comércio, da indústria, em fim produz riquezas de várias ordens.

Nossa intenção não é a de identificar quem precedeu quem, o jogo ou a estrutura séria, até por que não é o foco desta investigação, e não sabemos até que ponto tem importância. Da mesma forma, não pretendemos absolutizar os jogos a partir das leis, costumes ou rituais ou, pelo contrário, explicar a jurisprudência, os rituais sagrados, as regras da estratégia, do silogismo ou da estética pelo espírito do jogo, pois são operações complementares, igualmente fecundas, se não se tomarem por exclusivas.

Na tentativa de definir o jogo, Huizinga (1999), realiza um verdadeiro inventário de características, no qual para um fenômeno ser reconhecido como jogo, ele precisa necessariamente apresentar algumas características das quais citaremos algumas de maior relevância: Demonstra superioridade; o desafio que supõe o prazer do jogo; o perigo; evoca facilidade, habilidade e ao mesmo tempo risco; caráter sério da vida; inteligência; limite entre prudência e audácia; regras arbitrárias, imperativas e inapeláveis; noções de totalidade, regras, liberdade, dentre outros.

Na perspectiva de Chateau (1987, p. 18) o jogo é para a criança, num primeiro momento, brincadeira, diversão, prazer, ao mesmo tempo, ele é também uma atividade séria em que o faz-de-conta ultrapassa os limites do mundo ilusório, o geometrismo infantil e busca significados para o universo lúdico da criança.

O surgimento do comportamento lúdico da criança pode ser percebido através da dinâmica do jogo, que se distingue dos jogos funcionais do bebê, estando intimamente ligado ao despertar da personalidade. Vai dizer que,

Pelo jogo, com efeito, podemos abandonar o mundo de nossas necessidades e de nossas técnicas, esse mundo que nos fecha e nos estreita; escapamos da empresa do constrangimento exterior, do peso da carne, para criar mundos de utopia. (CHATEAU, 1987, p. 13)

Nesse contexto, é fácil perceber que, quando a criança adentra no mundo imaginário do jogo, ela não apenas cresce, mas se torna grande, na dinâmica do jogo. A criança desenvolve suas potencialidades particulares, concretiza seus anseios virtuais, que estão freqüentemente aflorando do seu ser, assimila-as e as desenvolve, utiliza-as conforme lhe aprouve, amadurece e lhe dá vida.

Em relação à participação do adulto, seria descomedido dizer ainda na maioria dos casos, que o jogo infantil nem sempre está vinculado à influência do adulto. O fato de a criança preferir o distanciamento é, sem dúvida, em parte, uma fuga diante da atitude zombeteira do adulto, mas esse aspecto é secundário.

Assim como em Brougère (1995), Chateau (1987) destaca no processo de distanciamento do adulto a conquista do livre espaço de criação pela criança, o qual possibilita-a lançar-se no mundo da imaginação. Nessa ação, o autor levanta um outro aspecto importante que é a seriedade do jogo, onde supõe que esta prática lúdica representa para a criança o papel que o trabalho representa para o adulto. Como o adulto se sente seguro por suas obras, a criança também amplia as suas diversas potencialidades com suas proezas lúdicas. Nas palavras do autor:

Se não se vê no jogo um encaminhamento para o trabalho, uma ponte lançada da infância para a idade madura, arrisca-se a reduzi-lo a um simples divertimento, e a rebaixar ao mesmo tempo a educação e a criança, desprezando essa parte de orgulho e de grandeza humana que dá seu caráter próprio ao jogo humano. (CHATEAU, 1987, p. 124)

Nesse olhar, o autor de certa forma quer mostrar as relações estreitas que há entre jogo e trabalho, ao supor que jogar é sempre um dever a desempenhar, é se esforçar para cumpri-la. Isso quer dizer que é natural do ser humano, procurar superar

a si mesmo, e aos outros sinalizando que é capaz, que tem valor quando se busca um resultado final. E a criança quando colocada à margem dos trabalhos reais e sociais, acha um substituto no jogo. Daí o valor primordial do jogo para as crianças.

É importante destacar na idéia de Chateau (1987) quanto ao papel pedagógico do jogo, na tentativa de estabelecer uma relação mais próxima entre o jogo e o trabalho. Até então essa temática não tinha sustentação teórica. Para o autor, essa aproximação sustentando a opinião de que o trabalho é fruto do jogo. A idéia de que o jogo pudesse conduzir ao trabalho passou muito tempo na penumbra.

Com efeito, a prática do jogo, coloca a criança sempre de frente com o desafio a ser alcançado, o desconhecido a ser superado. Essa dimensão do jogo se dá no âmbito individual. É o caso em que o ato de jogar está quase sempre acompanhado de uma tarefa a ser cumprida, e o espaço escolar, a meu ver, seria uma possibilidade para a criança exercer essa tomada de decisão. Se assim não o for, corre-se o risco de se desvalorizar o potencial da criança bem como o processo educacional, e a brincadeira então, torna-se mero passa tempo, sem qualquer consequência pedagógica. Estes são alguns argumentos de que dispõe para afirmar que

Um outro aspecto pelo qual o jogo prepara para o trabalho é que ele é introdutório ao grupo social. Para o grande, o jogar é cumprir uma função, ter um lugar na equipe; o jogo, como o trabalho, é, por conseguinte social. Por ele a criança toma contato com as outras, se habitua a considerar o ponto de vista de outrem, e sair do seu egocentrismo original. O jogo é atividade em grupo. (CHATEAU, 1987, p. 126)

Essa é a razão pela qual o autor destaca que certos jogos e brincadeiras infantis acabem em trabalhos reais, que se constituem para muitos educadores como meio de

educação. Os jogos mais freqüentes apontados nesse contexto são: as comidinhas, a marcenaria, o mecânico, o jardineiro entre outros. Entretanto não se deve entendê-los como jogos de imitação de atividades laboriosas do adulto; eles são muito pouco numerosos e quase sempre são jogos solitários. Em termos pedagógicos diz o autor

Quem diz jogo, diz ao mesmo tempo, esforço e liberdade, e uma educação pelo jogo deve ser fonte de dificuldade física da mesma maneira que alegria moral. Repetimos ao longo desta obra, jogar é buscar um prazer moral. É esse prazer moral que devemos transpor para a nossa educação, se queremos calcá-la na atividade espontânea do jogo. Por isso é preciso apresentar à criança obstáculos a transpor, e obstáculos que ela queira transpor. (CHATEAU, p. 128).

Nesse contexto, o autor deixa claro que a criança precisa ser desafiada, não apenas na sua intelectualidade, mas, sobretudo nas suas habilidades físicas. Razão pela qual diz o autor, na ausência desses reptos à educação para criança perderá todo o sentido e não será mais do que alimento insípido e indigesto. Se outrora a educação antiga com veemência abusou do castigo físico e moral, nós educadores devemos reverter esse processo e não esqueçamos o que nos ensina o jogo de nossos filhos: que a verdadeira alegria, a humana, é proveniente de um triunfo sobre si, no domínio de si. Tanto um como outro, é possível às vezes, virem acompanhados de esforços físicos, de fadiga, que para a criança esse esforço nem sempre é doloroso.

Na ótica de Huizinga (1999), na sua obra capital “Homo Ludens” o autor defende uma tese exatamente contrária a de Caillois (1990), onde vai dizer que a cultura provém do jogo, uma vez que todas as importantes manifestações da cultura são dele decalcados. O autor conceitua jogo como um processo simultâneo de liberdade, invenção, fantasia e disciplina quando diz que

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 1999, p. 33)

É importante destacar que o primeiro conceito levantado pelo autor se faz presente explicitamente como ocupação voluntária. Este aspecto supõe que todo e qualquer participante do jogo pode suspender, parar, intervir a qualquer momento estando livre de qualquer pressão externa. A obrigação a que se submetem os participantes do jogo está estreitamente ligada aos interesses e conflitos oriundos do próprio jogo e que de fato no jogo não cabe coação externa.

Para Huizinga (1999, p. 84-85), o elemento lúdico sempre esteve presente em todos os processos culturais, como criador de muitas formas fundamentais da vida social desde o início da civilização, desempenhando um papel extremamente importante, criando cultura e permitindo ao homem desenvolver, em toda a sua plenitude, as necessidades humanas inatas de ritmo, harmonia, mudança, alternância, contraste, clímax, dentre outros. O autor afirma que a característica primordial do jogo ou a essência do jogar está no divertimento, na fascinação, na distração, na excitação, na tensão, na alegria e no arrebatamento que o jogo proporciona. Em outras palavras existe no jogo um significado que transcende as necessidades imediatas da vida e lhe confere um sentido a ação. Entre outras coisas, aponta para os dois extremos que limitam o desenrolar do jogo. O primeiro é o limite do êxtase, no qual existe a possibilidade de se deixar de jogar ao extrapolar os limites do prazer, da emoção, do

deslumbre. O outro é o limite da frivolidade, daquele elemento que encara o jogo com desprezo.

Vale ressaltar que tanto Brougère (1995), como Caillois (1990), assim também como Chateau (1987) e Huizinga (1999) concordam em alguns pontos em relação aos aspectos do jogo naquilo que diz respeito a ser uma atividade livre, socializante, de percepção de limites em função das regras, de afirmação e tomada de decisão da criança.

Os jogos são atividades coordenadas, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento, onde podemos percebê-la sobre dois aspectos: 1. O jogo não se situa na vida comum, como também não está ligado a vida imediata das necessidades ou dos desejos, ele interrompe esse mecanismo. 2. A tensão é um elemento fundante na dinâmica do jogo, pois sinaliza um caráter de incerteza, de dúvida, e parece que quanto mais acirrada for a disputa, mais acentuada será a tensão. Como se percebe, são dois momentos ambíguos que podem se fazer presentes na idéia do que diz o autor ao sustentar a idéia de que o trabalho é fruto do jogo.

A princípio, arriscamos apontar nos autores citados algumas de suas contribuições teóricas na tentativa de encontrar caminhos na temática desta pesquisa. Os jogos e brincadeiras populares na cidade de Maués, e em particular praticadas no espaço escolar, aponta para várias direções tanto no que se refere a sua origem como no seu destino, e cabe a nós tentar descrever e encontrar esses caminhos.

A brincadeira sempre existiu, desde os primórdios da criação, onde ao longo da história, tem se mantido de forma impecável e se tornou tema de várias pesquisas que possam identificar e valorizar suas diversas dimensões. O fato é que o tempo de brincar

nunca passa, pois o elemento criança acompanha o adulto por toda vida. Na ótica de Brougère (1998, p. 125), o jogo se converte em necessidade por causa das características da criança: “Não se deve esperar ensinar-lhes alguma coisa senão pelos sentidos do jogo”. Isso nos faz refletir no grande potencial que é o jogo na produção de saberes e fazeres escolares, mas que ainda não despertou o interesse de algumas escolas ditas como críticas.

3 MAUÉS – TRAÇOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

Neste capítulo, apresentamos Maués nos mais diversos aspectos sócio-econômico-político-cultural, costumes, manifestações populares, cultura indígena sateré-mawé e as razões pelas quais escolhemos o município de Maués para a realização da pesquisa.

3.1 O município de Maués – traços físicos e limites geográficos

Segundo dados oficiais⁵ de 2004, Maués esta localizada à margem direita do Rio Maués-Açú, distante da capital amazonense, a 267 Km em linha reta, e 356 Km por via fluvial. Como atividade econômica, Maués desenvolve a pecuária, a agricultura, o comércio, a indústria e o Artesanato. Com destaque para o cultivo do guaraná, pois exporta para vários países, além de possuir o maior banco genético de guaraná do mundo. Sua área territorial é de aproximadamente 39.988 Km², correspondendo a 2,54% do território do Estado do Amazonas, e sua população estimada em 2004, é de aproximadamente de 44.552 habitantes, sendo que metade dessa população vive na zona rural.

Os limites geográficos se dispõem ao norte, com os municípios de Boa Vista do Ramos, Barreirinha e Itacoatiara. Ao sul, com o município de Apuí. A leste, com o Estado do Pará. A oeste, com os municípios de Borba e Nova Olinda do Norte. Sua latitude situa-se a 3° 32'44" de latitude sul e longitude 57° 41'30" a oeste de Greenwich.

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/AM

A divisão intraurbana, da sede do município de Maués é constituída de uma área central e mais nove bairros: 1. Ramalho Jr.; 2. Maresia; 3. Mirante do Éden; 4. Mário Fonseca; 5. Santa Tereza; 6. Santa Luzia; 7. Coronel Negreiros; 8. Donga Michilles; E por fim o Bairro Novo.

O solo sustenta uma rica diversidade de solos profundos e muito profundos, de boa a excessiva drenagem, consideravelmente poroso, sinalizando pequena relação textural e pouca diferenciação entre os horizontes. De forma geral, os solos da região se apresentam de forma latossolo amarelo, vermelho-amarelo e vermelho com afloramento. As temperaturas variam entre 25° a 40°C com variação média máxima de 33,96°C e variação média mínima 25,71°C, e encontra-se numa altitude de 18 metros acima do nível do mar.

O clima característico da região é do tipo AM da Amazônia, e subtipo NA de transição, ou seja, quente e úmido. As chuvas são regulares e abundantes no município. Ocorre com maior freqüência, de janeiro a julho, com baixa precipitação de agosto a dezembro, época de verão na região, onde ao amanhecer, as temperaturas acusam em média de 28°C a 30°C.

Vários são os rios e lagos, existentes na região de Maués. Os rios são: O Maués-Açu que banha a orla da cidade, Pararauari, Amaná, Urariá, Apocuiutaua, Paracuni, Arari, Maués-Mirim, Pupunhal, Urupadi e Marau. Os dois últimos fazem parte da região habitada pelas comunidades indígenas Sateré-Mawé. Entre os lagos verificamos o do Batista, Urubu, Grande, Castanhal, Pretinho, Chibuí, Garças, Jacaré, Tapaiúna e Comprido.

O deslocamento até o município de Maués acontece basicamente sobre três formas: A primeira é via fluvial, com saída diária de embarcações da Hidroviária de

Manaus, localizada no Terminal Turístico do Porto Flutuante da Capital, às 17h, chegando no destino, por volta de 11h, com tempo estimado em média de dezoito horas; A segunda é por via rodoviário-fluvial. O trajeto acontece com a saída da Rodoviária de Manaus às 10h via Rodovia Estadual AM 010, até o município de Itacoatiara, distante da capital Amazonense, 270 Km, localizado à margem esquerda do Rio Amazonas com tempo estimado em quatro horas, indo diretamente para o Porto Flutuante de Itacoatiara. Com a saída do A Jato⁶ Maués às 14h, chegando à terra do guaraná por volta de 19h. A terceira é por via aérea, com vôos três vezes por semana, segunda – quarta – sexta, com saída do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes “Eduardinho”, por voltas das 12h, com duração em média de cinquenta minutos até o destino.

3.1.1 Breve histórico do município de Maués

O povoado de Luséa foi fundado, pelos portugueses Luis Pereira da Cruz, e José Rodrigues Preto. Em 1835, com a Revolução da Cabanagem ocorrida no Pará, encerrou-se no dia 25 de março de 1840. O ato de juramento de fidelidade à Constituição se deu no local onde atualmente situa-se a Praça Cel João Verçosa. Em 11 de setembro de 1865, Luséa mudou de nome e através da Lei nº 35 de 04 de novembro de 1892, o município passou a se chamar Maués.

A história do município de Maués está estreitamente ligada à história da Nação Indígena Sateré-Mawé. A começar pelo nome *Maués*, com origem na língua tupi-

⁶ A JATO – Transporte Rápido da Amazônia – Espécie de lancha com capacidade para cem passageiros, com um motor possante de 300 cavalos.

guarani, no qual o adjetivo *mau* é traduzido como curioso, perspicaz, astuto, intrometido. O termo *ueu* vem do nome de uma ave da casta dos papagaios. O nome Maué ou Mawé passou a ser usado para identificar junto aos povos da floresta amazônica, a nação indígena sateré-mawé, traduzida como “papagaio curioso e inteligente”, razão pela qual a cidade de Maués ficou conhecida na região, como a cidade dos papagaios falantes.

3.1.2 Manifestações Populares

O município de Maués, além das belezas naturais, praias, ilhas e lagos, vêm se destacando como um pólo de referência do turismo no Estado do Amazonas. Suas festas e tradições fazem com que Maués seja conhecida como uma cidade festeira. Realiza suas festas durante o ano inteiro. Dentre elas, destacamos duas que consideramos de maior relevância: A primeira é o “Festival de Verão” sempre realizada no mês de setembro, na semana da pátria, compreendendo o período entre cinco e sete de setembro, onde o dia cinco se comemora a elevação do Amazonas à categoria de província, e o dia sete feriado nacional da Independência do Brasil. Este evento acontece em dois momentos importantes: O primeiro acontece durante o dia com eventos esportivos de areia realizados na Praia da Ponta da Maresia como futebol, handbeach e voleibol; O segundo, acontece no período da noite com eventos culturais tendo a presença de artistas e bandas locais, estadual e nacional.

Outra festa de grande valor cultural para a cidade, é a Festa do Guaraná, geralmente realizada no final do mês de novembro, com duração de três dias. Retrata a

história da lenda do guaraná, com apresentação de várias danças e rituais da cultura regional.

As manifestações populares acontecem com frequência e são festejadas durante todo o ano. O carnaval de rua, por exemplo, é realizado no mês de fevereiro. Em maio, acontece a Festa do Divino Espírito Santo. No mês seguinte, no dia 25 de junho se comemora o aniversário da cidade, seguido da Festa de São Pedro. Em setembro, aproveitando a semana da Pátria, com o feriado estadual no dia 05, dia em que o Amazonas foi elevado à categoria de Província e mais o feriado nacional do dia 07, é realizadas o Festival de Verão, com competições esportivas durante o dia e eventos culturais à noite com apresentação musical de artistas locais, estaduais e em alguns casos artistas de renome nacional. E por fim, a tradicional Festa do Guaraná, na última semana de novembro.

Esta última muito festejada pela sociedade mauesense, pois é apresentada ao público no palco construído na área central na praia da Ponta da Maresia. A lenda do guaraná⁷ é representada basicamente por quatro rituais: O primeiro, pelo ritual que dá origem à árvore do fruto do guaraná com todo o seu significado mítico-histórico. Conta à lenda, a história de uma índia por nome Cereçaporanga, a mais bela índia e querida por seus irmãos. Certo dia, Cereçaporanga se apaixonou por um índio da tribo mundurucanha inimiga da sua tribo. Como sua tribo desaprovava o seu amor, resolve fugir e toda tribo sai em seu encalço. Sabendo que seu amado não escaparia com vida, Cereçaporanga, ajoelhada, clama ao Deus Tupã que tivesse pena dos dois e não os separassem, seria melhor que morressem juntos. O casal foi atingido com um raio

⁷ Narração da lenda extraída do livro: Maués -Estudos Sociais, Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas, 1991.

matando-os, para o grande espanto de sua tribo, os Mawés. Toda a tribo chorou por muito tempo a morte de Cereçaporanga. Entretanto, no local onde foi sepultada brotou de seus olhos uma planta cujo fruto ao amadurecer parte-se a casca externa e dentro surge uma semente de cor preta no formato de um olho. Na língua indígena, guaraná significa "parecido com olhos humanos". Segundo a lenda, são os olhos de Cereçaporanga. De um verdadeiro amor - amor desfeito pela má sorte e incompreensão restou a lenda comovida, que fala do amor e da vida de todos os Mawés. Aqueles arbustos dariam frutos que saciariam a fome e a sede de seus irmãos queridos. É tida como afrodisíaca, por ser fruto do amor proibido de Cereçaporanga e seu amado. A segunda retrata a dança da tucandeira como sendo a passagem do menino índio, o curumim à fase adulta. A terceira e a quarta são as danças das crianças e da tribo que apresentam o cotidiano da tribo. Há de se destacar que, em todos os atos, tem como pano de fundo a figura de Cereçaporanga.

3.1.3 A formação dos professores de Educação Física em Maués.

Segundo dados fornecidos pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas, FEF-UFAM, o curso de Licenciatura em Educação Física só aconteceu no município de Maués no ano de 1992 através de um convênio firmado entre da Prefeitura de Maués e a FEF-UFAM, a pedido da Prefeitura do município. Os professores licenciados nesta única turma atuam tanto na rede estadual como municipal de ensino, lembrando ainda que alguns desses professores mudaram de domicílio para outras cidades.

A demanda de escolas cresceu no município a partir de então, surgindo assim à necessidade de novos professores de Educação Física. Como não foi firmado mais nenhum convênio entre a Prefeitura de Maués com a FEF-UFAM, a partir de então, os profissionais que hoje atuam na Educação Física do Município no segmento de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental cursam outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, são contratadas pessoas com experiências em diversas áreas principalmente aqueles que atuaram como atleta no passado, mas que apresentam uma prática diferenciada na disciplina Educação Física dado a sua experiência esportiva e nas vivências nas brincadeiras de rua.

3.1.4 A diversidade cultural de Maués

A cultura do povo brasileiro se manifesta como um conglomerado de sub-culturas, como bem diz

O Brasil é uma encruzilhada de povos, de culturas, de religiões, de costumes. Por este país, ao longo de cinco séculos, povos de todo o mundo, europeus, africanos e mais recentemente asiáticos, trouxeram as suas culturas que se fundiram naquilo que muitos consideram ser a autêntica identidade brasileira”o sincretismo. (JUREMA & GARCIA, 2002, p. 219)

É possível perceber no imenso território brasileiro a diversidade de culturas, a começar pelos donos legítimos da terra, os índios, que habitavam toda essa imensidão de terras. Em seguida, a expansão africana muito bem expressa nas várias regiões do país, o conhecimento e o estar europeu que se faz presente em larga escala, com mais expressividade no sul do país. Além do que, é possível perceber com notoriedade, a

marca dos domínios territoriais militares, no que restou dos fortes espargidos pelas costas brasileiras, e não podemos deixar de mencionar também a presença da igreja, da praça, enfim, uma fusão de elementos culturais diferentes, muitas vezes antagônicos, que identificam a maneira de ser do brasileiro, em especial do homem amazônico sem, contudo, esquecer as nossas raízes nos povos da floresta.

Como consequência para além da diversidade física dos povos, os autores afirmam que existe uma outra cultura não menos importante muito presente no país, e como extensão, na região amazônica que é a diversidade sócio-histórica:

A cultura da modernidade, isto é, a lógica da sociedade industrial está lado a lado com a cultura tradicional, com os saberes e práticas intemporais. Também o racionalismo e o conhecimento mítico se entrecruzam, não sendo mais possível saber onde acaba um e começa a outra forma de saber. (JUREMA & GARCIA, 2002, p. 220)

Essa realidade de que falam os autores, se faz presente nas diversas manifestações culturais espalhadas em todo o Estado do Amazonas, a exemplo disso é o Festival Folclórico de Parintins, que apresenta o culto a uma simbologia (animal) o “boi”, representado por dois elementos folclóricos, os bois bumbas “Caprichoso” e “Garantido”, onde encontram-se cingidos de manifestações místicas, de ingerências tecno-industriais, produzindo um grande conflito cultural com a resistência da cultura local frente à cultura da sociedade moderna.

É nessa panorâmica cultural da Amazônia, que Maués se constituiu historicamente influenciada por várias culturas, que se fizeram presentes na região desde a época dos colonizadores. Em meio a essa diversidade cultural, destacamos

pelo menos três que consideramos as mais relevantes para efeito deste trabalho. A primeira, a cultura indígena sateré-mawé, os donos da terra, presentes desde antes da colonização. A segunda, a cultura popular fruto de várias culturas das diversas regiões do país que é, sobretudo, uma cultura miscigenada, a qual participam, da sua formação a cultura ocidental, branca, católica, científica, trazida de fora, travestida de “erudita”. E por fim, a cultura desportiva, a mais recente, com pouco mais de dez anos, mas que substancialmente conquistou seu espaço junto à sociedade mauesense, sem desmerecer as demais culturas.

Esses são algum sinal de largo diferencial do município de Maués, em relação às demais cidades da região amazônica. No entanto, a cultura indígena sateré-mawé, como precursora desse processo, não se representa na mesma proporção no espaço escolar.

3.1.5 Jogos e brincadeiras de rua de Maués

O jogo é o momento do tempo escolar que não é consagrado a educação, mas o repouso necessário antes da retomada do trabalho.

Brougère (1998)

No universo lúdico de jogos e brincadeiras de rua em Maués no Amazonas, encontramos uma variedade deles, compreendendo onze ao todo, dos quais destacamos apenas nove, que consideramos de maior relevância para esta pesquisa. Os outros dois jogos, “cangapé” e “garrafão” foram vistos apenas em dois pontos da cidade e, portanto, desconsideramos para efeito desta pesquisa, em razão de

apresentarem riscos à saúde e à integridade física dos participantes. O primeiro, por se utilizar objetos pontiagudos como facas, canivetes, e implementos artesanais; O segundo por incentivar agressões físicas comprometendo a integridade física de seus praticantes.

Os jogos e brincadeiras encontrados foram os seguintes: barra-bandeira, também chamado de “guerra dada”; Jemerson, também conhecido como *da pincha*; bolinha de gude (turite - ronda - ronda mate); bétis, jogo do taco; manja pega - se esconde; elástico; “geral”; papagaio de papel; queimada.

Apesar dos jogos e brincadeiras mencionados estarem presentes no universo cultural da cidade de Maués vamos distinguir, para efeito de descrição apenas as mais utilizadas pelos professores em suas práticas pedagógicas, que são: A - jogo da barra-bandeira ou guerra-dada; B - jogo da bolinha de gude; C - jogo da queimada também conhecida na região amazônica como cemitério; D - a brincadeira do pular corda; E - a brincadeira do elástico.

A Barra Bandeira ou “Guerra Dada”

O jogo da Barra Bandeira conhecida em Maués também por Guerra Dada, consiste num jogo competitivo entre duas equipes de igual número, que dependendo do lugar e do número de crianças pode variar de no mínimo 4, e o número máximo será sempre definido sobre duas situações: ou pelo número de crianças, ou pelo espaço físico disponível para a realização do jogo. Esse espaço deve se dispor em dois campos de aproximadamente o mesmo tamanho divididos por uma linha central. Cada equipe deve apresentar uma barra bandeira e fincá-la numa distância da linha divisória,

mais ou menos de dez a quinze passadas da linha central do campo de jogo e visível a todos.

O jogo inicia com os participantes cantando a seguinte cantiga: “Guerra dada, Maria queimada, da canela sabrecada”. Posteriormente, ambas as equipes tentam adentrar no campo adversário com o intuito de pegar a barra bandeira que se encontra fincada no território adversário. Na região amazônica, utiliza-se geralmente um galho de árvore⁸ que deverá estar num local à vista de todos em ambos os territórios. Os jogadores devem trazer a barra adversária para o seu campo sem ser colado⁹ por seus oponentes.

Destacamos nesse jogo um aspecto defendido por Brougère (1995) em relação à dimensão simbólica quando ao efetuar uma analogia entre o jogo e a guerra, na busca de algumas respostas as suas indagações sobre duas representações fortemente encontradas na guerra como sendo a violência e agressividade e que no jogo da barra bandeira se manifesta como coragem e ousadia. Nesse sentido, é importante refletir naquilo que diz Brougère (1995, p. 76) “[...] é importante analisar a própria brincadeira de guerra, na lógica peculiar, sem as conseqüências que lhe são atribuídas e sobre as quais só possuímos poucos elementos, muitas vezes contraditórios”. Nesse sentido, ressaltamos duas representações muito particulares na relação direta deste jogo com a guerra e que constituem elementos desafiadores na dinâmica da barra bandeira, poder e ousadia. Na guerra, a bandeira fincada no território significa domínio e poder de

⁸ Galho de árvore – Elemento imprescindível para este jogo na cultura lúdica local, tipicamente da região e simboliza o valor da floresta para o homem amazônica.

⁹ Colado – Quando o jogador adversário é tocado por um defensor dentro do campo deste. A sensibilidade ao toque no momento da fuga, onde mesmo sem contemplar com os olhos, ao sentir ser tocado, automaticamente o jogador muda de atitude.

determinado grupo sobre este território, onde seus leais defensores estão dispostos a dar a vida para defendê-lo das forças inimigas. Ao contrário da guerra, o objetivo do jogo da barra-bandeira é buscar a bandeira adversária sem qualquer atitude de violência, mas de ousadia e coragem, trazendo-a para seus domínios.

Pelo olhar da ludicidade, a dinâmica do jogo substitui os subterfúgios da barbárie da guerra pelas habilidades motoras básicas de ambas as equipes como: velocidade, agilidade e resistência, para esquivar-se do adversário ao adentrar em seu campo ou mesmo persegui-lo no seu próprio campo defensivo. Da mesma forma pelas habilidades psíquicas tais como tomada de decisão, coragem e astúcia, solidariedade e unidade, criando estratégias para adentrar no campo adversário e para defender-se caso sofra alguma investida adversária.

Esse talvez seja o grande atrativo do jogo. A tensão constante provocada por duas ações contrárias e concomitantes, como sendo a ânsia de invadir o campo adversário, ao mesmo tempo estar de prontidão para não ser surpreendido a qualquer momento por uma invasão adversária em seu território.

Essa cultura é particular, por que ela pertence a um dado contexto social, produzido historicamente, na qual a criança se apropria do universo que a rodeia para socializá-lo na sua própria dinâmica. Essa possibilidade de conquista do território adversário é o elemento motivador, pois só se conquista algo se tiver pleno domínio.

Como podemos perceber, segundo Brougère (1995, p. 79), há “uma estreita relação estrutural entre guerra e jogo coletivo”, no caso específico desta investigação a barra-bandeira, pois, tanto esse jogo como a própria guerra se baseiam em dois princípios básicos: O primeiro na oposição de dois campos; O segundo, na existência de um vencedor e um vencido.

O objetivo do jogo é adentrar no terreno do adversário, e trazer a barra para o seu campo defensivo, sem ser colado pelo adversário dentro do seu campo. O jogador que for colado encontra-se neutralizado para realizar qualquer ação que venha contribuir para o êxito de sua equipe.

Estando colado, o jogador só poderá contribuir para sua equipe quando for descolado por um companheiro que ao invadir o campo do adversário e sem ser pego, o descolar. A partir daí, o jogador passa a ser um elemento novamente ativo estando apto para atuar em prol de sua equipe.

O ponto de equilíbrio do jogo encontra-se nas estratégias com que as equipes se utilizam para invadir o campo adversário na tentativa de trazer a barra para o seu campo, ao mesmo tempo se defender de uma possível invasão. As investidas das equipes na invasão do terreno adversário são resultados da criatividade, ousadia, após a leitura do campo adversário compreendendo vários aspectos, dentre os quais destacamos: A análise das dimensões do campo adversário. Quem são os oponentes com mais e menos iniciativa? Qual o lado do terreno adversário mais vulnerável para se invadir? Com quantos jogadores devemos invadir? São questões indagadas pelos participantes que só podem ser replicadas no momento em que se encontram articulando a forma mais eficaz de invadir o campo adversário sem ser interpelado. Não se pode esquecer também que a equipe adversária está também pensando estratégias para invadir o seu campo e não se deve descuidar do seu campo defensivo.

Como podemos perceber não é simplesmente um jogo de habilidades físicas apuradas que se valoriza apenas o vigor físico, a agilidade, mas considerar o que diz Chateau (1987, p. 124) “[...] o jogo exercita não apenas os músculos, mas a inteligência; dá flexibilidade e vigor, mas, igualmente, proporciona esse domínio de si

[...]”. Algo que nos chamou a atenção durante a prática desse jogo em Maués é o fato de que com raras exceções se repetia a mesma estratégia ofensiva de jogo.

Outro ponto a destacar é que nem sempre a vitória é privilégio da equipe que invade o campo adversário com mais jogadores. No desenrolar do jogo e com frequência é necessário que cada equipe pense na melhor estratégia de invasão do campo adversário, identificando seus jogadores mais hábeis, e ao mesmo tempo aqueles que melhor defendem, e os mais frágeis. É um jogo que possibilita a seus participantes valorizar importância e o papel de cada um jogador para a equipe. Ou seja, nem sempre o mais forte é o mais indicado para exercer papel principal em determinada estratégia, mas sim aquele que para o adversário parece o mais insignificante. É um jogo que podemos identificar vários saberes presentes nos conteúdos escolares que possibilitam maior apreensão de conhecimentos.

As regras do jogo acontecem basicamente sobre quatro aspectos que consideramos determinantes: 1. Não é permitido aos participantes, quando invadirem o campo adversário, jogar a barra do campo deste para o seu campo; 2. Também não é permitido puxar o adversário para o seu lado na hora dos cumprimentos cordiais na divisória do campo; 3. Não é permitido ao jogador colado dar continuidade a qualquer tipo de ação em prol da sua equipe; E por fim, algo que nos chamou a atenção em relação a postura ética dos participantes em sua grande maioria, quando no ato de ser colado, reconhecer sua situação de neutralidade e se deslocar para o lugar onde está colocada a barra.

B Bolinha de Gude

Várias são as formas de se impelir o jogo da bolinha de gude. É um jogo que na ausência de bolinhas de vidro, pode ser jogado com pinchas que podem ser encontrados em geral em áreas próximas das feiras existentes ou do comércio da cidade de Maués. Encontramos diversas formas de se jogar a bolinha nas ruas de Maués, mas no espaço escolar verificamos três que consideramos importantes: 1. o turite; 2. a ro(n)da dedo; 3. a ro(n)da mate.

A primeira é o turite, onde só pode ser jogado com o número mínimo de dois participantes. Utilizam os dedos da mão, no qual cada jogador necessita de uma série de habilidades específicas para se manter no jogo por mais tempo, caso contrário perderá todas as suas bolinhas. Para efeito deste trabalho elencamos algumas que julgamos as mais importantes, sem as quais não se pode jogar: 1. domínio motor do téco¹⁰ ; 2. noção de velocidade e força; 3. noção de espaço e tempo; 4. conhecimento geográfico; auto-controle. Para se jogar o turite é necessário considerar dois pontos importantes: Primeiro, a escolha do lugar adequado, analisando o número de jogadores e um terreno de preferência plano; Segundo marca-se no chão com qualquer objeto que se possa riscar, tipo, pedra, palito de picolé ou similar, uma primeira linha, reta, com o tamanho mínimo de uma passada aproximadamente, para se casar¹¹ as bolinhas

¹⁰ Téco – Termo usado para se jogar o turite, na qual a bolinha deve está posta no chão e o jogador efetua com sua mão dominante apoiada no solo uma pressão com o dedo polegar sobre o dedo indicador ou o maior de todos em direções contrárias com o polegar sempre pressionando para trás e o outro para frente.

¹¹ “Casar bolinhas” – É a ação de se colocar as bolinhas a serem disputadas no jogo, em cima da primeira linha e que podem ser apostadas sob duas formas: A primeira, definir o número exato de bolinhas a serem disputadas a cada partida (1,2,3,4,5,etc); A segunda casa-se um número x de bolinhas e aposta-se outras por fora ex: Cada jogador casa cinco na linha e aposta mais cinco por fora. O jogador que ganha a partida recebe as bolinhas casadas e as que apostaram por fora.

a serem disputadas. E em seguida é marcada uma segunda linha de maior tamanho paralelamente a primeira linha, numa distância aproximada de três passadas. De acordo com o número maior de participantes poderá ser casada uma quantidade maior de bolinhas na linha ou por fora;

Para se iniciar o jogo é imprescindível que cada jogador defina qual será sua ponteira, que por sua vez deve se destacar das demais do jogo, por ser maior que as demais bolinhas casadas. Para se prosseguir é necessário seguir uma seqüência de passos: 1. cada jogador arrisca a sua ponteira¹² através de um téco para tirar o ponto; 2. A potência a ser jogada a ponteira deve ser de tal forma que a aproxime ao máximo da linha onde se encontram as bolinhas casadas; 3. Após todos os participantes terem tirado o ponto, a ponteira que mais se aproximar da linha das bolinhas casadas, o jogador iniciará a partida; 4. A dinâmica do jogo não se resume somente em efetuar o turite, mas sobretudo, em ganhar o máximo de bolinhas de cada participante durante a partida. Esse ganho acontece quando o jogador da vez acerta isoladamente na ponteira de qualquer um dos participantes e recebe de imediato o número de bolinhas casadas por cada um.

Em todo início do jogo da bolinha de gude é comum o acordo entre os participantes para se definir a quantidade de bolinhas a ser disputadas, sejam elas casadas na linha do jogo ou até mesmo nas apostas por fora. Este acordo dependerá do número de participantes do jogo e da quantidade de bolinhas que cada um deles possui. Após as bolinhas casadas na primeira linha, todos os jogadores se dirigem para trás da segunda linha, paralela a linha do turite, a uma distância estabelecida em

¹² Ponteira – É a bolinha cada participante escolhe entre as suas que diferencie de preferência das demais, no que se refere a tamanho, peso. Depois de começada a partida, o jogador só poderá trocar de ponteira com o consentimento dos demais jogadores.

comum acordo com todos os participantes. Cada membro do jogo lançará sua ponteira em direção a linha do turite, com o intuito de se aproximar ao máximo desta linha. O jogador que ficar mais próximo da linha do turite iniciará o jogo. Caso não consiga efetuar o teco em duas bolinhas consecutivas a vez é passada para o jogador seguinte, e assim sucessivamente.

A partida se encerra quando um dos jogadores acertar duas bolinhas seguidas podendo acontecer sob duas formas: Na primeira, a ponteira pode acertar duas bolinhas casadas consecutivamente; Na segunda, a ponteira pode acertar uma bolinha casada e a ponteira de qualquer outro jogador. Ao término da partida, o jogador que vence ganha as bolinhas do jogo e as casadas por fora caso seja acertado entre os participantes.

É um jogo em que podem participar diversos jogadores, independentes de idade ou sexo. Esta modalidade do turite assim como as demais possibilita a seus praticantes não somente absorver os conhecimentos acima, mas, sobretudo adquirir habilidades específicas de domínio, controle, direção, precisão, noção de espaço e tempo, velocidade e força. Em Maués, encontramos na periferia da cidade vários grupos de crianças que na impossibilidade de se adquirir bolinhas de gude, jogavam de duas formas distintas: Uma primeira com caroços de tucumã¹³; A segunda com pinchas¹⁴ tampinhas de refrigerantes de garrafa de vidro. Apenas nas ponteiros é que são colocadas um pouco de barro, para ficar mais pesada que as tampinhas normais.

¹³ Tucumã – Fruta típica da região amazônica, na qual sua árvore se dá em forma de palmeira, e seu teor é rico em calorias.

¹⁴ Pincha – Tampinha de garrafa de vidro tipo, guaraná, refrigerante, cerveja, etc.

Na outra modalidade do jogo da bolinha de gude, na versão roda¹⁵ dedo as habilidades motoras específicas são semelhantes a do turite, porém, a estrutura do jogo é diferente sobre dois aspectos: O primeiro diferente do turite, desenha-se um círculo médio com um “T” riscado no centro, na proporção do círculo; O segundo é que só pode ser jogada por dois jogadores.

O jogo acontece da seguinte forma: Nas extremidades da linha 1 do “T” que se encontra na horizontal coloca-se as ponteiros de cada jogador; Na linha 2 colocada na vertical deve-se colocar (casar) uma bolinha de cada jogador. Ganha o jogo, aquele que der um “téco”, consecutivo nas duas bolinhas casadas.

A dinâmica do jogo consiste em afastar a ponteira do outro jogador da proximidade do círculo. Cada vez que um jogador acertar a ponteira do outro, ganha uma bolinha do mesmo. Em sua regra básica só podem ser casadas duas bolinhas, uma de cada jogador. Desde que haja acordo entre os dois jogadores, podem ser casadas mais bolinhas por fora. É importante destacar a flexibilidade no número de apostas que pode ser modificada a cada partida.

Por fim, a terceira e última modalidade de jogo da bolinha de gude é roda mate. Nesta modalidade, as habilidades motoras e a estrutura do jogo diferem substancialmente das duas modalidades anteriores. Em relação às habilidades motoras específicas a bolinha é jogada com as mãos da seguinte forma: Para se efetuar uma jogada o participante deve estar com as pernas afastadas a sua comodidade, pés paralelos, inclinação do tronco para frente com uma semi-flexão das pernas e executa-se um movimento de pendulo com o braço de domínio entre as pernas para trás, e

¹⁵ Roda – O termo é escrito dessa forma, mas é comum na região amazônica, em especial na cidade de Maués, ouvimos no jogo da bolinha de gude, nas versões roda dedo e roda mate, o termo ro(n) da.

lança a bolinha para frente em direção ao seu destino. Esse movimento deve ser devidamente dominado e controlado pelo jogador em razão do objetivo que se pretende no jogo que são basicamente três: 1. Tirar o ponto; 2. Acertar as bolinhas de dentro do círculo onde encontram-se as bolinhas casadas; 3. Acertar a ponteira dos demais jogadores;

Em se tratando da estrutura do jogo ela é definida em função do número de participantes. Em alguns lugares de Maués, percebemos as crianças jogando em número mínimo de três e em outros casos até seis jogadores. O espaço a ser utilizado para esta modalidade deve ser maior que o espaço das duas formas anteriores. Desenha-se um círculo que possa comportar todas as bolinhas casadas, que nesse caso pode ser no mínimo de duas bolinhas. Conforme for acordado o número de bolinhas casadas pode-se aumentar a dimensão do círculo. Em seguida, risca-se uma linha (linha de lançamento) distante aproximadamente entre sete e dez passadas distante do círculo. Nessa modalidade, a ponteira é um patecão¹⁶. O jogo inicia-se tirando o ponto, onde todos os jogadores um de cada vez, se colocam ao lado do círculo e lança sua ponteira em direção à linha de lançamento. Aquele que parar mais próximo, seja antes ou depois da linha, o jogador inicia o jogo, lançando sua ponteira em direção do círculo das bolinhas casadas como o intuito de tirá-las do círculo. Caso isso aconteça, as bolinhas que saírem do círculo serão suas, do contrário, é a vez de outro jogador.

Seguindo a mesma dinâmica do turite, os jogadores acordam previamente a quantidade de bolinhas a ser colocada dentro do círculo, e não necessariamente que

¹⁶ Patecão – É uma bolinha de vidro em dimensões maiores que as bolinhas comuns e conseqüentemente mais pesadas. Em alguns casos as crianças utilizam as esferas de aço dos rolamentos inutilizados das rodas de automóveis para jogar o roda mate.

seja o mesmo numero de bolinhas a ser casado na partida seguinte. Neste caso, a cada partida pode ser acordado o numero de bolinhas a serem disputadas.

O jogo tem seu início com todos os jogadores dispostos ao lado do círculo lançando sua ponteira um de cada vez em direção a linha de lançamento. O que mais se aproximar desta linha será o primeiro a jogar. A ponteira deve ser lançada em direção ao círculo, com força suficiente para acertar e espalhar as bolinhas, com a finalidade de tirá-las do círculo. Se acertar as bolinhas do círculo e desloca-las para fora do círculo, o jogador as recolhe e continua a jogar. Caso contrário, será a vez de outro jogador e assim sucessivamente. O jogo termina quando todas as bolinhas são tiradas do círculo. Da mesma forma que o turite, no ronda mate, é permitido ao jogador na sua vez, tentar acertar a ponteira dos demais. Caso isso ocorra, ganha deste a quantidade de bolinhas casadas por cada um.

Nessa modalidade de jogo, como podemos perceber existem ganhos de várias formas contrapondo a idéia de Caillois (1990, p. 29) quando diz que o jogo é uma atividade improdutiva, se considerarmos a produção industrial da bolinha de gude, o consumo no comércio local, a oferta, a procura, as apostas acertadas pelos jogadores no jogo e fora dele, a especulação, enfim existe toda uma produção de riqueza em torno do jogo.

C Queimada - Cemitério

Esta prática lúdica tem se mostrado ao longo de sua história como forma de se demonstrar poder, força, agilidade, confiança, e respeito entre seus praticantes. Para efeito desta pesquisa é importante destacar o significado dos dois termos, queimada e

cemitério. O primeiro é utilizado em razão de que o ato de jogar a bola no adversário, tocar nele e cair à bola no chão, este jogador é considerado queimado. O segundo muito utilizado pelas crianças amazônicas se dá em razão de que o jogador no qual é atingido pela bola e a mesma cai no chão é considerado morto.

A estrutura do jogo é composta de dois pontos determinantes: O primeiro em relação ao terreno de jogo, no qual se divide em dois meio-campos de proporções iguais por uma linha reta que possibilite jogar um número mínimo de cinco pessoas de cada lado. Lembrando que no fundo de cada campo deve se traçar uma linha paralela conhecida como *zona do morto*, na proporção da linha divisória do campo. Esta área é destinada aos jogadores adversários de cada campo que forem queimados ou mortos de cada grupo; A bola do jogo deve ter a circunferência de tal forma que seus praticantes possam pegar, dominar e lançar. A princípio pode se jogar com qualquer bola.

O jogo acontece sob algumas regras que dependendo do grupo que esteja jogando ela venha ser mais flexível ou mais rígida. Para maiores esclarecimentos destacamos alguns aspectos que consideramos fundamentais para o bom andamento do jogo: Primeiro, as equipes devem ser divididas em números iguais. Caso tenha um jogador a mais, a equipe que possui um jogador a menos, o seu último jogador terá duas vidas, ou seja, se for queimado ou morto, terá mais uma chance de jogar; Segundo, o ponto alto do jogo é queimar os jogadores adversários mais fortes para enfraquecer a equipe, e ficar mais fácil queimar os demais; Terceiro em alguns grupos de criança a pessoa que é queimada leva a bola consigo para a zona do morto, para assegurar sua vez de jogar. Em outros grupos de crianças, as maiores, esse jogador vai para a zona do morto e a bola fica com sua equipe; Há ainda disputas em que para se

manter o jogo mais dinâmico, ao ser lançada à bola e queimado alguém, no campo onde ela cair essa equipe terá sua posse e poderá queimar qualquer jogador adversário. Em alguns grupos de crianças o jogo é *do manda*, ou seja, o jogador que for queimado pode mandar outro em seu lugar para a zona do morto; Quarto durante o jogo, tanto os jogadores que ainda não foram queimados, como os que estão na zona do morto, podem queimar jogadores da equipe adversária; E por fim o jogo se encerra quando todos os jogadores de uma equipe são queimados.

Quanto mais pessoas participarem do jogo, mais interessante e empolgante ele será. Lembrando sempre que no terreno de jogo deve conter a seguinte demarcação: 1. Dois campos de igual tamanho, geralmente dividido no meio por uma linha longa, tomando toda a área a ser utilizada; 2. A área dos queimados (morto) deve ser demarcada no fundo de cada lado do campo, com dimensões menores.

O jogo da queimada por muitos anos se praticou em campos abertos, ou áreas imensas onde em muitos casos a brincadeira se tornava desinteressante pelo longo tempo que se gastava para queimar todos os jogadores da equipe adversária e vencer a partida. Nos tempos atuais algumas regras tornaram o jogo mais interessante como: 1. Se iniciar o jogo com um jogador na zona do morto. Ao primeiro que for queimado de sua equipe, somente este poderá voltar para seu campo; 2. Após uma queimada no adversário e a bola voltar para o campo do atacante este poderá pegá-la e queimar outro adversário.

D Pular Corda

A brincadeira do pular corda encontra-se inserida nas brincadeiras participativas, onde percebemos uma série de conhecimentos inerentes à formação do indivíduo como um todo. Podemos destacar diversos momentos distintos, mas que acontecem concomitantemente tornando a brincadeira um atrativo a mais para aqueles que o praticam.

Nas observações feitas durante a pesquisa exploratória em relação aos jogos e brincadeiras de rua mais utilizadas pelos professores em suas práticas pedagógicas, percebemos que as brincadeiras do pular corda e elástico têm características próprias e diferem dos jogos da barra bandeira, bolinha de gude e a queimada descritos anteriormente como jogos competitivos. Em se tratando da brincadeira do pular corda, destacamos quatro aspectos de maior relevância: 1. A participação de meninos e meninas com o domínio maior do segundo grupo; 2. A presença de cantigas para dar mais dinamismo e imprimir ritmo as várias formas de se pular corda; 3. Não há restrições quanto ao número de participantes; 4. A conduta das crianças ao perceberem um número maior de participantes, logo alguém providencia uma outra corda.

Existe também o pular corda individual, geralmente com uma corda menor de dimensão mais ou menos entre 1,50m e 2,00m. Nessa forma de pular corda, o participante mesmo pulando sozinho, a de se perceber um ou dois participantes a sua espera caso venha errar. Esta modalidade também apresenta suas características próprias na dinâmica do pular: No primeiro momento, pode-se pular dando um pequeno saltito antes de pular sobre a corda; No segundo, o praticante efetua somente a rotação dos punhos para girar a corda com os braços dispostos ao lado do corpo; No terceiro

momento, a corda pode ser girada tanto para a frente como para trás, ou cruzada nos dois sentidos; No momento seguinte a corda deve ser rodada duas vezes, rápidas, entre um pulo e outro; 5. O praticante pode saltar somente com uma das pernas trocando a cada número de pulos (um, dois três, etc); E por fim, em um grau maior de dificuldade o praticante cruza os braços e realiza o salto tanto girando para frente como girando para trás em momentos diferentes.

O pular corda desperta um momento único para quem o pratica pelo fato de que ao brincar o participante estando na sua vez, o incentivo dos demais colegas o conduz em grande maioria a superar seus medos, seus conflitos. É hora de tomada de decisão na qual ele, somente ele pode fazê-lo.

É um momento em que as crianças quando brincam de pular corda, se sentem muito à vontade para expressar suas emoções e sentimentos. Favorece a socialização de todos os praticantes espontaneamente. Não precisa de muito espaço físico para brincar, como os demais jogos e brincadeiras até aqui apresentados.

Para seus praticantes, pular corda só faz sentido se for acompanhado de uma cantiga das quais destacamos cinco que consideramos as mais importantes para esse trabalho: 1. O homem bateu em minha porta; 2. Pimenta, pimentinha, pimentão; 3. Quantos anos você tem? 1, 2, 3, 4, 5, etc; 4. Qual é a letra do seu namorado? A, b, c, d, etc; 5. Um, dois, três, dama, valete, rei.

Na primeira forma, a cada vez que a corda é bombeada¹⁷ e no ritmo da cantiga o colega que está pulando executa exatamente o que diz a canção: bota a mão no chão e pula, depois pula de um pé só sobre a corda, na próxima bombeada da corda executa um giro e sai da área de pular sem que a corda o toque. Na segunda forma, cada palavra significa um ritmo: Pimenta, quer dizer girar a corda lentamente; Pimentinha supõe um pouco mais rápido; Por fim o pimentão que é num ritmo mais forte. O aumento de velocidade não obedece qualquer critério para mudança de ritmo, pode ser após a primeira, a segunda, a terceira bombeada. Os dois colegas que estão bombeando é que definem o momento de mudar de ritmo. O participante erra, quando na sua vez não consegue pular a corda na hora que a mesma irá passar por baixo dos seus pés ao executar o pulo. Nesse caso só terá nova chance após todos os participantes terem tido oportunidade de pular. Na terceira forma, todos cantam a cantiga “Quantos anos você tem? 1, 2, 3, etc” no ritmo do bombear da corda até errar o salto. Ao término do pulo de cada participante o resultado indica a idade do participante. Na quinta forma a cantiga é jogada apenas por meninas, onde cantam “Qual a letra do seu namorado? a, b, c, d, etc”, Ao errar o pulo todos os participantes dirigem a palavra a colega que errou e dizem: O namorado dela começa com a letra pronunciada no momento em que errou. E por fim a cantiga envolvendo numerais e algumas cartas do jogo de baralho: Um, dois, três, dama, valete, rei! Se o colega errar no momento da fala

¹⁷ Bombeada – Termo utilizado na brincadeira do pular corda. É o ato de bombear a corda efetuada por duas pessoas frente a frente distantes o suficiente uma da outra segurando uma corda para que o colega que vai pular tenha espaço entre os dois e executar seus movimentos. Essa disposição dos dois bombeadores coordenadamente escolhem bombear a corda para o lado esquerdo ou direito em ritmo cadenciado de acordo com grau de dificuldade do colega que vai pular de acordo entre todos os participantes.

dos números não acontece nada. Caso venha errar na seqüência das cartas de baralho, será chamado de tal nome.

Há de se destacar os diversos conhecimentos diversos apresentados em cada forma de pular corda, dos quais sinalizamos, movimentos uniformes, equilíbrio, força, ritmo, coordenação, giros, relações sociais, no qual, todos sincronizados devem ser executados seqüencialmente antes ou depois da corda completar o giro. Outro aspecto a destacar, se refere aos dois elementos que bombeiam a corda, pois devem ter sincronia no bombear, perceber a distância que se dispõem um do outro para que a corda não fique muito baixa ou para que não fique muito alta e dificulte o bombear.

Para se brincar de pular é necessário uma corda que pode variar de tamanho de três a cinco metros, em função do número de participantes. As formas de brincar são praticamente duas: 1. Individualmente, sendo necessário uma corda de no mínimo dois metros aproximadamente; 2. Em grupo de no mínimo três pessoas que se utiliza de uma corda com no mínimo três metros de comprimento aproximadamente. Nesta segunda forma, é preciso duas pessoas para bombear, que revezam espontaneamente a cada momento para que todos participem da brincadeira.

E - Elástico

A brincadeira do elástico foi outra atividade lúdica encontrada com maior frequências durante a prática docente dos professores entrevistados, e muito solicitadas pelas crianças do sexo feminino. Muito pouco se viu os meninos participando desta atividade.

A brincadeira do elástico é de fácil aceitação entre as meninas por apresentar movimentos mais femininos. Não requer vigor físico apurado e sim graciosidade. É possível que essa seja a razão pela qual não desperta maior interesse entre os garotos.

A estrutura de funcionamento da brincadeira não requer grandes implementos e muito menos de maiores espaços. Basta um elástico não muito grosso com tamanho aproximado entre três e quatro metros de comprimento. Ao contrário do que muitos pensam, a brincadeira do elástico não é tão simples assim é de complexa compreensão por apresentar níveis de dificuldades diversas como: altura do elástico, movimentos seqüenciais, coordenação motora geral, concentração, dentre vários outros conhecimentos, que requer de seus praticantes um certo domínio de cinco aspectos relacionados à aprendizagem que consideramos determinantes: 1. A seqüência pedagógica do fácil para o difícil, do simples para o complexo, do mais baixo para o mais alto; 2. Noção de tempo e espaço, o antes, o depois, o agora; 3. Noção de ritmo, mais lento, mais rápido; 4. Noção de lateralidade, para esquerda, para a direita, para frente, para trás; 5. Destreza, com movimentos hábeis, bem coordenados.

Outro aspecto observado com bastante propriedade está relacionado à forma de brincar das crianças dentro e fora dos muros da escola, relatadas pelos professores entrevistados, onde por unanimidade, todos os professores perceberam que dentro dos muros da escola as crianças se sentem reprimidas, pressionadas, cobradas pelas formalidades enquanto que fora dos muros da escola, se sentem com mais liberdade. Segundo o depoimento de um professor entrevistado, para o aluno brincar com liberdade é poder confeccionar seu próprio brinquedo com o material tido como sucata encontrada em vários lugares como a rua, as lixeiras, os terrenos baldios, onde o objeto

com que vai brincar não precisa ser um brinquedo adquirido no comércio, produzido industrialmente.

Para esse aluno é importante se sentir livre para estar à vontade, vestir a roupa que julgar adequada, estar descalço, correr, subir e jogar pedras em árvores, fazer estripulias, brincar com o que quiser, usar seu próprio linguajar sem ser criticado, vivenciar situações reais, criar seu próprio espaço, enfim, produzir seus próprios brinquedos, coisa que na escola ao aluno não é permitido fazer. Muito pelo contrário, na escola os alunos são cercados de restrições, não pode gritar, não pode correr, não pode transpirar fora de sala senão a professora aplicará alguma punição. Tudo é levado pelo aspecto formal.

Por outro lado, para a maioria dos professores entrevistados em razão do volume de conteúdo previsto na Proposta Oficial para a Educação Física, e pela forma como estes são propostos para serem absorvidos nas escolas, tem-se um significativo distanciamento entre o pretendido e o realizado. Como a realidade das escolas públicas de Maués, encontra-se fora dos marcos da Proposta Oficial para a Educação Física, os jogos e brincadeiras de rua, segundo o depoimento e observações feitas durante a pesquisa exploratória, saem do isolamento do programa e passa a ser considerada como a atividade alternativa utilizada pelos professores com maior frequência na tentativa de favorecer um ambiente de sociabilidade, espontaneidade, e o prazer de participar do aluno nas atividades lúdicas com liberdade e como consequência gostar da escola de fato como um espaço de construção de conhecimento.

Na opinião de alguns professores pesquisados, os jogos e as brincadeiras de rua refletem de tal forma que em alguns casos se presenciou as crianças brincando no

horário do recreio e na hora da saída da escola com as brincadeiras utilizadas pelos professores na aula do dia.

É importante frisar que metade das escolas onde foi realizada a pesquisa não possui muros favorecendo de alguma forma a prática dos jogos e brincadeiras de rua. Na opinião dos professores entrevistados, estar próximo dos seus alunos na hora do recreio tem um significado especial por que entendem que é nesse momento que os alunos estão livres em parte, das proibições impostas¹⁸ pela escola, ou seja, é nessa hora da informalidade que se produz o conhecimento informal, que ocorre o maior fluxo de troca de informações sobre todos os assuntos da escola e fora dela, é o momento da descontração.

Em virtude da presença maciça dessas práticas lúdicas, nas escolas do Estado do Amazonas, e em particular nas escolas públicas de Maués com notoriedade entre a 3ª e a 7ª série do Ensino Fundamental, a queimada foi incluída nos Jogos Escolares do Amazonas – JEA's a partir de 2004, conforme dados obtidos através de boletins oficiais no Departamento de Desporto Escolar da Secretaria de Estado da Juventude Esporte e Lazer – SEJEL.

A peculiaridade desta modalidade está no fato do local de disputa ser realizada numa escola pública, o Instituto de Educação do Amazonas – IEA, que possui área física subentendendo uma quadra poli-esportiva com dimensões aproximadas de 36m de comprimento por 18m de largura, e uma área de lazer com dimensões aproximadas de 40m de comprimento por 16m de largura. Segundo depoimento do coordenador

¹⁸ Algumas proibições: 1. Não pode gritar na hora do recreio onde os professores precisam de sossego no intervalo; 2. É proibido brincar de correr no horário de recreio senão os alunos entraram em sala de aula suados e fedidos importunando o bem estar da professora; 3. É proibido chamar palavrão.

técnico dos JEA's desde sua inclusão no evento escolar em 2004 vem aumentando o número de escolas participantes no jogo da queimada.

A grandeza do jogo no universo lúdico da criança, mesmo sendo uma atividade prazerosa é ao mesmo tempo uma atividade séria como bem diz Chateau (1987, p. 26) “[...] Se a criança é séria, é que, por meio de suas conquistas no jogo, ela afirma seu ser, proclama seu poder e sua autonomia”. Há de se destacar com bastante propriedade, junto às crianças de Maués tanto nas ruas como no espaço escolar, a superação diante do desafio do jogo. Para o autor, no mundo dos jogos da criança esse elemento constitui o motor essencial da atividade lúdica.

A competição na concepção de outros autores como Huizinga (1990, p.59) vai dizer “[...] a essência do espírito lúdico é ousar, correr risco, suportar a incerteza e a tensão. A tensão aumenta a importância do jogo, e esta intensificação permite ao jogador esquecer que está apenas jogando”. Quem encara jogo se envolve, vivencia com seriedade e lealdade.

Quando o jogo enquanto atividade lúdica perde a liberdade, a espontaneidade ao se enquadrar nas exigências do sistema, como é o caso do desporto institucionalizado, segundo o autor é pouco provável que as únicas características que resistiram e permaneceram no esporte são a tensão e a alegria. Pois a competição possui as características formais e a maior parte das características funcionais do jogo. Razão pela qual a necessidade da vitória a qualquer custo leva progressivamente o esporte a se transformar em alvo de corrupção e o caráter antilúdico de acordo com MAGNANE¹⁹ transforma-o no direito do mais forte. Nesse sentido, ressalta Venâncio & Freire (2005, p. 170) “O jogo, tendo o prazer como um de seus elementos, não pode ser usado como

¹⁹ Ler MAGNANE, George. Sociologia do Esporte. São Paulo: Perspectiva, 1969.

apelo à possibilidade de vivenciar e acumular experiências prazerosas”. Da mesma forma

O jogo é como vemos, uma das mais educativas atividades humanas, se o considerarmos por esse prisma. E educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco. (Freire, 2002, p. 87)

Nesse sentido, concordamos com o autor, quando afirma que por meio do jogo é possível se vivenciar situações em contextos variados, não como aprendizado isolado, mas como aprendizado para a vida.

3.2 Cultura, Ambiente e Sociedade Indígena Sateré-Mawé.

A nação indígena sateré-mawé surgiu da junção de duas tribos: a nação Sateré que significa lagarta de fogo, por ser uma nação guerreira, forte. A nação Mawé, na qual o termo *ueu* vem do nome de uma ave da casta dos papagaios, que significa astuto, intrometido, perspicaz, – (daí o nome papagaio falante).

A nação indígena Sateré era guerreira, vivia em constantes conflitos com tribos vizinhas, mas devido aos massacres impostos pelos colonizadores, vários povos indígenas foram dizimados, outros se embrenharam mata adentro e os índios saterés foram obrigados a se unirem aos seus patrícios, a nação Mawés, que habitavam a região de divisa entre os Estados do Amazonas e Pará.

Porém, após centenas de anos em contato com a civilização, os índios Sateré-Mawé foram pouco a pouco perdendo o seu vasto território que se estendia entre os rios Madeira e Tapajós. Atualmente ocupam um território demarcado de aproximadamente 391.000 Km² entre os municípios de Barreirinha e Maués, vivem em pequenas comunidades ao longo dos rios Marau, Andirá, Miriti, Urupadi, Majuru e outros igarapés e afluentes destes rios.

Com uma população estimada em torno de 4.000 indivíduos, os Sateré-Mawé são detentores de uma forte expressão cultural, que se destaca em seu artesanato, notadamente na produção de cestos, colares e potes de barro, e no cultivo do guaraná, fruto do qual se extrai a essência de um dos refrigerantes mais consumidos nas Américas. Hoje são em grande maioria índios influenciados por diversas culturas presentes na região.

3.2.1 Educação Indígena

A Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino – SEDUC/AM, realiza há alguns anos com base na Nova LDB, um programa de educação indígena em parceria, com o IERAM²⁰ e SEMED/MAUÉS, desde 1996, numa proposta de educação bilíngüe, que conjuntamente com os índios sateré-mawé realizam diversas ações, na busca de valorização de sua cultura, promovendo educação para a saúde, cidadania, e também encontros de educação de duas a três vezes ao ano. Através deste projeto são realizadas atividades de educação para a saúde, cidadania, manejo de recursos

²⁰ Instituto de Educação Rural Indígena - IERAM – Entidade responsável direta no acompanhamento do processo educacional dos índios sateré-mawé.

naturais, melhorias na agricultura familiar, dentre outras, que atuam como reforço à sobrevivência da nação Sateré-Mawé.

Para efetivação deste projeto são realizados por ano dois encontros pedagógicos, nos quais, as discussões partem do princípio de que a educação indígena sateré-mawé deve estar intimamente ligada a sua vida cotidiana.

Participam dos encontros as lideranças da etnia, assim também como os professores que atuam tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, todos capacitados para exercer tal função. Dentre os participantes estão presentes, homens, mulheres, e discutem os temas propostos com a participação de todos sem qualquer tipo de discriminação.

Nesse sentido, as mulheres têm espaço assegurado e são bastante consideradas quando tomam a palavra e se posicionam sobre qualquer assunto referente à educação principalmente dos seus filhos. Fato percebido com bastante notoriedade nos encontros é a preocupação das mulheres com a presença de qualquer não índio, seja homem ou mulher, que porventura vá participar do encontro, em não haver qualquer tipo de contato com os seus filhos.

Esse quadro reflete muito bem aquilo que Fernandes (1966, p. 154) menciona sobre a transmissão da cultura na educação da sociedade tupinambá, quando diz que o processo educacional é entendido sobre três aspectos básicos e concomitantes: O primeiro aspecto abordado pelo autor está centrado na tradição, quando diz que a tradição não só é sagrada; ela aparece como um saber puro, capaz de orientar as ações e as decisões dos homens, quaisquer que sejam as circunstâncias que eles enfrentam. Significa dizer que, para a sociedade indígena, a tradição deve ser reproduzida no contexto dos seus ancestrais independente se o homem faz uma

analogia a ela de forma parcial ou remota. O segundo e o terceiro aspecto, como sendo o valor da ação e o valor do exemplo, fundado no fazer fazendo segundo o autor, estão intimamente interligados, e constituem a máxima fundamental da filosofia educacional dos Tupinambás. Nesse sentido,

Mesmo antes que a significação das ações pudesse ser captada e compartilhada, os adultos envolviam os imaturos em suas atividades ou estimulavam a reprodução de situações análogas entre crianças, promovendo dessa forma sua iniciação antecipada nas atitudes, nos comportamentos e nos valores incorporados à herança sócio-cultural. (FERNANDES, 1966, p. 155).

Eis a razão pela qual todo o assunto a ser abordado nos encontros sobre educação ou fora deles, é sempre tratado, discutido com a liderança dentre os quais estão incluídos os professores. Pois, hoje, não há qualquer possibilidade de acesso com as crianças índias. A preocupação maior é a possibilidade de seus filhos serem influenciados por outras culturas e conseqüentemente sua cultura, seus costumes e tradições venham a cair no esquecimento ou desaparecer.

A cada vez que reúnem para realização de um encontro sobre educação, escolhem sempre uma comunidade diferente, para que todos tenham oportunidade de serem os anfitriões dos demais irmãos.

Como se pode perceber, no que se relatou até aqui em torno da dinâmica da educação indígena, há uma preocupação da liderança em não se contaminar com a cultura branca, dita como ocidentalizada, e perpetuar sua cultura, seus costumes e tradições.

Vale aqui ressaltar alguns aspectos da cultura indígena sateré-mawé observadas no seu cotidiano: Tomam banho todos os dias por volta de cinco horas da manhã, e no final da tarde na beira do rio; As crianças nunca estão sozinhas, sempre tem alguém

maior tomando conta do menor; Durante a discussão no encontro sobre educação, o debate só é interrompido quando o Tuxaua²¹ adentra no espaço, onde é interrompida a discussão imediatamente, em seguida, todos se levantam e o aplaudem, e após se acomodar no seu lugar de destaque, todos sentam e retomam a discussão; Qualquer pessoa branca que porventura esteja presente no debate, não é permitido se manifestar. Só poderá fazê-lo se for devidamente autorizado pela liderança, e isso geralmente acontece após o término dos debates; Na reserva indígena, a prioridade é sempre o índio, os demais presentes, independente de titulação, de cargo que ocupa só poderá se pronunciar se for previamente autorizado; Na sua vida cotidiana, não se vende comida, pois ao retornarem das caçadas, o que eles trazem é dividido com todos.

A educação indígena Sateré-Mawé encontra-se diretamente ligada naquilo que diz

A educação, em última análise, consiste em mediatizar para os alunos aquilo que se conhece. Ora, nesse processo, aquilo que eu transmito é já uma interpretação pessoal do próprio acontecimento. Por outro lado, aquilo que o aluno aprende já não é aquilo que lhe é transmitido no seu estado puro, mas o resultado de um choque com as experiências e conhecimentos anteriores. (JUREMA & GARCIA, 2002, p. 144)

Em outras palavras, os autores estão falando que o processo educacional parte do princípio em que o conhecimento socializado supõe uma vivência, uma experiência sobre determinado fato. Implica dizer que o aluno não apreende o conhecimento isolado, mas, sobretudo, aquilo que ele já produziu historicamente. Essa realidade é

²¹ Tuxaua - Líder maior da Nação Sateré-Mawé – O Grande Chefe. Lembrando que em cada comunidade existe um tuxaua local.

muito presente no contexto educacional indígena, que trata o processo educacional a partir do seu cotidiano.

Algo que chama a atenção na cultura indígena sateré-mawé, ao acontecer os encontros sobre a educação, é a valorização de todos para com todos, muito bem expressa na forma com que são recebidos todos aqueles que individualmente se manifestam fazendo uso da palavra nas discussões sobre as temáticas educacionais, onde ao final de suas falas são invariavelmente aplaudidos por todos.

3.2.2 A Educação Física indígena

Estas informações foram extraídas da entrevista efetuada com o professor de Educação Física que participou do programa de educação indígena citado anteriormente, como sendo o professor responsável pela área de educação física, aquele que proporcionaria aos índios sateré-mawé uma educação física prática, diferenciada, com supostos na realidade de vida dos próprios índios.

Segundo o professor, não se levou sequer uma bola para mostrar-lhes a lógica do futebol. O único material que dispôs foi, o conhecimento teórico das suas experiências como educador e o material de maior expressividade estava lá na reserva indígena, retirado dos recursos naturais da região.

Para o professor entrevistado, sua maior dificuldade foi em obter informações sobre o seu cotidiano, e se deu basicamente em dois pontos: O primeiro, em razão de não conhecer nada sobre a comunidade, por estar tendo o contato pela primeira vez com os índios. O segundo em decorrência do primeiro, dada a desconfiança em fornecer informações para pessoas não índias.

No primeiro momento, professor Ihes perguntou, que tipo de atividade física eles realizavam por lá, e teceu comentários sobre o questionário que pretendia trabalhar para obter mais informações sobre a sua cultura. Esse processo levou um dia inteiro dado o interesse pelo futebol uma vez que apareceu alguém da área para Ihes ensinar, ao mesmo tempo a desconfiança dos índios para com o professor, dado aos inúmeros engodos sofridos pelos índios ante as promessas daqueles por ali passaram.

A tensão só foi quebrada no dia seguinte, quando os índios foram para as atividades práticas de Educação Física, onde demonstraram maior interesse pela prática do futebol dado a influência cultural desse esporte no país. Esse interesse dos índios sateré-mawé por futebol se dá em razão de possuírem em algumas comunidades de base²², antena parabólica, e assistem com regularidade aos jogos de futebol, razão pela qual, queriam aprender como se treinava o futebol. Foi o momento em que o professor passou a ser considerado como alguém que pudessem confiar, o qual aproveitou o ensejo e Ihes explicou que o seu objetivo ali não era aquele, treinar futebol, mas discutir com eles a educação física dentro da realidade cultural deles, e apresentaria eventualmente outros esportes também, além do futebol, como possibilidade de realizar na comunidade. Todos eles adequados segundo sua realidade ambiental e cultural.

O trabalho então, dentro da proposta do curso, e em acordo com eles, finalmente pode começar. O trabalho se deu basicamente aproveitando todo o espaço físico natural disponível na comunidade. Além do rio, na frente da comunidade, eles dispõem de um campo de futebol, bastante amplo medindo aproximadamente 90m x 40m com

²² Comunidades de base – São as comunidades que possuem estrutura para se realizar encontros com os dirigentes na resolução dos problemas de interesse das comunidades indígenas como um todo. Isso inclui os encontros pedagógicos como parte do programa da educação indígena.

parte em terreno acidentado e áreas livres para outras práticas lúdicas e esportivas em proporções menores.

O professor dispôs da proposta curricular para a Educação Física de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, e toda a sua experiência e conhecimento pedagógico desenvolvido na área urbana de Maués. Segundo o professor, a partir do interesse dos índios houve explicação sobre conceito de jogo de forma ampla traduzido na realidade sateré-mawé, a descrição dos vários tipos de jogos, sempre como resultado de esforços sociais entre pessoas iguais a eles. Em relação ao futebol, foram dadas algumas orientações sobre como jogar, as formações básicas e posicionamento em campo, mas que eles poderiam dispor da formação que fosse melhor para jogar de acordo com sua realidade cultural.

Não havia segundo o professor nenhuma intenção de ensiná-los aquilo que pela própria experiência histórica já conheciam, mas sim com estes esforços mostrando-lhes outras possibilidades de compreensão sobre a dinâmica do jogo na realidade sateré-mawé. Foram apresentados vários esportes como: Atletismo, que os fez lembrar as suas atividades do cotidiano, caçar, lançar, tracionar, saltar, assim também como o handebol, voleibol e basquete. No caso da natação mostrar algumas alternativas de como se utilizar o meio aquático para a prática da Educação Física.

Nesse contexto, o professor utilizou somente o material produzido e confeccionado por eles a partir dos recursos naturais, e algum outro material presente na comunidade. O futebol foi jogado com uma bola confeccionada com folhas de papel, de papelão. Para a confecção de cordas utilizaram cipó, dentre vários outros materiais disponíveis.

Fato importante a destacar na cultura sateré-mawé é a forma com que jogam futebol, sempre ao meio dia, logo após o almoço. O jogo de futebol acontece substancialmente fora dos padrões do futebol institucionalizado. Para eles, o jogo começa com o número igual em cada time e com a torcida fora do campo, incentivando e gritando incessantemente. Ao iniciar o jogo, o envolvimento é tão grande de todos, que em dado momento os torcedores entram em campo e fica aquela multidão correndo atrás da bola, homens e mulheres. Ao final é um jogo que não tem vencedores nem vencidos, pelo simples fato de que na compreensão do índio o importante é celebrar.

3.2.3 - Cultura lúdica indígena

O jogo a brincadeira na representação dos povos indígenas do Brasil, em particular na nação indígena sateré-mawé, ao contrário das sociedades ditas civilizadas significa, sobretudo, preparar sua juventude para a vida, na preservação de sua cultura tendo em vista seus costumes e tradições. Razões pelas quais geralmente suas atividades lúdicas estão intimamente ligadas às manifestações ritualísticas e de sobrevivência.

Nessa compreensão, diz Jurema & Garcia (2002, p. 60) “O brincar no sentido lúdico da palavra, leva-nos a compreender a vida numa comunidade indígena, onde as crianças vivem para a diversão ritualizada”. Por esta razão, a floresta para o índio é o melhor lugar para seu aprendizado, pois os obstáculos naturais da floresta são desafios que os levam a auto-superação. Segundo os autores, é através do ritual que se pode compreender o modo de vida dos povos da Amazônia, uma vez que, é por intermédio dele, que são passados de geração em geração todos os ensinamentos e vivências.

Não necessariamente que as ações ritualísticas estejam ligadas aos rituais propriamente ditos, mas especialmente no seu cotidiano.

A começar pelo raiar do dia, onde cedo estão de prontidão para o seu primeiro banho matinal, antes da reunião familiar e de sua primeira refeição, para em seguida entrar na rotina de seus afazeres diários, enfatizando de certa forma o processo natural de vida existente. Analisando o universo lúdico dos povos amazônicos os autores afirmam que

O brincar no sentido lúdico da palavra, leva-nos a compreender a vida numa comunidade indígena, onde as crianças vivem para a diversão ritualizada. A selva é um campo de jogo rico em dificuldades, oferecendo para seus desbravadores um verdadeiro universo de oportunidades e maneiras de auto-superar os obstáculos naturais. (JUREMA & GARCIA, 2002, p. 60)

Segundo os autores, entre os povos indígenas quase todo processo educacional, se dá em meio às brincadeiras, é um ato lúdico de passar os ensinamentos. Para os povos da floresta, brincar, antes de qualquer coisa, significa aprender, vivenciar o que depois, em outra idade, em outro momento, será ritualizado.

Nesse sentido, os brinquedos modernos, industrializados, só chamam a atenção da criança índia, se ela puder desmontá-lo para bisbilhotar seu funcionamento e posteriormente usá-lo na sua realidade. Para os índios,

O computador, os games, que tanto atraem as crianças atuais, estão longe, de entrar numa Reserva Indígena. São facilidades que os índios resistem em não ter contato. A máquina, no sentido, aberto da palavra é estigmatizante, estereotipa a capacidade de raciocínio, enquanto que a selva prova o sentido mais amplo da liberdade infantil, mostrando a diversidade de um mundo construído a partir da crença do sagrado. (JUREMA & GARCIA, 2002, p. 61).

O processo tecnológico para o índio significa reverter toda sua capacidade de agir, pensar, de criar seu próprio mundo. Para os autores conhecer a geografia iconizada da selva é tão complexa e inexplicável como movimento dos bonecos do game ou o futebol virtual. A suposta diferença que há entre as duas realidades, é que a linguagem iconizada significa, o real e na visão do índio estão convencidos de que pela atividade lúdica infantil conseguem enxergar melhor seu mundo.

3.2.4 - Manifestações culturais ritualísticas

As manifestações culturais indígenas na Amazônia há muito vêm sendo fragmentadas, diluídas, e algumas até desapareceram, ou caíram no esquecimento. Esse contexto é mais bem explicitado quando

Os rituais das tribos indígenas da Amazônia passam por uma fase de rememoração bastante interessante no ponto de vista antropológico. Pela condição estabelecida no processo de colonização muito material foi perdido e outros foram incorporados em novos valores. (JUREMA, 2001, p. 69).

Essa realidade não é diferente no povo sateré-mawé, que ao longo de sua história, foi massacrado, enganado, em alguns casos, tribos inteiras foram dizimadas, hoje como nação em processo de culturalização.

Dentre as manifestações ritualísticas do povo sateré-mawé, destacamos o ritual da “Dança da Tucandeira”, que versa sobre a passagem da infância do curumim para a vida adulta, a qual consiste na dura prova de submeter-se a picadas dolorosas das

formigas tucandeira, em uma espécie de luva trançada com cipós. A participação no ritual da tucandeira consolida a sua participação efetiva no contexto da sociedade sateré-mawé, nos caminhos a serem tomados inclusive com o direito de constituir família.

Nesse processo, o curumim é quem solicita ao pai a participação no ritual. Na ausência deste, os tios maternos serão os padrinhos. O ritual é doloroso, porém realizado com satisfação, é musical acompanhado de canto e dança. O ritmo é produzido numa pulsação de ostinato (repetição), mas não sofre alteração, muda apenas a entonação. É cadenciado e prolongado entre 20 e 30 minutos para cada menino, pois no dia da festa, serão vários curumins que passarão pelo ritual.

Em primeiro lugar é tecida de forma artesanal uma espécie de luva de palha de palmeira com duas faces. Após tecer a luva, o responsável pelo curumim se desloca até a selva para recolher as formigas. Elas são retiradas das raízes das árvores, colocadas numa espécie de cuia, numa mistura líquida de cascas de árvores, que provocam um efeito sonífero. As formigas tucandeira são consideradas vorazes por possuir um ferrão na bunda, a qual, sua ferrada provoca uma dor intensa e chega a doer até por 24h. Em seguida são colocadas uma a uma na luva de palha primeiro um lado depois o outro. Não se tem conhecimento de um número certo de formigas na luva, mas supomos por baixo, em torno de aproximadamente entre 50 a 100 formigas. Até então elas estão dormindo.

No momento da dança qualquer pessoa presente pode participar independente de cor, sexo, raça, nacionalidade, etc. O chocalho amarrado à perna do curumim é utilizado como instrumento ativador para acordar as formigas na hora da dança e aí se pode imaginar o que acontece.

Há uma densidade sonora que vai aumentando gradativamente dentro de uma pulsação rítmica acelerada, acompanhada de uma intensidade feita com os pés. Existe no local uma espécie de buzina que avisa o momento de ocorrer à troca para entrada de outro curumim.

No decorrer da dança há um momento em que, o chefe da cerimônia, aquela pessoa mais experiente, toma a palavra e discursa sobre a importância do ritual para a nação sateré-mawé.

Durante o ritual destacamos três momentos de grande relevância: O primeiro quanto à superação ao sofrimento causado pelas ferroadas das formigas vorazes; O segundo se refere ao triunfo de ter alcançado a maior idade, podendo inclusive constituir família e procriar: E por fim o rendimento alcançado com sua tomada de decisão, pois poderá opinar nas decisões relacionadas às melhorias da sua comunidade em todos os sentidos.

4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesse capítulo efetuaremos uma análise sobre os dados coletados e tabulados. Os dados foram colhidos basicamente através de quatro instrumentos de coleta de dados que julgamos os mais importantes para efeito desta investigação: 1. Pesquisa documental fundamentalmente em dois documentos: O primeiro, a Proposta Curricular para Educação Física do Ensino Fundamental para o Estado do Amazonas, adotada pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Maués; 2. Entrevista; 3. Questionário; E por fim o Grupo Focal.

Cada um teve papel distinto, mas complementar no desenrolar da pesquisa com o único objetivo de perceber se de fato os professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas municipais entrevistados se apropriam da cultura dos jogos e brincadeiras de rua na sua prática docente.

4.1 Pesquisa Documental

A pesquisa documental se concentrou sobre dois documentos normativos expedidos pela Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino –

SEDUC/AM que regulamentam a Educação Física no Estado do Amazonas, e adotados pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto do município de Maués.

4.1.1 Proposta Curricular Oficial para a Educação Física do Ensino Fundamental

Ambos os documentos (ANEXO A) foram elaborados por uma equipe formada por dois pedagogos e cinco professores de Educação Física que atuam na Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC/AM.

Em observações preliminares, destacamos no primeiro item do documento, relacionado às competências e habilidades para o Ensino Fundamental oito itens dos quais: 50% estão diretamente relacionados à cultura corporal (Itens 3, 4, 5 e 8); 25% se reportando superficialmente à pseudocidadania (Itens 1 e 7); 12,5% abordando de forma incipiente o aspecto cultural (Item 2); E por fim 12,5 em torno da prática desportiva (Item 6).

Há de se perceber nesta proposta curricular um certo equívoco entre o discurso e a prática sobre três aspectos que consideramos os mais relevantes: 1. Em relação à cidadania, onde não está claro de qual cidadania se está falando; 2. Como falar de participação crítica, se não se proporciona no espaço escolar, diálogo franco sobre as grandes questões sociais como: o que provoca a violência urbana e sobretudo a violência no lar que conseqüentemente incentiva o consumo de drogas, a prostituição, as condições precárias da saúde pública e sobretudo a falta de emprego; 3. De que

forma podemos promover qualidade de vida se valorizamos somente os aspectos físico-biológicos. Falar em cidadania sem levar em conta as diferentes dimensões, sem valorizar a construção histórica e a cotidianidade dos alunos, é o mesmo que propor uma discussão morta sobre o seu conceito.

No caso específico da Proposta Oficial para a Educação Física das escolas municipais de Maués, como falar em pensamento crítico, em reflexão, sem haver diálogo aberto, franco, de duas vias. Pensamos ser humanamente impossível abordar criticamente qualquer assunto e construir de fato, cidadania, se insistirmos em perceber o homem apenas pelo viés do cientificismo biológico. Diante do avanço no conhecimento científico sobre o papel da Educação Física no contexto escolar não poderíamos deixar de citar o formato em espiral²³ sugerido por Daólio (2005, p. 69) onde as quatro dimensões do ser humano, como sendo motor, psicológico, social e cultural se inter-relacionam e constituem o indivíduo como um todo na sua formação global.

Como se percebe há um nítido viés ideológico em torno da disciplina Educação Física. Nessa linha de pensamento diz OLIVEIRA (1994, p. 104) “A pedagogia burguesa assume um caráter ideológico quando define o homem e a cultura, partindo da idéia de natureza humana”. Implica dizer que a burguesia se apropriou da linguagem corporal no seu discurso ideológico para impor os mecanismos de dominação. Esses mecanismos ainda hoje se fazem presentes na Proposta Oficial para a Educação Física

²³ Ler DAÓLIO, Jocimar. Educação Física e o Conceito de Cultura, 2005.

do Estado do Amazonas, de forma sutil seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais²⁴ para a Educação Física.

Foi partindo deste suposto que a Proposta Oficial para a Educação Física no Estado do Amazonas, foi elaborada. Basicamente sua concepção se apóia em três aspectos principais: O primeiro, pelo caráter de neutralidade axiológica, que “...é fundamental para a ótica do consenso²⁵ e se encontra expressa nas teorias positivistas/funcionalistas/sistêmicas, na busca da objetividade do conhecimento”. OLIVEIRA (1994, p. 10108). Estas teorias têm como objetivo a apreensão da atividade física apenas pelo seu aspecto eminentemente científico-biológico-mecânicos. O que equivale restringirem o campo de ação do corpo humano somente aos seus movimentos em si; O segundo, se refere à discrepância que há entre a proposta Oficial para a Educação Física que supõe uma escola ideal e a realidade estrutural detectada nas escolas, assim como na formação profissional dos docentes que atuam na disciplina Educação Física nas escolas onde foi realizada a presente pesquisa; E por fim, pelo caráter de desportivação presente nos conteúdos programáticos dos segmentos escolares que inibem sobremaneira a prática dos jogos e brincadeiras de rua na prática da Educação Física escolar.

Se por um lado, existe uma tradição cultural que faz com que a Educação Física seja biológica e universalizante²⁶, qualificando e desqualificando o aluno, segundo o seu potencial físico e de rendimento esportivo, por outro lado, a Educação Física com a inclusão do esporte mediando a proposta oficial desde as séries iniciais do Ensino

²⁴ PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS – LDB/96. – Documento que rege a Educação Física em todo o País, o qual, serve de base para a elaboração da prática da Educação Física das secretarias estaduais, adequando a realidade de cada um.

²⁵ - Ler OLIVEIRA, V. Marinho. *Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira*, 1994.

²⁶ - Ler SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*, 2. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2001. – (Coleção educação contemporânea).

Fundamental, ganha mais um elemento que consolida a primeira vertente. Com essa perspectiva, o esporte competição é incorporado às novas diretrizes educacionais para a Educação Física com força total quando diz

Cristalizou-se um imaginário social sobre a Educação Física que entende, basicamente, como um espaço e tempo escolar vinculados ao fenômeno esportivo: o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores, é a prática corporal citada e valorizada pelos alunos, é a referencia para as atividades extracurriculares da Educação Física e também para as manifestações dos diretores de escola quando se reportam ao seu papel. Nessa distribuição, é principalmente a partir da quinta série do Ensino Fundamental que se fortalece o seu ensino. (BRACHT, 2003, p. 52)

Nesse contexto, a Educação Física no Estado do Amazonas tem se mostrado favorável a esse processo de manipulação que ao longo de seu percurso histórico se constituiu em um mecanismo adequado para a manutenção do controle, da ordem e do progresso. Nos anos 70 e 80 as competições nacionais no âmbito escolares, eram representadas por seleções estaduais nas diversas modalidades, que no mesmo período serviu de vitrine para a formação da seleção nacional das diversas modalidades esportivas tanto coletivas como individuais.

Essa, portanto é a perspectiva para qual a Educação Física no Brasil tem caminhado na qual é bem vista pelas escolas brasileiras em especial as do norte do país sob dois aspectos importantes: A primeira, em relação ao status social adquirido pela instituição escolar ao representar o seu estado com as despesas de passagens, estadia e alimentação custeadas pelo Governo Federal; A segunda, que para algumas escolas é a possibilidade de oferecer a uma pequena parcela de seus alunos a oportunidade de conhecer outros lugares, novas culturas, novos costumes, outras

realidades sociais que contribuirão sobremaneira para sua formação integral no exercício da cidadania.

Esse modelo nos parece ainda perdurar no âmbito da Educação Física escolar no Brasil, o qual nos tempos atuais se apresenta com outra roupagem, ou seja, as equipes dos estados nas diversas modalidades esportivas que outrora eram representadas pelas seleções estaduais foram substituídas pelas equipes das escolas campeãs dos jogos escolares estaduais nas diversas modalidades. Esse arquétipo tem incentivado a implementação do individualismo para uma pequena parcela de educandos em detrimento da grande maioria. Em outras palavras queremos dizer que apenas uma minoria de alunos terá acesso a esse processo social entendidos como: viagem aérea ida e volta, acesso ao turismo, conhecer novas pessoas de diferentes culturas, competir com escolas de outros estados e que serão privilégios de poucos.

A estratégia de disseminação do ensino do esporte encontra-se no desmembramento dos conteúdos por série na qual aparece nas séries iniciais termos como recreação e psicomotricidade. Onde recreação é subentendido ao trabalho com qualquer prática corporal, desde que não seja cobrado nenhum tipo de rendimento.

A crítica que fazemos a esse processo de desportivação se restringe ao caminho perigoso do favorecimento da prática desportiva elitista para poucos em detrimento da exclusão da grande maioria dos alunos da prática do desporto educacional que passa a ser relegado a segundo plano.

Estes são alguns indícios que sinalizam a disciplina Educação Física como um dos mecanismos ideológicos no processo de manipulação das grandes massas, razão pela qual a Educação Física em algumas regiões do país é entendida como prática neutra.

Segundo o depoimento dos professores, em sua unanimidade, se mostraram descontentes a forma como o desporto escolar vem sendo implementado pela proposta oficial, uma vez que tem sido motivo de frustração para a grande maioria dos alunos da rede pública de Maués, em particular os alunos de 1ª a 4ª séries, onde muitos sequer compreendem o sentido da competição. A preocupação de todos os professores entrevistados se deve à valorização excessiva ao sentido competitivo que o esporte proporciona aos seus praticantes do que mesmo os benefícios que ele pode oferecer. Quando se fala em premiação com troféus e medalhas, méritos para os melhores e bem pouca ou quase nada de atenção aos reflexos educativos, emocionais, sociais e culturais que envolvem o processo educacional.

Em observações feitas durante a pesquisa percebemos a atitude dos professores entrevistados e seus alunos face ao resultado de uma disputa sejam elas desportivas ou qualquer outro tipo de jogo. No caso dos professores, ao participarem em competições distintas, todos foram unânimes na conduta de incentivo aos seus alunos em participar de competições esportivas sobre vários aspectos dos quais destacamos apenas três que consideramos de maior relevância para esta investigação: Primeiro, todos os alunos pertencentes à equipe participaram ativamente de todas as disputas; Segundo, conduziram seus alunos no cumprimento ao adversário independentemente do resultado das disputas, a começar pelo próprio professor; E por fim, em sua maioria preocupados em orientar os seus alunos da importância de participar dos eventos esportivos, de se fazer novos amigos e representar bem seu bairro e sua escola. Em relação aos alunos dos professores entrevistados percebemos três tipos de comportamento com maior frequência: O primeiro, em relação à vitória, onde as crianças em sua grande maioria eram tomadas de pura euforia por ter sido capaz se

vencer determinada disputa; O segundo e o terceiro em relação à derrota; No primeiro caso, o resultado negativo da disputa para alguns alunos era aceito de forma natural, pois compreendem que nem sempre irão vencer, ou seja, nessa disputa ele não foi bem, mas quem sabe na próxima ele venha a vencer; Porém, para uma minoria o resultado revés é motivo de choro, sobre dois aspectos: 1. Reflete como incapacidade de alguns de realizar algo e de ser alguém, demonstrando tristeza; 2. Representa sentimento de ódio, de revolta por ter perdido a disputa.

Eis a razão pela qual questionamos a forma como o esporte vem sendo veiculado na proposta oficial para a Educação Física do Ensino Fundamental no Estado do Amazonas. Pois não há distinção na proposta sobre o que é jogo e esporte, mas Chateau (1987, p. 118) deixa claro que o jogo não necessita de treinamento. A criança que brinca, que joga, pode preparar de fato seus músculos para tarefas futuras, onde, todo o processo é produzido de forma espontânea.

[...] o esporte é essencialmente uma preparação; por si mesmo, quando encarado na sua pureza, ele não tem nenhuma finalidade, seu fim é a tarefa futura, qualquer que seja ela, caça, guerra, profissão, pouco importa; seu fim é ainda o equilíbrio e o vigor do corpo futuro. Fazer esporte é preparar um excelente instrumento de trabalho para o futuro corpo flexível e forte. (CHATEAU, 1987, p. 118)

Nesse sentido, há uma possibilidade de se reverter tal circunstância se pensarmos jogo como prática pedagógica naquilo que diz Chateau (1987, p. 98) “Que o jogo possa assim servir como meio de análise de caráter é fato que não nos surpreende. Como bem sabemos, a criança se dá inteiramente a seu jogo, porque este lhe serve para afirmar sua personalidade total”.

Em conversa com alguns desses alunos sobre sua história de vida, vários foram os fatores percebidos que refletem esse tipo de comportamento, dentre os quais a grande maioria sinalizou para sua condição social de vida; Em vários casos, os pais encontravam-se desempregados e havia dias em que não faziam nenhum tipo de refeição. Nesse sentido, a escola antes de qualquer função iluminista tem por obrigação garantir almoço e merenda aos alunos; Outros não têm ou não vivem com os pais, ou vivem apenas com a mãe, pai ou parentes próximos. Em outras palavras não tem atenção, e nem carinho dos pais; Para outros, a violência familiar o inibe de qualquer possibilidade de participação espontânea enfim, o perder faz parte da sua realidade de vida. É no quadro desse alunado que devemos buscar nossas respostas como professores.

Considerando a resposta dada pelos professores de Educação Física entrevistados, cujas entrevistas encontram-se em anexo, verifica-se uma forte consciência a respeito da situação caótica que enfrenta a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental em Maués: 1. A realidade das escolas segundo depoimento unânime dos professores entrevistados está fora da realidade da proposta oficial, em relação a estrutura física, quadra, vestiários, banheiros; 2. As escolas não possuem material didático pedagógico, como: bola, cordas, colchonetes, redes, uniformes e livros didáticos específicos dentre outros; Os professores que atuam na disciplina Educação Física não possuem formação na área específica; Para o professor ministrar suas aulas, ou ele traz o material de casa, ou solicita aos alunos que tragam algum material, ou se reúne com os alunos e confeccionam o material alternativo para sua prática pedagógica; 3. A realidade de vida dos alunos não é levado em consideração na realização da proposta oficial; 4. As três situações acima favorecem ao

professor introduzir em sua prática pedagógica os jogos e brincadeiras de rua com maior frequência, ao contrário do que sugere a proposta oficial ao indicar essa prática lúdica somente na segunda série do ensino primário.

4.2 Entrevista

As questões presentes na entrevista dos professores (ANEXO B) foram formuladas no feitiço semi-estruturadas com o intuito de aproximar ao máximo as respostas dos entrevistados com a temática da pesquisa que busca investigar se de fato os professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries entrevistados se apropriam ou não da cultura dos jogos e brincadeiras de rua em suas práticas docentes. Nossa preocupação em um primeiro momento se deu na preservação das informações de forma que nenhum entrevistado tivesse acesso à informação do outro com o intuito de obter dados fidedignos e mais aproximados da realidade de cada um.

Considerando os vários fatores que os levaram a escolher a profissão de professor de Educação Física, dentre os quais destacamos: a influência de professores na família, experiência esportiva, ausência de professores de Educação Física nas escolas, afinidades com crianças, apontamos para os jogos e brincadeiras de rua como elemento que de alguma forma exerceu influência na escolha da profissão de professor de Educação de todos os professores entrevistados.

Um aspecto que destacamos como sendo de grande notoriedade é o fato de que os professores entrevistados em sua totalidade não possuem formação acadêmica na área específica de Educação Física. Do total de professores entrevistados, um professor, o mais antigo concluiu a Licenciatura em Normal Superior em julho/2005 pela Universidade do Estado do Amazonas, dois cursam Licenciatura em Pedagogia, sendo um pela UFAM e o outro pela UEA, e por fim um professor que se encontra cursando duas faculdades, sendo a primeira em Licenciatura em Pedagogia pela UFAM e a segunda Licenciatura em Letras pela UEA. Cabe ressaltar neste universo a presença de uma prática pedagógica diferenciada dos demais professores de Educação Física das escolas de Maués, na qual presenciamos aulas práticas e teóricas mais flexíveis e dinâmicas.

Mesmo demonstrando conhecimentos das demais áreas do saber como filosofia, história, política, sociologia e cultura, em todos os depoimentos os professores entrevistados mencionaram que nos cursos oferecidos tanto pela UFAM como pela UEA, a inexistência de disciplinas que abordem a cultura dos jogos e brincadeiras de rua.

Outro aspecto a ser abordado pelos entrevistados está relacionado à reflexão que cada um faz sobre a relação que há entre os jogos e brincadeiras vivenciados na infância e sua formação acadêmica e como essa prática lúdica se reflete na prática docente de cada um, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

Nas respostas obtidas percebemos três pontos importantes: 1. Todos os entrevistados sinalizaram a não existência de qualquer relação dos jogos e brincadeiras com sua formação acadêmica, pelo fato de estarem cursando o nível superior em

outras áreas do conhecimento; 2. Em relação ao reflexo dos jogos e brincadeiras vivenciados na infância, em todos os entrevistados é evidente a presença forte dessa prática lúdica em suas infâncias uma vez que, no ato da entrevista relembrando a infância reviveram momentos de nostalgia, uns mais outro menos; 3. Em sua maioria, os professores entrevistados mencionaram a apreensão de valores como: respeito, solidariedade, aceitar o outro como ele é, os limites de cada um, o perder, o vencer dentre vários.

Ressaltamos aqui um aspecto presente na prática docente dos professores entrevistados em relação ao dinamismo com que conduzem seus alunos nas aulas de Educação Física ao considerar três pontos determinantes: 1. A ausência de material pedagógico específico como bola, corda, colchonetes dentre vários, o professor passa a usar sua criatividade, sem a qual não consegue avançar na sua disciplina; 2. Os jogos e brincadeiras de rua passam a integrar seus conteúdos pedagógicos com mais frequência em todo o segmento de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental contrapondo-se à Proposta Pedagógica para a Educação Física do Ensino Fundamental no Estado do Amazonas que os considera como conteúdo meramente obrigatório apenas na 2ª série; 3. É notório em todos os professores entrevistados, a sensibilidade em considerar o conhecimento lúdico produzido historicamente pelos alunos, como também o conhecimento de vida de cada um como um todo.

Para a maioria dos professores entrevistados é perceptível a necessidade de se romper com a prática tradicionalista²⁷ de Educação Física pautada única e

²⁷ Ler DA EDUCAÇÃO FÍSICA, O que ela é, o que tem sido, e o que poderia ser. AZEVEDO, F. 3ª ed. Ed. Melhoramentos.

exclusivamente em exercícios físicos, e favorecer aos alunos maior liberdade, socialização e espontaneidade para melhor apreensão do conhecimento.

Na pesquisa exploratória realizada na tentativa de localizar os jogos e brincadeiras praticadas nas ruas de Maués no Amazonas, nos deparamos com um panorama tipicamente humano de brincar envolvendo a ritualização de papéis em diferentes cenários. Nesse contexto observou-se que a constante alternância de representações na informalidade de cada brincadeira se constitui para os participantes uma ocasião de formalidade estabelecida por eles, através de suas regras e sanções próprias.

Constatamos vários momentos importantes dos quais destacamos apenas quatro que consideramos os mais significativos para esse trabalho: O primeiro, em relação à faixa etária dos participantes, dos quais encontramos desde crianças de 5 anos, adolescentes, jovens até a faixa dos adultos, em alguns jogos com a participação dos pais; Em segundo lugar das brincadeiras que percebemos com maior freqüência em diversos pontos da cidade de Maués, algumas delas eram realizadas com objetos de formas diferenciadas entre si, a exemplo, o jogo da bolinha de gude, onde observou-se crianças brincando ora com tampinhas de garrafas de bebidas de vidro conhecidas pelas crianças amazônicas por pincha²⁸, ora com caroço de tucumã²⁹; No terceiro momento, percebemos a presença significativa de meninas em todos os jogos e brincadeiras, dos menos intensos aos mais intensos, e os intelectuais, que estão postos do empinar papagaio a barra bandeira, passando pelo jogo da bolinha de gude, e em algumas brincadeiras mais que em outras; E por fim, em relação as representações e

²⁸ Pincha – Tampinhas de garrafa de vidro, tais como refrigerante guaraná e aguardente.

²⁹ Tucumã – Fruta típica da região amazônica com grande teor de calorias cuja sua árvore é apreciada como uma das belas palmeiras amazônicas.

papéis assumidos pelos participantes em cada cenário, ou seja, em cada lugar em que se realiza determinado jogo, onde o valor simbólico daquele de maior destaque no ápice de cada brincadeira, não é menos importante do que o da representação menor na dinâmica de cada jogo.

4.3 Questionários

A idéia da elaboração de um questionário (ANEXO C) foi buscar informações objetivas sobre o mirante de conhecimento, opiniões, sentimentos, interesses, expectativas e experiências, bem como o de obter dados que nos possibilitasse traçar o perfil sócio-histórico-econômico-político-cultural dos professores³⁰ de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental das escolas municipais de Maués.

Dentre os dados obtidos destacamos alguns que consideramos importantes para essa investigação: 1. A idade média dos entrevistados varia de 27 a 49 anos, dos quais dois professores têm o tempo de magistério entre 13 e 20 anos e o restante, os outros dois têm o tempo entre 04 e 06 anos. Três dos entrevistados nasceram e sempre viveram em Maués, e apenas um nasceu em Manaus, mas reside em Maués há 23 anos. Metade dos professores são casados e têm filhos. O restante dos professores, um tem filho e o outro não. Dos quatro professores entrevistados apenas um concluiu o nível superior, os outros ainda cursam faculdade. A questão salarial também distingue o

³⁰ Os professores acataram de imediato e sem qualquer condição a participação na pesquisa.

grupo; dois recebem ganhos de até um salário mínimo³¹ enquanto os outros a outra metade percebem salários entre dois e quatro salários mínimos. Da realidade pesquisada, somente a metade possui outra fonte de renda. No item moradia própria apenas um reside de aluguel, os demais possuem residência própria, sendo apenas uma delas de alvenaria, e as outras duas de madeira.

Em relação ao nível de instrução dos pais, um possui o Ensino Fundamental completo. Outro não chegou a concluir o Ensino Fundamental e metade dos entrevistados, os pais são semi-alfabetizados. Em se tratando de descendência indígena, apenas um professor declara parentesco indígena sateré-mawé sendo o seu bisavô por parte de pai.

Ao indagarmos sobre o conhecimento de canções indígenas todos declararam desconhecer, porém dois mencionaram alguns acontecimentos bastante emblemáticos da cultura indígena sateré-mawé: O primeiro é a dança da tucandeira exposto anteriormente; O segundo em relação à menina índia, onde ao sinal da primeira menstruação é apresentada a sua comunidade sinalizando que está pronta para procriar.

Ao abordarmos com os professores entrevistados sobre o conhecimento de outras formas musicais de cultura oficial obtivemos o seguinte perfil: 1. em primeiro lugar quase todos declararam gostar de música, apenas um não ter interesse algum. Os gêneros citados pelos que apreciam o referido tipo de manifestação cultural foram: músicas evangélicas, Música Popular Brasileira, e românticas. Em relação à aquisição de CD's são consumidores discretos sendo que a metade dos entrevistados revelou não terem nunca adquirido qualquer CD. Quanto à frequência em teatro ou cinema a

³¹ R\$ 300,00 – Salário mínimo vigente no período da pesquisa, o primeiro semestre de 2005.

situação é ainda mais precária, com a atenuante de que na cidade de Maués não há teatro, tampouco cinema.

Em se tratando do item gosto literário, todos sinalizaram preferência por algum gênero. Dentre os citados: literatura brasileira, romance, científicos e poesias, contudo, apenas um adquire livros quando pode, um outro adquire com maior frequência e metade dos entrevistados não adquire qualquer tipo de livro. Em relação ao acesso à informação televisiva e pela rede mundial de computadores, a internet, nos sinalizou a seguinte amostra: Primeiro, em relação ao tempo que passam assistindo TV, e no tipo de programa que geralmente assistem; Em relação ao tempo que passam à frente da televisão é em média entre duas a quatro horas diárias, assistindo programas variados dentre os quais destacamos, telejornal, programas esportivos, novela e assistem programas infantis aqueles professores que têm filhos pequenos; Em se tratando do acesso à Rede Mundial de Computadores, nenhum professor sequer sabe acessar e navegar na Internet.

Em relação ao item viagem a passeio para outras cidades, a maioria dos entrevistados viaja com maior frequência a cidades e comunidades vizinhas ao município de Maués e apenas um já viajou para Manaus, e para outros estados brasileiros.

Para concluir o aspecto sócio-econômico-político-cultural destacamos dois itens que consideramos merecer destaque especial: 1. Diz respeito à participação política dos entrevistados seja ela, partidária ou em sua comunidade. Em seus depoimentos metade mostraram ter algum tipo de envolvimento com questões políticas partidárias em sua comunidade. Enquanto o restante, a outra metade declarou não ter qualquer envolvimento político mais geral, tipo participação em partido político, mas sinalizou ter

participação nas atividades políticas ligadas à comunidade; 2. Em se tratando de sonhos que buscam realizar, todos têm um sonho a realizar: um professor pretende terminar os estudos; outro pretende reunir a família inteira algum dia; outro, montar um laboratório de estudos em casa, incluindo biblioteca e computador, e por fim o outro, sonha um dia ser jogador de futebol.

Como se pode verificar pelos dados obtidos os professores vivem, em geral, em um grau muito grande de isolamento cultural, quer por causa da situação econômica extremamente precária que vive, quer pela falta de uma integração maior com a cultura local, da qual pouco ou quase nada demonstram conhecer.

4.4 Grupo Focal

Esta fonte de dados (ANEXO D) tem como base os alunos com os quais os professores entrevistados ministram suas aulas. Os depoimentos prestados compreendem o ponto de vista das crianças em relação à conduta dos professores de Educação Física, como também sobre o que pensam sobre a sua escola.

Em primeiro lugar, dispusemos aos alunos, para debate, informações pertinentes à utilização dos jogos e brincadeiras populares de rua mencionados nas entrevistas dos professores de Educação Física. Em segundo, propusemos o tema do envolvimento dos professores no cotidiano escolar seja durante as sessões de Educação Física, seja no horário livre no espaço escolar. E por fim, propusemos aos alunos a questão central de nossa discussão que é conhecer o ponto de vista deles sobre a escola onde estudam.

Para compreendermos o universo pesquisado, foram entrevistados quatro professores de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental de apenas duas escolas municipais. A primeira, que chamaremos de Escola “A” da qual participaram da investigação três professores e a segunda, que chamaremos de Escola “B”, na qual participou apenas um professor.

Na Escola “A”, os alunos dos três professores em sua maioria fizeram a seguinte colocação: Os professores utilizam mais os jogos e brincadeiras em razão da escola não possuir espaço físico (quadra esportiva) adequado para a prática do esporte. As regras dos jogos e brincadeiras são de maior aceitação por parte dos alunos em razão das mesmas fazerem parte do seu conhecimento lúdico e são atividades de fácil compreensão. Em se tratando da Escola “B” há somente um professor e devido ao funcionamento de duas escolas no mesmo prédio, que apesar de possuir quadra poliesportiva, o horário das aulas de Educação Física durante o horário escolar se torna inviável, em razão de que as turmas que se encontram dentro das salas de aula com outras disciplinas se vêem prejudicadas pelo barulho produzido pela turma que se encontra na prática da Educação Física.

Com o intuito de compararmos alguns dados mencionados pelos professores entrevistados, nos reunimos com quatro alunos de cada professor, escolhidos aleatoriamente para que o caráter de autenticidade das informações pudesse ser o mais imparcial possível.

No caso específico desta escola as aulas de Educação Física são ministradas após o horário de aula para que nenhuma turma seja prejudicada. Esse horário para muitas das crianças é prejudicial por razões diversas, como horário de almoço, a

situação climática muito quente, alunos que precisam levar seus irmãos menores para casa, em função de residirem distantes da escola, etc.

Mesmo com todas essas dificuldades os alunos têm maior preferência pelos jogos e brincadeiras de rua por duas simples razões: A primeira, a escola não dispõe de material didático pedagógico para acompanhar o programa oficial para Educação Física; A segunda, o professor dá mais atenção aos alunos na atividade lúdica do que no jogo de futebol quando praticados na escola.

Em relação à prática dos jogos e brincadeiras no espaço escolar, os alunos apesar de mostrarem interesse pelo lúdico na escola, se queixam que na sua instituição escolar ainda são tolhidos de expressar sobre sua história de vida, são impedidos de agir como gostariam, sendo em alguns casos discriminados por alguns professores ou até mesmo pelos próprios colegas.

A relação social existente entre alunos e professores de Educação Física entrevistados, nas duas escolas onde foi realizada a investigação, para a maioria dos alunos é de cordialidade, respeito e solidariedade, tendo a expressão corporal como linguagem que permeia o processo de produção do conhecimento. A linguagem corporal favorece entre outras coisas, transmissão da cultura, apreender saberes de diversas áreas do conhecimento e aperfeiçoa os movimentos motrizes.

A conclusão a que chegamos ao ouvir o depoimento dos alunos em relação à escola durante o período em que se realizou a pesquisa, no que se refere ao prazer em estar no espaço escolar. Nos surpreendeu os depoimentos das crianças, ao mencionarem seu descontentamento na escola, não em relação às estruturas físicas como o prédio, o espaço físico para se movimentar, mas, sobretudo às pessoas, às

representações que compreendem a direção, corpo técnico, professores e demais funcionários existentes na instituição escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhor mesmo é jogar esse jogo gostoso de colocar meu tempo de menino na imaginação.

(FREIRE, 2002)

Quando iniciamos a pesquisa desconhecíamos além da resposta a nossa pergunta central, também o processo de escolaridade, no qual se inseria o problema da presente pesquisa.

Partimos da hipótese de que a cultura escolar teria papel estratégico na cultura local, na medida em que toda sua teoria com os seus mais diversos pressupostos e conceitos vinham direcionados de uma cultura completamente distinta da que marca a vida social da cidade de Maués.

Neste sentido, a hipótese proposta revalida a antiga idéia de escolaridade como um campo de disputa de hegemonia, situando de um lado a cultura oficial, mesmo na sua impureza, e de outro a cultura indígena que se opunha fortemente marcada pela etnia sateré-mawé.

Desta perspectiva a pesquisa nos levou a conhecer mais detalhadamente o desenho físico e psicológico do processo de escolaridade vivido em Maués, tanto pelo âmbito das suas premissas legais e normativas, quanto pelo da estrutura econômica que condiciona, em última instância, a existência do processo escolar, até o perfil ideológico e psicológico dos principais agentes sociais dinamizados da referida realidade: os professores.

Pela análise das pesquisas legais e normativas comprovamos um total desacato entre o proclamado e o realizado. Enquanto o proclamado se dirigia a uma realidade plenamente homogênea e saturada de recursos humanos, preparados, e financeiro-econômicos, disponíveis, o realizado demonstrava exatamente o oposto, uma realidade pressuposta por valores culturais bastante distintos.

O mesmo pudemos constatar em relação à estrutura econômica pobre, quase miserável, em que se encontra a escola pública da cidade de Maués, sem disponibilidade de infra-estrutura e recursos financeiros. A precariedade das instalações para as aulas de Educação Física, juntamente com os baixos salários pagos aos professores vulnerabilizam a força da instituição escolar que, reiteramos, funciona no contexto da sociedade local como cultura oficial, da capital, sem a presença da cultura sateré-mawé.

Por fim, a fixação da pesquisa no foco dos professores além de trazer para a investigação um agente social dos mais importantes trouxe também o elo principal da

contradição entre as instituições declaradas oficialmente e as ações realizadas no cotidiano escolar do município de Maués no Estado do Amazonas.

Apesar de não podermos fazer conclusões mais contundentes, que só poderão ser feitas com acúmulo de novas pesquisas, que esperamos venham a ser feitas por outros pesquisadores. A investigação trouxe, no entanto, alguns parâmetros importantes para a compreensão da problemática da presença da cultura indígena sateré-mawé na cultura escolar. Em primeiro lugar, não há como começar as observações obtidas a partir de dados colhidos na pesquisa, sem falarmos das precárias condições salariais a que os professores estão submetidos, lembrando que a metade deles é remunerada com remunerações até o valor máximo de 1 salário mínimo. Isto nos impede de falarmos até em um processo de proletarianização, pois o mais certo seria, talvez, falarmos, em um processo de miserabilização.

Esse quadro de precariedade se estende com igual vigor às escolas, lugar em que os professores de Educação Física exercem suas atividades totalmente despreparadas. Há desde falta de espaço físico adequado para a prática da Educação Física, como quadras cobertas devido a situação climática desfavorável e local adequado para a higiene pessoal do aluno ao retornar a sala de aula, considerando que as sessões de Educação Física são realizadas no mesmo período em que o aluno estuda. O que para as condições amazônicas é um paradoxo sem comparação, até ausência de material didático pedagógico específico da área de Educação Física, como bolas específicas, colchonetes, cordas, cones etc. Junta-se a essas condições a qualidade da formação acadêmica dos professores que além de estarem em formação, com exceção de um que já é formado em nível superior, seus cursos não são na área específica da Educação Física.

Apesar desta situação, no entanto, o posicionamento deles em relação à prática tradicionalista de Educação Física pautada única e exclusivamente em exercícios físicos é rejeitada em favor de uma percepção, provavelmente mais intuitiva do que reflexiva, de colocar em ação uma prática que favoreça aos alunos mais liberdade, espontaneidade e socialização para melhor apreensão do conhecimento. Este talvez seja o ponto chave para compreender a entrada da “cultura da rua” na “cultura escolar”. Insatisfeitos com a prática tradicionalista, os professores agem na perspectiva da absorção da espontaneidade das ruas. Neste sentido é significativa a constatação que fizemos na entrevista com os professores acerca da concepção que fazem do conhecimento lúdico. Todos demonstram sensibilidade em relação ao conhecimento lúdico que os alunos trazem da rua. Com isto, os professores funcionam como verdadeiros mediadores entre as duas culturas em embate; a cultura da rua e a cultura escolar, da qual são seus mais importantes representantes apesar de marcados fortemente, eles próprios, pela cultura das ruas.

Por todas estas considerações acredito que não há como desconhecer o pulo do muro da escola realizado pela “cultura das ruas”. Falta saber apenas de quem é o mérito; se da força e riqueza da cultura da rua, influenciada fortemente pela cultura indígena sateré-mawé ou se da pobreza e precariedade como se apresenta a cultura oficial travestida na cultura escolar. Mas essa é questão para outra pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de. **Da educação física. O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. 3. ed. Ver. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- BARBOSA, J. A. da S. **Jogo e educação física: um tema em questão**. Ponta Porá. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Lisboa: Difel, 1989.
- BRACHT, V. et al. **Pesquisa em ação: educação física na escola**. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2003. – (Coleção educação física).
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física – 1ª a 4ª séries**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões de nossa época; v.43).
- _____. **Jogo e educação**; Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

- CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, INL, 1962.
- CHATEAU, J. **“O jogo e a criança”**. São Paulo: Summus, 1987.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física e conceito de cultura**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004. – (Coleção polêmicas do nosso tempo).
- FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**: São Paulo: Dominus, 1966.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, João Batista. **O jogo**: entre o riso e o choro. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes)
- GARKOV, A. F. **Jogos tradicionais na cidade de São Paulo**: Recuperação e análise da sua função educacional. 256f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: A brincadeira (jogo) como elemento de cultura. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss, da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.
- JUREMA, Jefferson. **O Universo mítico-ritual do povo tukano**. Manaus: Editora Valer, 2001.
- _____; GARCIA, Rui. **A Amazônia entre o esporte e a cultura**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- LIMA, Dartel Ferrari de. **Dicionário de esportes**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- MAGNANE, George. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas São Paulo: Papyrus, 1994. (Coleção corpo e motricidade).

NERY, Guilherme Pinto. Traços históricos da educação física no Amazonas. Manaus, 1983.

PONTES, Fernando Augusto Ramos; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003. Disponível em : < [http: // www.scielo.br](http://www.scielo.br) > Acesso em: 11 Maio 2005..

_____. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicol.: Teor. e Pesq.**, v. 18, n. 3, p. 213-220, 2002. Disponível em : < [http: // www.scielo.br](http://www.scielo.br) > Acesso em: 11 Maio 2005.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. rev. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001. – (Coleção educação contemporânea).

VENÂNCIO, Silvana; FREIRE, João Batista (orgs.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção educação física e esportes).

VOLPATO, Gildo. **O jogo, a brincadeira e o brinquedo no contexto sócio-cultural criciumense**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Desporto. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.(Não publicada)

VOLPATO, Gildo. Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica. **Educ. Soc.** (on-line). dez. 2002, v. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em : < [http: // www.scielo.br](http://www.scielo.br) > Acesso em: 11 Maio 2005..

ANEXO A

PROPOSTA CURRICULAR

DE

EDUCAÇÃO FÍSICA

2001

ELABORAÇÃO

Ana Cláudia Soeiro Soares

Pedagoga

Carmen Lúcia Tavares Lopes

Pedagoga

Carlos Roberto Fonseca

Professor Educação Física

Maria Hildecy Freire da Silva

Professora de Educação Física

Rosana Elizabeth S. da Silva

Professora de Educação física

Solange de Lima Furtado

Professora de Educação Física

Tânia Moço Soares

Professora de Educação Física

INTRODUÇÃO

- A proposta curricular da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC pretende se constituir em roteiro básico a ser seguido pelos professores de Educação Física da rede estadual de Ensino, na elaboração dos seus planos de trabalho;
- Os conceitos e objetivos são pontos de partida de uma imensa gama de atividades que serão elaboradas pelos professores frente as suas diversas realidades;
- A proposta curricular apresenta conceitos programáticos e os objetivos gerais que deverão ser desenvolvidos ao longo do ano letivo, cabendo ao professor elaborar os objetivos específicos e suas atividades, adequando-as à realidade da escola e distribuindo-as por semestre;
- Este documento por si só, não será capaz de resolver os problemas da Educação Física em nosso Estado, mas é o início de experimentação, de erros e acertos, que

nos levarão progressivamente à construção de uma Educação Física escolar mais significativa;

- Portanto, as sugestões aqui apresentadas serão experimentadas, vivenciadas no decorrer do ano e certamente, algumas mudanças serão efetuadas para o ano seguinte, a partir das sugestões dos professores referência incontestável para execução do trabalho.

JUSTIFICATIVA

A Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino,

CONSIDERANDO, a Educação Física um dos meios mais eficientes para a formação global do indivíduo;

CONSIDERANDO, a Legislação em vigor que torna a prática da Educação Física da rede estadual para uma melhor mensuração dos objetivos propostos;

CONSIDERANDO, os objetivos específicos da Educação Física para cada nível de escolaridade;

Elaborou a seguinte proposta curricular pretendendo atender as necessidades básicas do educando e a realidade do sistema educacional do Estado do Amazonas e pretende contar com os Srs professores na busca de melhorias para esta proposta.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Contribuir para o processo de o homem se fazer no mundo, oportunizando-lhe participação em atividades como meio de valorização humana tendo em vista os diversos contextos em que atua.

Objetivos Específicos:

- Oportunizar o acesso e a participação efetiva de todos os alunos nas atividades inerentes a Educação Física, considerando o processo de valorização e preservação do homem em todas as suas dimensões e do meio ambiente;
- Favorecer as construções de valores e atitudes fundamentais na cooperação e na solidariedade;
- Favorecer o desenvolvimento e a valorização da ludicidade como elemento construtivo da natureza humana;

- Estimular o desenvolvimento da criatividade e a formação do pensamento crítico de todos os alunos, mediante sua participação no processo de planejamento, realização e avaliação das atividades;
- Possibilitar a interação entre todos os alunos como um dos principais elementos na construção da linguagem;
- Permitir a compreensão sobre a natureza e a importância da corporeidade como meio de acesso e interferência no mundo vivido.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Espera-se que ao final do Ensino Fundamental os alunos sejam capazes de:

1. Entender a cidadania como participação crítica na sociedade, compreendendo seus direitos e deveres, adotando atitudes de respeito para consigo e para com os outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;
2. Valorizar, conhecer e respeitar as diversidades e as várias manifestações culturais da região, do Brasil e do mundo, como forma de interação de diferentes grupos étnicos;
3. Reconhecer-se como cidadão inserido na cultura corporal do movimento;
4. Utilizar os conhecimentos sobre o corpo, para integrar-se no ambiente, adotar hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, em busca de uma melhoria da qualidade de vida;
5. Participar de forma criativa estabelecendo um equilíbrio e a percepção em relação do corpo com o espaço, através do movimento;
6. Conhecer e respeitar regras na participação de jogos ou desportos;

7. Associar os conhecimentos teóricos e práticos da Educação Física, ao cotidiano do aluno;
8. Compreender as práticas da Educação Física como um dos principais meios para desenvolver as qualidades físicas.

LISTAGEM DOS CONCEITOS PROGRAMÁTICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1ª SÉRIE

- Medidas Antropométricas
Importância
Medidas de peso, estatura e envergadura.
- Saúde e higiene
Conceitos
Hábitos e atitudes
- Hábitos posturais
Fases da respiração
Postura
- Conhecimento e controle do corpo
Esquema corporal
Orientação espacial
Orientação temporal
- Qualidades e habilidades físicas básicas
- Danças
Brinquedos cantados

- Brincadeiras de roda
- Imitação de bichos e coisas
- Exploração da criatividade expressiva
- Jogos
 - Motores
 - Sensoriais
 - Raciocínio
- Ginástica Artística
 - Rolamentos para frente e para trás
 - Ponte
 - Vela

2ª SÉRIE

- Medidas Antropométricas
 - Importância
 - Medidas de peso, estatura e envergadura.
- Importância da Educação Física
 - Conceitos
 - Benefícios
- Saúde e higiene
 - Conceitos
 - Hábitos e atitudes
 - Hábitos alimentares
- Conhecimento e controle do corpo
 - Esquema corporal
 - Orientação espacial
 - Orientação temporal
- Qualidades e habilidades físicas básicas
- Danças
 - Criação de brinquedos cantados
 - Danças folclóricas regionais
- Jogos
 - Motores
 - Sensoriais
 - Raciocínio

- Brincadeiras de rua
Locais e regionais
- Ginástica Artística
Rolamentos para frente e para trás
Ponte
Vela
Parada de mãos de três apoios
Estrela
Criar sequência de movimentos

3ª SÉRIE

- Medidas Antropométricas
Importância
Medidas de peso, estatura e envergadura.
- Importância da Educação Física
Conceitos
Considerações gerais sobre o esporte
- Saúde e higiene
Higiene ambiental
Hábitos de convivência no meio social
- Educação postural
Respiração
Descontração
- O corpo no meio social (perceber e aceitar as diferenças)
Relação
Percepção
Diferença
- Danças
Danças folclóricas, regionais e nacionais.
Coreografias com músicas populares
- Jogos

Motores
Sensoriais
Raciocínio

- Jogos pré-desportivos
 - Futebol
 - Handebol
- Esporte
 - Atletismo – pequeno histórico, corridas sem obstáculos, saltos com e sem obstáculos (caráter lúdico).
- Ginástica Artística
 - Parada de dois e três apoios
 - Avião
 - Rolamentos (grupado e carpado para frente e para trás)
 - Criar sequência de movimentos
- Qualidades e habilidades físicas básicas

4ª SÉRIE

- Medidas Antropométricas
 - Importância
 - Medidas de peso, estatura e envergadura.
- Importância da Educação Física
 - Conceitos
 - Aspectos históricos
 - Esporte – individual e coletivo
- Saúde e higiene
 - Relação de hábitos higiênicos com a saúde
 - Relação da higiene ambiental com a saúde
- Educação postural
 - Respiração
 - Descontração

- Luta x Danças
Capoeira (origem – trabalho de pesquisa)
Danças populares
Seqüências coreográficas
Expressão corporal
- Jogos
Motores
Sensoriais
Raciocínio
- Jogos pré-desportivos e recreativos (caráter lúdico)
Basquetebol
Voleibol
- Esporte
Atletismo – pequeno histórico, Arremessos (caráter lúdico).
Tênis de Mesa
Xadrez
- Qualidades e habilidades físicas básicas

5ª SÉRIE

- A importância da Educação Física – breve histórico
Antiguidade
Idade Média
Idade Contemporânea
Brasil
Amazonas
Conceitos de Educação Física
Benefícios
- Medidas antropométricas
Importância
Indumentária para a prática
- Temas transversais
Saúde – noções de higiene
Orientação sexual – Mudanças corporais

Meio ambiente
Cuidados com a escola
Ética – normas e regras

- Introdução ao Atletismo - corridas
Histórico
Fundamentos e regras
- Ginástica
Considerações gerais
Ginástica geral
Ginástica aeróbica
Ginástica corretiva
Ginástica Artística – considerações gerais
- Danças e ritmos expressivos
Considerações gerais - Traços históricos
Expressão corporal
Coreografias simples

6ª SÉRIE

- Medidas antropométricas
Importância
Indumentária para a prática
- História da Educação Física no Brasil
- Importância do aquecimento
- Temas transversais
Saúde – Primeiros socorros
Orientação Sexual – cuidados com o corpo
Meio ambiente – Respeito com a escola
Ética – virtudes do ser humano
- Danças e ritmos expressivos
Expressão corporal
Danças regionais brasileiras
Coreografias
- Jogos
Motores

Raciocínio

- Lutas
 - Artes marciais
 - Considerações gerais / pesquisa
- Esporte
 - Atletismo – saltos, histórico, fundamentos e regras
 - Futsal – histórico – fundamentos e regras
 - Voleibol – histórico – fundamentos e regras
- Ginástica
 - Ginástica Artística
 - Ginástica Rítmica Desportiva (Considerações gerais)

7ª SÉRIE

- Medidas antropométricas
 - Importância
 - Indumentária para a prática
- Noções sobre Educação Física
 - Considerações sobre as Olimpíadas
 - Competições nacionais, estaduais e municipais
- Aptidão Física
- Dança
 - Dança popular
- Temas transversais
 - Saúde – Vícios do ser humano
 - Orientação Sexual – DST, Métodos contraceptivos
 - Meio ambiente – Preservação da natureza
 - Ética – moral
- Jogos de salão
 - Dinâmica de grupo
 - Tênis de Mesa
 - Dama
 - Xadrez
- Caminhada

- Esporte
 - Atletismo – (arremessos) histórico, fundamentos, regras
 - Futebol de Campo – histórico, fundamentos, regras
 - Futsal – histórico, fundamentos, regras
 - Handebol – histórico – fundamentos, regras

8ª SÉRIE

- Medidas antropométricas
 - Importância
 - Indumentária para a prática
- Noções sobre Educação Física
 - Considerações sobre a Copa do Mundo de Futebol (história)
- Temas transversais
 - Saúde e benefícios da atividade física
 - Orientação sexual – homossexualidade / desporto
 - Meio ambiente – material reciclável e biodegradável
 - Ética - cidadania
- Atividades recreativas ao ar livre
 - Passeios
 - Acampamentos
 - Trilhas e caminhadas
- Organização de competição
 - Campeonatos
 - Torneios e gincanas
- Dança
 - Expressão corporal – teatro, música, dramatizações, cantorias, mímicas
- Esporte
 - Atletismo – histórico, fundamentos, regras

Handebol – histórico – fundamentos, regras
 Futebol de Campo – histórico, fundamentos, regras
 Futsal – histórico, fundamentos, regras
 Voleibol – histórico, fundamentos, regras

ANEXO B

ENTREVISTA

ENTREVISTA 1

Entrevistador – Raimundo Inácio da Costa Pinto - RICP
 Mestrando da Universidade de Sorocaba

Entrevistado – JOÃO BOSCO DA COSTA PINTO - JBCP
 Profº Educação Física de 1ª a 4ª séries
 Chefe do Departamento de Desporto – SEMED / MAUÉS

Data: 04.08.05 – Terça-feira

- Horário: 18:00h
- Local: Escola Estadual São Pedro

1. Entrevistador RICP – Professor Bosco, Como é que foi essa experiência que ele teve com os índios Sateré-mawé através de um projeto sobre educação?

JBCP – Primeiro lugar, foi uma satisfação muito grande por que, eu como professor de Educação Física que venho militando no interior do Estado do Amazonas, foi uma experiência inédita pra mim. Pela primeira vez tivemos a oportunidade de ter um contato direto com os índios sateré-mawé, onde o nosso objetivo era a implantação da educação física, por que a SEDUC/AM, e SEMED/MAUÉS, estavam qualificando professores para ministrar aulas de 5ª a 8ª séries, e nós na oportunidade estávamos no município de Maués e aceitamos o convite da SEDUC, em parceria com IER-AM para

desenvolver esse trabalho, cuja proposta era de levarmos a educação física, mas uma educação física que fosse primeiro, discutida com os índios para que a gente saísse de lá com uma proposta de Educação? Física para ser desenvolvida na área indígena.

No primeiro momento – foram feitos contatos com índios para que nós pudéssemos chegar ao local onde seria desenvolvido esse trabalho, e houve um planejamento, onde nós iríamos passar cinco dias e desenvolver esse trabalho. Trabalho esse, que foi organizado pela SEMED/MAUÉS, onde realizamos a viagem num bote, tipo *voadeira*, uma lancha pequena de metal, eu me dirigi ao local que eles chamam de “Comunidade Terra Nova II”. Foi uma viagem muito cansativa, por que foi a primeira vez que eu estive lá.

Não imaginava que fosse uma distância tão grande, onde fizemos uma viagem de 4 horas, passamos por algumas dificuldades, por que no período em que fomos o rio estava seco, tivemos assim muitas dificuldades para encontrar o canal do “Rio Maráu” para chegarmos até lá.

Foi muito difícil, num calor muito grande, mas quando nós chegamos lá, enfrentamos muitas dificuldades, primeiro por que, não conhecíamos a comunidade, e o objetivo era, primeiro pegar informações da comunidade para poder iniciarmos um trabalho.

Nisso foi difícil, por que os índios, os mais antigos que nós gostaríamos de ter informações deles, não dão informações a qualquer pessoa. Nós tivemos que ter um certo cuidado, conversar com os professores índios, convencer os adultos para que nos passassem essas informações, para que chegássemos até aquelas atividades que nós gostaríamos de desenvolver com eles.

Num momento inicial, nós gostaríamos de saber, que tipo de atividade física eles faziam.

Fizemos um questionário onde, perguntamos a respeito de frutas, dos animais, qual era as atividades que eles faziam, e com isso nós conseguimos algumas informações, mas no segundo dia, que nós conseguimos avançar, até por que, o interesse deles quando nós fomos falar da educação física era apenas pelo futebol.

Acredito eu, que o interesse deles, é por que eles assistem muito a jogos pela televisão através de antenas parabólicas, isso eu acredito que despertou o interesse maior deles exatamente em aprender como se treinava o futebol.

Nesse momento, tive que explicar que o meu objetivo não era esse, mas que nós poderíamos dar uma orientação, não só no futebol, mas nas outras modalidades esportivas, que eles poderiam praticar ou eventualmente outros esportes que porventura eles já venham desenvolvendo lá.

E passamos então, a fazer um trabalho com eles, aproveitando a natureza, por que eles têm o rio na frente da comunidade, eles têm campo de futebol, e áreas livres. Procuramos desenvolver atividades naturais, até por que a educação física de 5ª a 8ª séries, e procuramos fazer uma relação do conteúdo programático, ou seja, todo o conhecimento pedagógico desenvolvido na área urbana de Maués, apresentado pela proposta apresentada pela SEDUC tem, e procuramos relacionar com aquelas atividades que eles desenvolviam.

Foi um trabalho muito proveitoso, por que eles demonstraram que são muito ativos, todos os assuntos abordados foram em comum acordo, e desenvolvido com eles, dentro do interesse deles, tentamos motivá-los a ter o conhecimento das várias atividades que eles poderiam desenvolver, procuramos também, levar pra eles, uma noção de jogo, inclusive na oportunidade, desenvolvemos com eles, o voleibol, o

handebol, o basquete, e levamos uma noção pra eles, que os jogos foram criados em função de uma necessidade de um grupo de pessoas.

Não precisariam ficar esperando que as informações chegassem, eles mesmos poderiam criar seus próprios jogos. Tanto é verdade isso, que nós não levamos nenhum material de educação física, apito, bola, corda etc, levei apenas o material didático, pra servir de embasamento teórico.

Utilizamos somente o material que eles produziram e que confeccionaram, muito importante, por que nós jogamos bola, com bola de folha, de papel, de papelão, fizemos corda com cipó, utilizamos madeiras, a área que eles tinham pra jogar o handebol, o voleibol, e foi muito interessante, por que no primeiro momento o futebol era jogado da seguinte forma:

. Eles dividiam as equipes em números iguais, começavam a chutar a bola e num determinado momento a torcida se envolvia, no final todo mundo tava correndo atrás da bola, não se sabia quem era, de que time, quem era torcida, e uma coisa interessante que eles falaram.

Uma coisa pra mim que foi muito importante, foi uma atividade que eles já desenvolviam a muito tempo, *o jogo da peteca*, inclusive construíram (fizeram) uma peteca com folhas de milho, da espiga de milho, muito interessante, muito bem feita, no estilo dessa peteca original que se joga hoje, e um índio antigo dizia que eles já brincavam, esticavam um cipó, e ficavam rebatendo de um lado para o outro, sem regra, onde o objetivo era bater a bola de um lado para o outro.

Assim como o futebol, o objetivo era chutar a bola para qualquer lado, e eu ainda tive oportunidade de ver, por que eu fui ver uma partida de futebol, e quando eu vi uma correria, eu fui lá perceber o que era? Era um jogo de futebol lá que a mulherada estava jogando e todo mundo participando.

2. Entrevistador RICP – Professor Bosco, depois de toda essa experiência, esse período que você passou lá, trabalhando nessa proposta de Educação Física diferenciada na Comunidade dos índios sateré-mawé, que conclusão você tirou de tudo que aconteceu?

JBCP – Bom, primeiro eu fiquei surpreso com a pré-disposição deles pra atividade física, por que toda a proposta que eu levei, teórica, a gente conseguiu dentro da comunidade, fazer uma relação das atividades que eles já desenvolviam lá, atividades naturais do dia a dia, e a gente conseguiu fazer uma relação muito boa, por que? No dia a dia, eles acordam cedo pra ir caçar, ou fazer roça, eles cuidam da cultura do guaraná.

Mas, uma coisa interessante que eu percebi lá, que as crianças não participam desse trabalho. As crianças ficam nas ocas, naquelas casas de palha, os irmãos mais velhos cuidam, ou as meninas mais velhas cuidam dos irmãos mais novos, e algo que me chamou a atenção, eu não vi uma criança chorando.

Elas estão sempre próximas do irmão mais velho, e veio ao curiosidade em saber o que as crianças faziam, o que os adultos faziam, como é que eles se divertiam, então, eles hoje, atualmente, se divertem muito com o futebol, gostam muito de jogar futebol, e é a atividade mais freqüente com eles.

Então nós procuramos mostrar, que essas atividades que eles fazem no dia a dia, podia ser uma atividade de lazer, tipo fazer uma caminhada, fazer atividades competitivas de

caçar, de tiro ao alvo, de natação, de remar, então, procuramos dentro do dia a dia que eles desenvolvem suas atividades naturais, procuramos mostrar atividades que poderiam ser de lazer, ou atividades formativas, onde eles poderiam desenvolver as qualidades físicas através daquelas atividades.

Então procuramos mostrar pra eles, que uma pessoa tem força, velocidade, resistência, e fizemos uma relação dentro das atividades que eles desenvolvem no seu dia a dia.

Isso foi muito importante, por que eles demonstraram uma habilidade impressionante, todos eles, tanto os homens como as mulheres, muito pré-dispostos a atividade física. Foram realizadas várias brincadeiras, utilizamos tronco de árvores, nós fomos para um local, que eles estavam cortando árvore.

Fizemos um circuito com cipó, com madeiras, onde eles passaram por baixo de obstáculos, onde percebemos uma habilidade impressionante. Isso me impressionou bastante, por que?

Nós encontramos ali, pessoas de uma certa idade, mas com um vigor físico muito desenvolvido, e eu tive a curiosidade também, no momento de perguntar, como eles ensinavam as crianças a nadar. E eles me informaram que, os mais velhos assim como eles toavam conta das crianças quando iam trabalhar, ou fazer algum serviço, ou caçar, então são os filhos mais velhos que tomam conta dos menores.

Eles levam pra beira do rio, e lá, vão soltando, e a criança naturalmente vai tentando flutuar e eles vão aprendendo naquela atividade ali de tomar banho todo dia, de manhã e de tarde, as crianças desde cedo já vão se soltando, inclusive, eu fiquei impressionado, por que, fomos para a beira do rio fazer uma atividade com as crianças, pra mostrar pra eles como eles poderiam fazer competição, e a surpresa, ao terminar a atividade, um pai, disse que o filho nunca tinha nadado. Era um garoto de mais ou menos 10, 11 anos, ele foi junto com os outros, eu pedi que todos fossem até um tronco, e ao sinal, eles teriam que voltar pra ver quem chegava primeiro, e todos foram, e eu acreditava que todos sabiam nadar. E após esse fato, eu fiquei preocupado de acontecer algum acidente e a gente ficar responsável por isso, então, aquilo ali, marcou muito, a minha presença lá.

Tivemos a oportunidade de mostrar pra eles, que existem os vários jogos, e como eles queriam aprender apenas o jogo de futebol, como se treinava, como se jogava, até por que a televisão mostra muito isso pra eles através das parabólicas. Nós demos uma idéia de handebol de areia, do voleibol, do basquete, e nós utilizamos material deles lá. Bola de folha, de papel, apareceram com uma bola de borracha que tinham lá, e nós mostramos pra eles, que era possível criar o jogo.

Não levamos as regras do jogo, mas criamos jogos, alternativas, dando uma idéia do basquete, do volei, até por que alguns professores questionaram, como é que eles poderiam trabalhar, e foram essas atividades que foram desenvolvidas.

Além disso, também, procuramos ter conhecimento qual era o tipo de alimentação, das frutas, e foi percebido que eles durante muitos anos usaram o timbó pra pescar, que é um veneno de uma madeira. Eles jogam na cabeceira do rio, então o veneno vem pra matar os peixes, eles pegam já o peixe contaminado. Isso trouxe doenças pra eles, e também comprometeu o leite do rio, tanto é que, hoje, eles não têm peixes. Na frente da comunidade, eles têm essa dificuldade.

Então, ta sendo feito um trabalho pra que aquele rio seja trabalhado, pra que eles possam ter novamente co peixe, pra se auto-sustentar, e também nos mostraram dificuldade na caça.

O que foi percebido, o que eu achei interessante, primeiro a politização - Os índios são muito politizados, são muito organizados, eles tem uma hierarquia, eles respeitam seus líderes, as suas lideranças. Eu tive a oportunidade de presenciar discussões, sobre vários assuntos, e nos deram uma lição de organização, de política, que eu fiquei impressionado como eles tratam os seus assuntos.

Então, isso pra mim foi uma coisa que eu aprendi muito, na questão da organização deles, do respeito, da hierarquia, isso pra mim foi muito importante. Foi um assunto que nós não tratamos diretamente com eles, mas percebemos.

Uma outra coisa é a solidariedade! O índio é muito solidário com o seu povo, nós passamos dificuldades lá, por que o rio tava muito seco, e passamos dois dias praticamente comendo carne com sal simplesmente, era o alimento que tinha, e não tínhamos mais nada pra comer, por que o barco que iria trazer essa alimentação, passou dois dias para retornar, e tivemos realmente dificuldade. É muito ruim você está num local distante, a comunicação era uma vez por dia, e num horário de 9:00h da manhã. Quando se ligava rádio parece que tinha muita gente falando ao mesmo tempo, e foi angustiante essa situação lá que nós passamos.

Mas vejamos bem, nesse momento, nós percebemos a solidariedade. Um índio foi caçar, encontrou um cacho de banana, e dividiu com todos. A comida deles, por que, eles vieram de várias comunidades para um local central pra realizar o curso. E levaram todos os filhos, então, a alimentação que eles recebiam pra eles, que era dado pela Prefeitura de Maués, pra que eles participassem do curso, eles dividiam com todos os filhos com as mulheres que estavam lá presentes.

Então, nós percebemos essa solidariedade deles, com o seu próprio povo, e nesse momento eles também, um índio conseguiu caçar um veado, que foi dividido com todos, e eles dividiram com os professores, então, esse aspecto humano, eu percebi isso, e que muito me engrandeceu. Servindo como lição de vida, que mesmo eles estando distantes, passando dificuldades, e até por uma questão de sobrevivência, eu acredito que eles se ajudam muito por causa disso.

Também foi constatado, que o índio hoje, não trabalha. Muitas pessoas dizem que o índio é preguiçoso, mas a culpa disso é do próprio homem branco, por que ao conquistar o índio, ao catequizar o índio, o homem branco passou a dar as coisas pro índio, a oferecer as coisas pro índio, e ele foi se acostumando, se acomodando.

A própria FUNAI, é responsável por eles muitas das estarem acomodados, talvez hoje não, talvez pela formação que eles já receberam, mas no momento que nós chegamos lá, comentando com um índio e com uma pessoa que dava assistência pra eles lá, reclamavam que o índio ficava só esperando as coisas da FUNAI, que a Prefeitura de Maués desse as coisas, pra que eles conseguissem sobreviver, e eles se acostumaram a isso.

Mas hoje, tanto isso é verdade que, vários projetos de agricultura, foram introduzidos na área indígena, de frangos, de gados, e o que acontecia. Quando não tinha caça nem tinha peixe, eles matavam o frango, e matavam o gado que tinha lá, pra resolver seu problema de alimentação, uma coisa natural pra eles.

Eles não estão preparados pra agricultura, eles não estão preparados pra plantar nada. Talvez com essa nova geração, com a formação que hoje. Hoje nós temos no ano de 2005, nós já temos aí índios fazendo faculdade, na própria área indígena. Eles já avançaram tanto, correram atrás, e buscaram e conquistaram isso. Então a gente

acredita que a nossa contribuição foi muito importante, por que foi feito um trabalho didático.

Eles escreveram tudo que eles trataram com a gente, e transformaram num livro, e pra mim foi uma satisfação, e aquilo pra mim foi muito gratificante, por que eles traduziram num livro todas aquelas atividades que foram mostradas pra eles que eles poderiam utilizar como atividades de lazer, ou como atividade pra desenvolver, e isso pra mim foi muito importante.

Foi um trabalho pioneiro, onde foi observada a sua cultura, os seus costumes, tanto é que, a avaliação foi feita com eles para que eles apresentassem uma atividade física, ou um jogo, ou uma dança.

Pra minha surpresa cada um apresentou um jogo diferente, uma dança diferente, e a única coisa que eu vejo hoje na cidade de Maués, é que as danças dos pássaros que existem no município, elas tem uma relação muito grande com aquelas danças que eles me apresentaram lá naquele momento. E com todas as características deles.

Inclusive a “Lenda do Guaraná” que hoje é mostrada para o mundo todo, ela vem em função exatamente da sua cultura, a história que eles contam que é transformada em lenda, tanto é que, nós temos três versões: 1. A Lenda do curumim; 2. A Lenda da “Cereçaporanga”.

Essa relação com a cultura hoje, é de fundamental importância, e o que nós estamos percebendo, é que eles nos procuraram em outros momentos pra realizar seus próprios jogos, até por que, nós os induzimos eles a organizar seus próprios jogos, com a noção que foi dada pra eles, de organização de competição, de campeonatos e tudo mais, eles mesmos já organizam seus eventos.

Então, isso pra nós, é de fundamental importância, e também sabemos que foi um trabalho pioneiro do Brasil. Pela primeira vez, a educação física foi introduzida numa área indígena, e isso pra nós foi fator de fundamental importância, a gente poder participar desse momento, e eu estou feliz, por que a gente, já desenvolve um trabalho no interior do Estado do Amazonas, mas só em nível de município. Experiência com a área indígena foi a primeira vez, e eu acredito que a aceitação foi muito boa, Por que eles constantemente vêm ao município de Maués, já pediram que agente retornasse lá, pra dar um reforço, por que agora eles já tem outra noção, já têm outra perspectivas e nós esperamos ter mais outra oportunidade, até por que, esse trabalho foi desenvolvido em parceria com a SEDUC-AM e o IER-AM, o órgão que cuida das atividades do interior.

Estamos a disposição, se tivermos oportunidade de estarmos lá, pra conversarmos, pra discutir com eles, até por que hoje, eles já têm uma formação, já tem uma visão de mundo. Então, pra nós seria interessante retornar lá, e ver até que ponto eles evoluíram, e até que ponto foi benéfico pra eles.

2. Entrevistador RICP – Professor Bosco, nesse tempo que você reside em Maués, um pouco mais de 10 anos, a contar de 1993, como é que você percebe a prática do esporte, e dos jogos de rua aqui em Maués, e se você percebe alguma influência dos índios sateré-mawé, nessa prática lúdica da sociedade mauesense? E como é que você analisa essa situação?

JBCP – Eu a credito que, em termos de atividade física, a única relação que eu vi da cultura sateré-mawé, é exatamente na questão das danças folclóricas, onde nos temos

ai, os rituais, inclusive são utilizados no Festival de Parintins, onde a origem dos “bois garantido e caprichoso”, segundo algumas pessoas contam, surgiu aqui em Maués, e nós percebemos nos festivais folclóricos aqui mesmo em Maués, a influência dessa cultura, mas exatamente na parte da dança.

Nós também percebemos, não sei se tem alguma relação com os índios, mas nós percebemos que ao final do dia, eles, quase todos, vão tomar banho na beira do rio, e nós aqui em Maués, como temos muitas praias, percebemos que essa atividade é desenvolvida.

Nós temos aí as várias atividades esportivas, desenvolvidas no município, mas não vejo nenhuma relação com os índios, até por que, quando nós chegamos em Maués, a atividade esportiva mais praticada era o futebol de campo, futsal, e hoje, nós desenvolvemos praticamente todas as atividades esportivas, e nós temos a participação de atletas da área indígena.

Hoje, fazem natação, triathlon, e que para nós, é motivo de muito orgulho, com destaques em jornais do Estado do Amazonas, com atletas vindo da área indígena, e como bons resultados na natação.

Mas, eu posso afirmar diretamente, que a meu ver, a cultura indígena sateré-mawé, não tem influência nas atividades físicas, no tocante a jogos, e nas atividades desenvolvidas na educação física, e eu não vejo nenhuma influência direta da cultura indígena. Nós temos hoje aí, várias modalidades esportivas, que não tem nenhuma relação com o que eu vi lá.

Até mesmo a peteca, que foi uma atividade, que nos foi apresentada, com sendo praticada a muito tempo pelos índios, e eu não vejo essa atividade lúdica sendo praticada no município de Maués.

Também, eu tive vendo o jogo do boliche que na verdade eles jogam com pilhas, ou algum objeto, que eles colocam em pé, tipo pedaços de madeira, e tentam derrubá-lo. Esse jogo acontece da seguinte forma: Fica um grupo de pessoas de um lado, e um grupo de pessoas do outro lado, jogando o boliche, e eu não vejo eles sendo praticados da forma que os índios me mostraram.

Portanto, eu posso afirmar que não existe na atual conjuntura, nenhuma participação da cultura indígena interferindo nas atividades físicas, não só na educação física, como na prática desportiva que é desenvolvida aqui no município de Maués.

Maués, 04 de agosto de 2005.

João Bosco da Costa Pinto
Chefe do Departamento
De Desporto

EN
TR
EV
IS
TA
2

AUTORIZAÇÃO

Eu Eliel de Oliveira Solimões, autorizo o Sr. Raimundo Inácio da Costa Pinto, mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba – UNISO, a utilizar o material coletado no questionário e entrevista, para fins acadêmicos.

Maués, 24 de julho de 2005.

Eliel de Oliveira Solimões
Eliel de Oliveira Solimões

Entrevistado - ELIEL DE OLIVEIRA SOLIMÕES – EOS - Professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jandira Mc Comb.

Entrevista realizada no dia 24.07.05 na E. E. São Pedro – 16:00h.

1. Entrevistador RICP – Professor Eliel o que o levou a escolher a profissão professor de Educação Física?

P1- E. A - Bom, são vários os fatores que eu posso apontar que influenciaram a entrar nessa profissão (prof. Educação Física). Por que, na minha 5ª série eu já participava de atividades físicas com o meu professor, na 7ª e na 8ª séries tive um privilégio de participar das atividades físicas como atleta da escola, e como atleta do município, de atletismo, eu fui atleta de tênis de mesa, de voleibol, de futsal, e com isso, eu fui aperfeiçoando o meu prazer de gostar de esporte.

Já tinha uma vocação pra ser professor, por que, na minha família tenho uma irmã que é professora a 25 anos, então com isso, eu achei bonita a profissão dela, por isso eu ingressei nessa profissão. Através de um convite da Secretaria Municipal de Educação de Maués, que me indicou para fazer parte desse quadro, por que, eu já tinha uma afinidade com esta área, e eles acharam que eu poderia dar conta dessa área (educação física). Por que, estavam com falta de professores nessa área, e dessa forma ingressei nessa área influenciado pela minha família.

Tenho uma infinidade (afinidade) muito grande, e gosto de trabalhar com criança. Eu particularmente tenho trabalhado com crianças, como se fossem meus filhos. Então há 12 anos, venho tomando essa profissão como parte da minha vivência.

2. RICP – Professor Eliel, durante sua formação acadêmica você estudou alguma disciplina que abordasse a teoria sobre cultura popular dos jogos de rua?

P1 - E. A EOS – Durante a minha formação não, Porém já com de dois anos de profissão, através da SEMED, ela me patrocinou um curso de capacitação pela UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA, através de Jogos Recreativos de crianças. Outro curso que foi feito através da UEA (UFAM). Com isso, eu fui ampliando mais meus conhecimentos dentro dessa área, até por que na época, não tive oportunidade de fazer o Curso acadêmico de Educação Física, mas com a necessidade de se ter o 3º grau, fui obrigado a optar pelo curso de Pedagogia, que foi a oportunidade que veio e eu consegui ingressar nessa faculdade. Eu faço parte do quadro de acadêmicos da UFAM, e estou fazendo o Curso de Letras pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA, já com o conhecimento abrangente nessa área da educação de 1ª a 4ª séries.

3. RICP – Professor Eliel, que reflexão você faz sobre os jogos de rua vivenciados na infância em relação a sua formação acadêmica. E como se refletem na sua prática docente hoje, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries.

P1 - E. A EOS – Na minha infância, ainda não influenciaram na minha formação, dos jogos de rua, (os jogos de rua não Os jogos de rua, não influenciaram na minha formação), Nunca o professor apresentou algum jogo, que eu lembre nesse contexto, mas hoje com o conhecimento que tenho, eu posso diretamente aproveitar esse conhecimento que o aluno trás da sua comunidade, até por que, o objetivo da educação hoje, nós temos que quebrar com o tradicionalismo, ou seja, de pegar o currículo ao pé da letra e colocarmos para o aluno, não valorizando aquilo que ele trás de sua comunidade.

Segundo como fala a constituição, ela aborda lá no artigo 27 preparado pela LDB/96. “A promoção do desporto educacional, dentro de uma prática não desportiva, quer dizer, pegar esses esportes que tem na rua, que a criança trás, e trabalharmos e lançar o nosso objetivo de conhecer aquilo que a criança trás. Não deixá-los fugir a oportunidade de fazermos a criança fazer parte da sua história, *ou seja*, montar a sua própria história. A escola serve de intermediário para a sua boa ampliação de conhecimento”.

4. RICP – Professor Eliel, quais os jogos de rua que você mais utiliza em sua prática e você consegue descrevê-los?

P1 - E. A EOS – Nós utilizamos alguns jogos, por exemplo, cemitério que é a queimada, a barra bandeira, os jogos de elástico, então, utilizamos da seguinte maneira: O cemitério (queimada) – Nós utilizamos através de 12 garotos na quadra, utilizando a quadra de vôlei. Utilizando também o tacobol, uma competição que não é do contexto

de disputa, mas é de participar, utilizarmos o desenvolvimento motor, desenvolvimento social, desenvolvimento cognitivo da criança. É nesse contexto que nós utilizamos esses jogos dentro da nossa escola.

5. RICP - Professor Eliel, existe algum saber nessa prática dos jogos de rua. Se existe, você pode identificá-los e tecer comentários sobre eles?

P1 - E. A EOS – São vários! Eu posso apontar vários saberes nesses jogos. Por exemplo: A seqüência do jogo do elástico – Ali, existe o 1º, o 2º, o 3º, podemos fazer uma classificação numérica, trabalharmos em cima da matemática. O quadrado que elas utilizam, tem uma relação a ver com a geometria, e dentro dessa linguagem que eles falam (dentro, por fora, etc) pode-se trabalhar na língua portuguesa.

Até mesmo quando a gente pode utilizar o local que a gente trabalha, com Ciências, na limpeza do seu ambiente de trabalho, e também nós podemos explorar a geografia, dentro do seu contexto, de como, de que maneira, como é feita é feita à área que eles podem trabalhar. É dentro dessa atividade, que nós trabalhamos a interdisciplinaridade dentro da brincadeira deles próprios.

6. RICP - Professor Eliel, você trabalha com liberdade, durante o desenvolver de suas atividades ou recebe algum tipo de pressão, em relação ao cumprimento do programa da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P1 - E. A EOS – Bom! Hoje, nós estamos quebrando aos poucos esse tradicionalismo que a educação nos impõe, por exemplo: O currículo da Educação Física, porém, nós temos que nos lembrar, e citar a LDB/96, no artigo 27, *onde ela diz que* “haja a promoção dos esportes não formais, é promover essas brincadeiras que essas crianças trazem, montar nossos objetivos em cima dessas brincadeiras, por que é um mundo que precisamos explorar”.

Podemos explorar diversos objetivos de forma contextual, daquilo que eles já conhecem, daquilo que a comunidade tem pra oferecer pra escola. A escola vai servir apenas, de um guia para que o aluno possa ser, não como atleta da escola, mas um ser social da sua comunidade.

Então, a proposta, ela já vem, praticamente pronta, como se nós já tivéssemos o material adequando para aquela atividade (uma quadra esportiva, o material esportivo, etc) então, a proposta curricular, para a Educação Física de 1ª a 4ª séries, ela nos trás um contexto diretamente fora da nossa realidade. E na LDB/96, fica bem claro que a gente precisa aproveitar esses esportes não formais, por que a criança, ela precisa brincar, ela não precisa ter uma formação de um atleta, com aquela visão de formar um atleta, mas um ser social participativo na comunidade. Até por que, nós, já temos a intenção de o garoto, o atleta, ele já vem canalizado, dentro da sua cabeça, o espírito competitivo. Então, se nós não atentarmos para essa atividade, nós vamos assim, colocar esse aprendizado, não numa forma de competição, mas numa forma de participação.

A partir daí, nós temos que fugir, nós temos que ser criativos, naquilo que a proposta nos trás por obrigatoriedade. Fazendo uma educação física recreativa, com liberdade, uma educação física com que o aluno venha pra cá, de uma forma, sem responsabilidade de resultado, é nesse contexto que trabalhamos.

7. RICP - Professor Eliel, em relação à forma de brincar, como você percebe a conduta das crianças, nos jogos de rua, dentro e fora do espaço escolar?

P1-E. A EOS – Bom, O brinquedo para a criança utilizar, ela não precisa ter um brinquedo tecnologicamente formado (industrializado), ou um brinquedo comprado de loja, mas um brinquedo que faça parte da sua vida e do seu contexto social. Um pedaço de madeira que utilizamos, pra fazer a brincadeira do tacobol, eles dão valor naquilo que eles praticam, então, essa forma de brincar da criança, faz com que a criança possa se expressar melhor faz com que a criança se liberte cada vez mais dentro do contexto escolar.

A escola passa ser o mediador daquilo que ela tem para oferecer para a escola. Esse comportamento que ela traz da rua, na rua ela tem um vocabulário vulgar, ela tem um horário que não tem limite, o espaço dela não é controlado, enquanto que a escola, ela sempre impõe regulamento, onde o aluno no vocabulário não pode falar alto, por que pode atrapalhar a outra turma, não pode ultrapassar o espaço que temos, por que já é de outra turma. Então, nós temos que ter essa visão de trabalharmos, de desenvolver essa brincadeira na escola de uma forma alternativa para a criança, fazer com que ela possa se sentir bem no espaço escolar, apesar dos regulamentos que a escola impõe.

8. RICP – Professor Eliel, que comentário você teria a fazer sobre a influência da cultura indígena sateré-mawé nos jogos de rua praticados pela juventude em Maués?

P1 - E. A EOS – Dentro do conhecimento daquilo que euc posso citar aqui se referindo a cultura indígena, eu posso citar aqui com a corrida de manja, que eles fazem lá, a brincadeira do se esconde. Eu não percebo, eu não posso assim citar, que tem alguma relação com as nossas brincadeiras aqui, do tacobol, da barra bandeira, do cemitério, e outras como o geral, pode se aproximar um pouco mais daquilo que lês fazem lá na comunidade deles, é o pouco que eu conheço da cultura indígena.

9. RICP - Professor Eliel, qual análise você faz, em relação a inclusão do desporto na proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental?

P1 - E. A EOS – Bem, essa pergunta é um pouco difícil. O esporte por si, ele já internaliza na criança, uma influência na competição, perder ou ganhar. Para a escola, praticar a educação física, se nós não estivermos atento a essa questão, haverá frustrações maiores, no seu desenvolvimento a nível estudantil e até social. Então, nós temos que trabalhar essa forma de competição, na forma de interatividade, e uma forma de participação com todos. Fazer um jogo, fazer uma grande competição, onde todos participem, sem que ela possa perceber, essa noção do perder e o ganhar.

Ela tem que estar fazendo parte de extrapolar o seu próprio limite, ou pode até ser o melhor, dentro daquela linha de pensamento, de ser o melhor, ou de ganhar, ou de perder.

As modalidades que elas devem aprender dentro de uma questão escolar esportiva, tem que ter um contexto recreativo. A partir daí dessa recreação, mais tarde, futuramente, ela poderá perceber que o esporte tem essa visão, do perder ou ganhar, mas no nível d 1ª a 4ª séries, precisamos estar atentos a essa questão

9. RICP – Professor Eliel, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua, fazendo um paralelo de sua época, com dias de hoje?

P1 - E. A EOS – Eu não tenho lembranças, das brincadeiras que elas faziam no passado, eu posso dar alguns exemplos aqui, hoje a mulher, ela tem uma participação na política, nós temos senadoras, temos ministras, *chefes de estado*, nós temos grandes empresárias, tomando as decisões nos campos econômicos, então, dentro desse contexto, hoje, se nós levarmos para o esporte, ela não tem mais *aquela fragilidade que o homem achava que ela tinha* na sua visão. Hoje nós já temos as equipes mistas, as crianças brincam entre elas, de tacobol, as crianças brincam entre elas de cemitério, de barra bandeira. Hoje nós podemos perceber que a *criança do sexo feminino*, ela é mais aguerrida, ela tem seu espaço dentro de uma competição onde tem também homens.

10 RICP – Professor Eliel, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua, fazendo um paralelo de sua época, com dias de hoje?

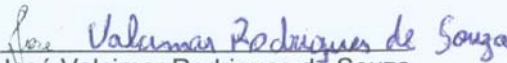
P1-E. A EOS – Eu não tenho lembranças, das brincadeiras que elas faziam no passado, eu posso dar alguns exemplos aqui, hoje a mulher, ela tem uma participação na política, nós temos senadoras, temos ministras, *chefes de estado*, nós temos grandes empresárias, tomando as decisões nos campos econômicos, então, dentro desse contexto, hoje, se nós levarmos para o esporte, ela não tem mais *aquela fragilidade que o homem achava que ela tinha* na sua visão. Hoje nós já temos as equipes mistas, as crianças brincam entre elas, de tacobol, as crianças brincam entre elas de cemitério, de barra bandeira. Hoje nós podemos perceber que a *criança do sexo feminino*, ela é mais aguerrida, ela tem seu espaço dentro de uma competição onde tem também homens.

ENTREVISTA 3

AUTORIZAÇÃO

Eu José Valcimar Rodrigues de Souza, autorizo o Sr. Raimundo Inácio da Costa Pinto, mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba – UNISO, a utilizar o material coletado no questionário e entrevista, para fins acadêmicos.

Maués, 01 de agosto de 2005.


José Valcimar Rodrigues de Souza

Entrevistado – José Valcimar Rodrigues de Souza - Professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jandira Mc Comb

Entrevista realizada no dia 01.08.05 na E. E. São Pedro – 17:30h.

1. RICP – Professor Valcimar, o que o levou a escolher a profissão professor de Educação Física?

P2 – E.B JVRS – Na época que eu comecei a trabalhar aqui na “Escola Jardim Pinóquio, trabalhei com criança de I Período, com crianças de 5 a 6 anos, e pela necessidade da nossa escola, não ter professor de educação física, sempre as sextas-feiras eu fazia brincadeiras com as crianças na escola.

No ano de 2003, eu passei a trabalhar numa outra escola, que atualmente eu trabalho, na Escola Municipal Jandira Mc Comb, já fui com a definição de ir dar aula na área de Educação Física. O que também me levou a escolher essa profissão, além do que eu já imaginava, é que desde cedo assim eu fazia as minhas brincadeiras e eu sempre gostei das brincadeiras, principalmente, as de rua, na qual em nossa escola, a gente faz muito isso.

Também, na escola onde eu trabalho, no “Jandira Mc Comb”, havia também a necessidade(dificuldade) de (em) não ter Educação Física com as crianças, e 1ª a 4ª séries.

Nisso a diretora pediu justamente ao Secretário SEMED, e eu fui definido a dar aulas de Educação Física para as crianças de 1ª a 4ª séries. Na minha infância eu também tinha, uma re(lembração) já na minha escola Jandira Mc Comb, é que eu sempre fazia as brincadeiras com os meus colegas de rua, aqui em Maués mesmo. Corríamos na nossa área ali, onde a gente mora, aqui no centro da cidade, fazendo aquelas competições. Geralmente, o que também me incentivou muito, é que eu sempre saia campeão, sempre ganhava dos outros. Isso foi levando, levando, levando, e com o decorrer do tempo, eu continuei me interessando mais pela Educação Física.

Na minha família, eu tinha um irmão mais criança do que eu, e a gente sempre brincava da competição de correr, de quem chegasse primeiro. E tudo isso, foi me levando a escolher essa profissão, que até hoje eu estou exercendo aqui, na nossa cidade, na minha escola.

A educação Física também, hoje, no decorrer do meu ponto de vista, ela é muito forte aqui na nossa cidade, apesar de a gente não ter uma estrutura bem avançada pra gente fazer tudo aquilo que a gente quer. O que mais a gente usa aqui é, a brincadeira de rua.

A gente vê, que as crianças se interessam bastante, parece assim, quando eu chego na escola, a primeira coisa que elas perguntam, é se vai ter hoje educação física. Se eu disser que não, elas ficam triste, mas e eu disser que vai, parece que é um alerta pra elas e no decorrer da educação física mesmo a gente vê lá que, eles se interessam.

Por que não tem assim uma estrutura bem, a minha escola, é uma escola que a gente abrange as crianças da periferia, criança de renda baixa, mas é muito válido a gente fazer educação física com elas. Eu tenho um proveito muito grande e eu me sinto feliz muito de estar com elas todos os dias na minha escola, nas competições que a gente participa, aqui no nosso município. Geralmente, a gente nunca sai assim em último

lugar. As crianças vão lá, a gente vai competir, tudo isso me incentiva cada vez mais, e incentiva também a direção da escola, os pais das crianças, e acima de tudo as crianças que, são a razão maior dessas brincadeiras de rua, que a gente costuma dizer assim, na nossa cidade.

2. RICP – Professor Valcimar, durante sua formação acadêmica você estudou alguma disciplina que abordasse a teoria sobre cultura popular dos jogos de rua?

P2 – E.B JVRS – Na minha infância, eu brincava muito das brincadeiras que a gente tem aqui como a barra bandeira, a peteca, e tudo isso, me levou a ter uma iniciativa em educação física. Eu nunca tive uma formação acadêmica, até agora (em Educação física), em razão da Universidade do Estado (Federal) do Amazonas não ter mais colocado a disposição (oferecido mais, a Licenciatura em Educação Física para o interior do Estado, especificamente em Maués).

Hoje, no ano de 2005, eu estou fazendo o PROFORMAR, que também é um curso oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas, e nesse curso que a gente está abrangendo, ele é muito válido até o exato momento, a gente ta observando, então a gente está aprendendo várias até mesmo brincadeiras novas. Eu vou citar aqui no nosso intervalo, tem o mexa-se, a professora sempre está, disposta a nunca deixar a gente ficar muito parado na cadeira e na sala de aula. E o mexa-se é um ensino que a gente ta dando, que sempre ela nos coloca esse dever de, por que o que a gente ta aprendendo lá no mexa-se, também a gente pode repassar para os alunos.

Como lá, nós não temos uma estrutura na minha escola, de primeira qualidade, isso é muito válido nas brincadeiras de rua mesmo. Por tanto, mais uma vez, a gente queria só concluir essa resposta e dizer que, hoje o CURSO PROFORMAR, oferecido pela UEA, está sendo válido e com certeza, na aula de educação física, a gente vai ter muito proveito com as crianças da escola que eu estou trabalhando até hoje.

Em relação aos jogos de rua, até o exato momento, não tivemos essa oportunidade no nosso CURSO PROFORMAR, mas com certeza, no decorrer do ano, a gente vai estudar, a gente vai ter toda essa formação e a gente espera ter um grande proveito no CURSO PROFORMAR junto com as brincadeiras de rua, muito válido para as crianças da nossa escola.

3. RICP – Professor Valcimar, que reflexão você faz sobre os jogos de rua vivenciados na infância em relação a sua formação acadêmica. E como se refletem na sua prática docente hoje, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P2 – E.B JVRS – Na minha formação acadêmica, a gente não tem assim uma comparação direto com os alunos, como se eles tivessem na pratica, mas ele(quem) é muito aproveitado, e eu uso muito como professor de educação física, e eu levo a sério, por levar os alunos muitas das vezes a brincadeira de rua. Eu lembro que na minha infância ainda, a gente tinha várias brincadeiras, e eu vou citar duas aqui: *O ovo na colher* – que é um pouco assim difícil, a outra era a *Corrida de saco*. O ovo na colher ela é muito aproveitado hoje, ajuda muito mais as crianças, até mesmo na sala de aula, por que nós temos regras.

Vamos supor: Quem chegar primeiro, não deixar o ovo cair, ter equilíbrio, ter assim, uma direção certa, e que não pode ultrapassar a frente do seu colega se não você perde. Já a Corrida no saco, também ajuda muito por que, você também continua a mesma seqüência, quem chega primeiro, mas aí você não pode cair, se você cair, você tem de começar (voltar) e começar do começo. Tudo isso, hoje, na prática que eu estou fazendo com os alunos, por que eu já passei por tudo isso que eu estou dizendo agora, então é muito aproveitado.

Na minha formação hoje que eu tenho fazendo esse CURSO PROFORMAR, a gente tem um proveito muito grande por tudo isso que a gente já vivenciou ao longo da nossa carreira, como aluno ainda na época, e hoje como também como professor de educação física

4. RICP – Professor Valcimar, quais os jogos de rua que você mais utiliza em sua prática e você consegue descrevê-los?

P2 – E.B JVRS – Os jogos de rua que eu mais utilizo na minha aula, na prática é a queimada. A queimada funciona dessa maneira: A gente tá na quadra, a nossa quadra que a gente usa, é a rua mesmo. A gente risca a rua todinha com giz branco. E a gente divide duas equipes. A equipe “A” fica com 10 alunos, e a equipe “B” fica com dez também, e ela funciona dessa maneira.

A gente aqui, a nossa situação é um pouco difícil, então a nossa bola, não é todas as vezes, mas muita das vezes, a gente usa a nossa própria bola, do papelão que a gente faz, embrulha um pouquinho com a meia assim, pra ficar bem bonitinho pra não acontecer nenhum acidente com os alunos.

E a gente via pra nossa quadra, que eu disse que é a rua, dividem as duas equipes, e lá funciona dessa maneira. As duas equipes vão escolher, se vão ficar com a bola, ou o lado da quadra que seja melhor, que você acha que vai ter mais vantagem, e vamos ao sorteio do par ou ímpar. Quem ganha escolhe, se quer a bola ou lado da quadra.

A primeira regra do jogo é essa, é que você não pode ultrapassar a linha central, você não pode sair da marca que a gente riscou com giz branco. Se você colocar o seu pé na linha central, ou se você sair da quadra, você já sai assim como se fosse queimado, como a gente tá dizendo aqui. Você estando queimado, você já fica com um a menos, na sua equipe.

É muito bacana no final, por que, a equipe vencedora aqui a gente usa dessa maneira também, quem sai vencedor, no próximo dia (seguinte) * redundante da educação física, essa equipe já sai com um, ou dois pontos, dependendo de quanto a gente (professor) achar que merece a pontuação.

Geralmente no final da semana, vê os alunos dessa maneira, eles saem mais cedo, ou então se tem, a lição de casa, tomar a tabuada, ou uma tarefa de casa, geralmente se coloca um exercício pra eles levarem. Mas em termo da queimada, no qual mais eu uso, eu tenho assim pela visão, que é muito aproveitado pelos alunos.

Não só por que eles vão sair campeões, mas por causa de interesse deles e é um jogo que é muito utilizado aqui nessa cidade, na brincadeira de rua mesmo.

Um outro jogo que eu sempre uso na aula de prática, é o passa a bola (estafeta). Esse é Assim, eu separo os meninos das meninas, então, uma fila dos meninos e outra das meninas, e a gente passa a bola primeiro por cima da cabeça, são dez os componentes que compõem o grupo, dez masculino e dez feminino. A gente começa passando a

bola, e tem até uma música, no qual a gente pode até, assim, eu não sou muito bom, mas a gente canta “ passa a bola, passa a bola, passa a bola sem parar, se você ficar com a bola, uma prenda vai pagar.”

É muito bacana, que nessa música o aluno não quer ficar com a bola, então, tem que ser muito rápido, senão você vai ficar com a bola, e você vai ter que pagar a prenda. Os próprios alunos que indicam se você vai dançar, se você vai pular, se você vai cantar, é uma brincadeira muito bacana.

Nessa brincadeira também, eu tive a certeza que os alunos aprendem, não só a atenção de não querer ficar com a bola, mas também de ser um pouco mais rápido até mesmo pra fazer os exercícios. A professora já aproveita na sala de aula, olha quem terminar por último, vai ficar só aqui na sala, quem terminar por último não vai cedo pra sua casa. Os alunos se interessam uma vez que eles têm pouco proveito nessa brincadeira do passa a bola.

Esse jogo funciona dessa maneira, o passar a bola, é por cima da cabeça, são dez crianças de cada lado. O primeiro que fica (na frente), começa e vai passando a bola (de costa de mão em mão), ao chegar a bola no último, esse corre pra frente, e passa a bola da mesma forma que anteriormente. Durante o percurso a bola não pode cair. Se cair, por exemplo, na metade do percurso, a bola volta para o primeiro da fila, e continua a brincadeira e sempre o último que recebe a bola corre o mais rápido possível pra frente, até por que, a outra equipe está correndo também pra ver quem termina primeiro. O jogo termina, quando o primeiro que começou a brincadeira de cada grupo, recebe a bola, estando no final da fila, corre rápido pra frente e levanta a bola, como sinal de ter cumprido com a tarefa.

É uma brincadeira muito utilizada também aqui, muito divertida para os alunos. Eles se interessam muito, pela preocupação em não querer pagar prenda. Aprenda geralmente nessa brincadeira, a gente usa, é que não é só quem ficou por último, ou o primeiro, é o grupo todo que paga a prenda. Ai, ninguém quer ficar pra pagar prenda, e todo mundo se propõe a se esforçar, e sair o vencedor desse jogo.

5. RICP – Professor Valcimar, existe algum saber nessa prática dos jogos de rua, que você pode identificá-los e tecer comentários sobre eles?

P2 – E.B JVRS – Com certeza, eu vou citar aqui o jogo da barra bandeira, como é um dos jogos assim muito utilizados pelas crianças, na educação física, na barra bandeira, existem vários critérios, primeiro que você vai ter que ter atenção. Se você vacilar um pouquinho, você é puxado pelo adversário, e você já não consegue ajudar a sua equipe.

No jogo da barra bandeira também, a gente além da atenção, existe a habilidade, a velocidade, então, são vários assim critérios nesse jogo que a gente usa para que o aluno possa participar dos jogos dessa brincadeira. A barra bandeira funciona da seguinte forma: São dez componentes, duas equipes de dez. A barra bandeira também não tem assim um espaço determinado, com certo limite, desde que tenha o espaço a vontade se pode utilizar.

Nesse jogo você, existe tanto na equipe A como na equipe B, geralmente a gente fala dessa maneira, existe um segredo vamos dizer assim, então a barra bandeira, pode-se

usar uma bandeira (pequena) mesmo, pode-se utilizar um galho de árvore, pode usar qualquer coisa desde que identifique como a barra bandeira.

Pra você sair o vencedor deste jogo, você, tem de ir lá na quadra, no campo do adversário e roubar (pegar) esse segredo. Você vai sem que o adversário lhe pegue. Se ele te tocar ele está queimado (colado), você está preso ali, e você tem de ficar num determinado lugar onde ele lhe pegou. Pra se sair vencedor você tem de ir lá no campo do adversário roubar a bandeira, desde que o adversário não toque em você, para que você venha para sua quadra, seu campo, sem ser tocado por ninguém. É um pouco proveitoso nesse jogo, além de você ter uma habilidade muito grande ao tentar desguiar do seu colega (adversário) que estão lá por que se eles te pegam, você não pode ganhar.

A barra bandeira é muito aproveitada aqui na minha escola, a qual eu estou hoje, falando assim um pouquinho, de como a gente faz essas brincadeiras de rua na escola, onde eu trabalho.

6. RICP – Professor Valcimar, você trabalha com liberdade, durante o desenvolver de suas atividades ou recebe algum tipo de pressão, em relação ao cumprimento do programa da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P2 – E.B JVRS – Na minha escola, como eu acabei de dizer, a gente trabalha com as crianças bem carentes, e eu não tenho nenhuma pressão por parte da direção da escola, ou até mesmo da nossa supervisora. Mas a gente trabalha de acordo com a realidade do aluno da nossa escola. Até por que, como eu disse, nossa escola não possui quadra, e é uma escola que abrange os três bairros (nome dos bairros (da periferia) da cidade. Todos de classe baixa mesmo, então a realidade da escola, e muito diferente da proposta (para a Educação Física) que a gente recebe hoje da secretaria).

Até por que a Secretaria manda uma proposta para os alunos que geralmente tem uma condição melhor, mas a realidade da escola é uma outra. Que com essa dificuldade, a gente procura fazer tudo aquilo, que esta, ao alcance dos alunos, sem pressão nenhuma, a gente procura na rua fazer esses jogos, de acordo com a realidade da nossa escola.

7. RICP – Professor Valcimar, em relação à forma de brincar, como você percebe a conduta das crianças nos jogos de rua, dentro e fora do espaço escolar?

P2 – E.B JVRS – Em relação a forma de brincar é o seguinte, as crianças na rua, tem a liberdade totalmente aí, a gente não tem como prender e tudo mais. Já na aula de Educação Física, não é que a gente prenda, ou tenha aquela pressão, a gente tem as regras claro, que a escola também tem, e a gente no decorrer das brincadeiras a gente usa, por exemplo: O aluno, ele não pode sair antes de terminar a aula de educação física, em relação a isso, a minha escola não tem muro. E no recreio a gente vê as crianças brincando das brincadeiras que fizemos na Educação Física, ou seja, é aproveitado pelas crianças também no recreio.

E isso é muito válido por que, não só para as crianças, mas até mesmo pra mim professor, por que, no intervalo ao invés de eu estar até mesmo merendando, eu aproveito pra aprender aquilo que eu ensinei já com as crianças na aula de educação

física, isso pra mim é muito válido, em relação á forma de brincar. Claro que na sala de aula, elas tem um comportamento diferente da rua. Na rua eles são soltos, até mesmo por que isso a gente coloca até mesmo na aula de educação física, a gente coloca a liberdade pra eles pra ver o que eles fazem, não o que eles bem entenderem, mas de acordo com as regras da escola, com aquilo que chegar aqui em nosso alcance, de saber se é certo ou errado, mas antes de começar à educação física, a gente sempre lembra do que eles tem que fazer, o que é certo, o que é errado, isso é muito (a)proveitoso, tanto faz crianças, como pra mim mesmo na aula de educação física.

8. RICP – Professor Valcimar, que comentário você teria a fazer sobre a influência da cultura indígena sateré-mawé nos jogos de rua praticados pela juventude em Maués?

P2 – E.B JVRS – Em relação a cultura indígena, eu tenho poucos conhecimentos até o exato momento, até por que eu tive essa oportunidade, no decorrer do meu trabalho, de trabalhar com uma pessoa que é da área indígena. Mas, foi muito pouco a nossa convivência, até por que nós trabalhávamos com doentes numa casa de recuperação.

Também na minha escola, existem as crianças, algumas crianças que são da área indígena sateré-mawé. Em relação as brincadeiras elas, as crianças da escola, brincam normal, como qualquer criança. Eu saí uma certa manhã procurando as crianças que vieram da área indígena, mas eu até o exato momento eu não tive a certeza, o por que, de elas assim não se identificarem, que eu chegava na sala e perguntava quem era de lá da área indígena, e ninguém me respondia.

Talvez por um pouco de vergonha, até mesmo dos colegas de repente por que, eles já pertenciam a uma outra posição (social) assim de vida melhor aqui na cidade, de uma outra classe, e ficariam com vergonha de se identificar como sendo da área indígena.

Em relação ao conhecimento que eu tenho também da área indígena, o pouco conhecimento que eu tenho, é da dança da tucandeira, que é pouco conhecida. Não só aqui em Maués, mas no Amazonas todo. É uma passagem do curumim (menino índio) que passa já a vida de homem. Esse ritual é da seguinte maneira: O curumim coloca a mão dentro de uma luva. Dentro da luva há várias formigas grandes, que tem um ferrão na bunda, ela é preta, e é colocada a mão do curumim dentro dessa luva, e começa a dança do ritual.

A gente que já viu através da televisão, é um pouco ruim, só vê por que o menino chora o menino grita, mas é a cultura deles. Em relação aos jogos, eu não tenho nenhum conhecimento de as brincadeiras que a gente faz aqui na cidade, tem a influência da cultura indígena aqui do município, e até mesmo (de outras tribos) do nosso Amazonas.

9. RICP - Professor Valcimar, qual análise você faz, em relação a inclusão do desporto na proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental?

P2 – E.B JVRS – A gente sabe que o esporte, é fundamental até mesmo para qualquer criança ou adulto, qualquer brasileiro, a gente diz assim. Mas, das posturas que eu digo assim das crianças, que eu não sou muito de acordo, é a competição, que é feita aqui no nosso município. Até por eu as competições são um pouco assim fortes para as

crianças de 1ª a 4ª séries, porque, a criança já começa, com aquela visão de sempre ganhar, sempre ganhar, isso na competição, de querer ser o melhor.

Eu não concordo com esse tipo assim de competição, de querer ser o melhor, até por que não tem só um, são várias crianças e pra tirar um, quer dizer, tu é o melhor, é difícil. Por que se de repente ele vai pra competir, e chega lá eu digo que ele é o melhor, e ele não é o melhor, nas outras escolas tem um melhor, então, isso tudo, é uma influência que não é muito aprovado, no ponto de vista, na competição do esporte aqui, que a SEMED manda, pra gente fazer no decorrer do esporte aqui.

Também a gente sabe que pra competir, precisa ter só uma (equipe). Na minha escola são 920 alunos. No futsal, só são (escolhidos) 12, de 300 alunos masculinos que tem ali, pra mim tirar 12 é difícil. Bom se tivesse uma manhã um dia dedicado a recreação, seria mais (a)proveitoso, por que a gente formaria várias equipes. Eu vou dar exemplo aqui da minha escola, como funciona no final de semana geralmente, a gente tira, um sábado ou uma sexta-feira pra fazer as brincadeiras e lá em vez de pegar só 10, a gente pega todos os alunos, e no decorrer dos jogos, se você perdeu agora, você vai competir numa outra brincadeira, e sempre no final, todo mundo sai satisfeito, sai feliz da vida, por eu participou de todas as brincadeiras.

Eu não acho muito bem assim escolher somente 12, mas que envolva(todos), e seria muito mais (a)proveitoso fazer um dia dedicado ao esporte de 1ª a 4ª séries com as crianças, dedicado a essa área aí, com certeza seria mais (a)proveitoso, por que as crianças, não ima com aquele pensamento de somente ganhar, competir, mas não, e sim com aquele pensamento de brincar e participar das brincadeiras que teria acontecido nessa manhã de recreação.

10. RICP – Professor Valcimar, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua, fazendo um paralelo de sua época, com dias de hoje?

P2 – E.B JVRS – Eu lembro que, na minha época, as mulheres, a gente fazia brincadeiras de rua, na rua onde eu moro. Só que era da seguinte maneira, as mulheres era o grupo delas, e nós, homens, o nosso grupo. A gente sempre saia campeão por que a gente nunca queria perder.

A gente muitas das vezes não queríamos que elas participassem das brincadeiras, que a gente queria. Por exemplo, do taco, a brincadeira do taco, fazia três homens, e três mulheres, às vezes, a gente também saia sempre vencendo, por a gente puxava um pouquinho a mão dessa maneira, se elas patetassem um pouquinho, a gente jogava o taco muito mais longe pra elas nunca ganharem de nós mesmos.

Já nos dias de hoje, eu vou dar um pouquinho de exemplo assim da minha escola. Eu uso a brincadeira do cabo de guerra, e que separo 10 meninos e 10 meninas, não é que os meninos hoje vão ganhar. Muitas das vezes eles perdem.

Por que hoje, a mulher ta com um avanço muito grande no esporte, la na escola a gente vê dessa maneira, quando estou fazendo a educação física, na rua com os alunos, que hoje as mulheres tão muito mais avançadas na prática do esporte, se você vacilar você perde, SE eu tiver um homem por exemplo, na estafeta, que a gente tem uma brincadeira que, a gente coloca 10 meninos ,e dez meninas, isso a gente faz assim na rua também.

Temos a quadra, coloca dois pedaços de madeira lá, uma trave, dez meninos e dez meninas e ganha quem correr mais, quem tiver velocidade mais (redundante) e muita das vezes a gente vê cada vez a gente vê mais, os meninos sempre perdem, por que as meninas na velocidade aqui no município de Maués, elas estão com um avanço muito grande, hoje vendo as mulheres da minha época, elas eram um pouquinho fracas, hoje, elas estão assim no mesmo nível que os homens, aqui no município (Maués).

Em relação também as mulheres nos dias de hoje, a gente observa muito que elas estão tomando espaço, dentro da sociedade. A gente vê que hoje existe, as mulheres ocupando, cargos parlamentares, governadoras, deputadas, senadoras, chefe de vários órgãos públicos e tudo mais.

Então a gente vê que a mulher não só na parte do esporte, mas também no modo da sociedade de ver dessa maneira aqui. Elas estão com um avanço muito grande e por que não também no esporte. A gente vê que as mulheres hoje estão principalmente as americanas, tem assim uma velocidade muito grande. Qualquer um fica assim admirado de vê as mulheres hoje nos dias de hoje, com as da minha época.

NA minha época não tinha tudo isso, a gente vê que o mundo tá muito globalizado, tá muito avançado mesmo, e quem sabe, se o homem hoje vacilar um pouquinho hoje, amanhã a mulher tá tomando conta do país e até do homem mesmo.

ENTREVISTA 4**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o professor Raimundo Inácio da Costa Pinto, Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação "Mestrado em Educação" da Universidade de Sorocaba-SP, a utilizar as informações contidas nos Instrumentos de Coleta de Dados 1 e 2 respectivamente, Entrevista e Questionário, para fins acadêmicos.

Maués, 26 de julho de 2005.

M^a Eney Pinto Brasil
MARIA ENEY PINTO BRASIL

Entrevistado – Maria Eney Pinto Brasil - Professora de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, da Escola “A” - E. M. Jandira Mc Comb

Entrevista realizada no dia 26.07.05 na E. E. São Pedro – 16:00h.

1. RICP – Professora Eney, o que a levou a escolher a profissão professora de Educação Física?

P3 – E. A - Entrevistada – MEPB – É muito bom dizer que, apesar de não possuir qualificação na área, a minha experiência como professora de Educação Física, foi por influência cultural, devido eu já ter participado como criança. Nessa época, eu participava da catequese, e depois das aulas de catecismo, nós íamos brincar.

Envolvia várias crianças, quem dirigia era a nossa catequista, não que fosse uma pessoa da área específica, mas ela ficava lá com a gente pra não acontecer nenhum acidente. Então, tinha afinidade muito grande com as crianças, com as minhas colegas lá na prática dos jogos.

E hoje como professora, eu percebo o quanto era importante esse ajuntamento de crianças para realizar brincadeiras de rua. E devido essa afinidade que eu *possui* não só com as crianças, mas com as brincadeiras que realizávamos, contribuiu muito para escolha da minha profissão professora de Educação Física.

2. RICP – Professor Eney, durante sua formação acadêmica você estudou alguma disciplina que abordasse a teoria sobre cultura popular dos jogos de rua?

P3 – E. A MEPB – Durante a minha formação acadêmica não houve nenhuma teoria sobre essa cultura popular dos jogos de rua, quando eu escolhi essa profissão, eu tive que participar de um “curso adicional”, que me dava o direito de lecionar de 5ª e 6ª séries. Esse curso veio aqui pra Maués, pela D. Euclídia “técnica em Educação da SEDUC/AM”, em convênio com a Fundação Padre José Anchieta, e eu participei, por que era a única forma que eu tinha de trabalhar na área que eu gosto.

Por que eu já tinha participado das atividades quando criança, e com certeza, apesar de ter sido um curso corrido, contribuiu muito por que, eu tinha conhecimento de várias brincadeiras e com isso eu aperfeiçoei mais o meu trabalho com as crianças, as quais eu fui designada a trabalhar. Nesse curso do adicional que eu fiz em 1984, contribuiu muito, apesar de ser um curso corrido. Mas eu pude fazer o Concurso Público da Secretaria de Educação do Estado, onde eu fui aprovada. Mas houve um fato muito importante que aconteceu nesse percurso, em 1991, eu ministrei aula de Português, de Literatura, no turno noturno, que foi uma etapa da minha vida, que eu procurei cumprir, por que tinha que estudar pra dar aula para os meus alunos e eu ia atrás dos professores que já davam aulas a anos, p/ pegar orientações sobre como dar aula.

Como eu dava aula a noite, durante o dia eu estava na casa dos meus colegas professores para eu tirar minhas dúvidas de sala de aula, pra eu não ter dificuldade de transmitir. Devido a nossa dificuldade, em 1992, veio pra cá pra maués, o Curso de Educação Física da UFAM, fiz minha inscrição, mas no dia da prova, eu não pude comparecer, devido eu estar muito doente, foi um domingo e choveu muito, e nesse dia,

eu ia fazer o exame de qualificação em Educação Física, ou seja, uma prova, e eu não pude comparecer.

Desde então, foi à única vez que esse curso veio pra cá pra Maués. E foi uma oportunidade que eu perdi, e desde esse ano, nunca mais se ofereceu para o interior do Estado esse curso de Educação Física. E devido eu morar aqui em Maués, como eu não tive oportunidade de estudar fora, eu fiquei esperando, mas eu tinha certeza, que um dia ia chegar aqui em Maués, e eu ia poder me qualificar.

Não na área que eu trabalho, mas eu tinha vontade de fazer qualquer uma qualificação a nível superior. Foi quando chegou em Maués, a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, que foi oferecida pelo Governo do Estado, para todo o interior do Estado do Amazonas, eu fiz minha inscrição para o curso de Letras foi uma seleção através de uma prova, fui classificada, e estudei. Não foi a qualificação que eu sonhava, mas já foi uma qualificação.

Essa qualificação, esse curso, eu tirei muito proveito pra minha profissão. Nesse período devido eu estar trabalhando com educação física, eu fiz vários cursos, em 1993, com a chegada do professor Bosco aqui em Maués. O esporte de Maués, as aulas de educação física, desde o nosso planejamento, teve uma nova visão. Com isso fomos convocados a participar de vários cursos em Manaus, foi quando comecei a ter uma nova visão do trabalho na escola.

Com tudo isso, eu não lembro, de ter estudado alguma disciplina que abordasse a cultura dos jogos de rua.

3. RICP – Professora Eney, que reflexão você faz sobre os jogos de rua vivenciados na infância em relação a sua formação acadêmica. E como se refletem na sua prática docente hoje, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries.

P3 – E. A MEPB – Essa vivência dos jogos de rua, foi a mais importante fase da minha vida, aprendi o que é amizade, companheirismo, respeito, pontualidade, sinceridade, são valores que eu adquiri nesse período dos jogos de rua, que até hoje eu procuro conservar. As áreas para realizar os jogos eram feitas por nós mesmos, e lá na realização das brincadeiras, não havia divisão de idade, de faixa etária, eram todos juntos. Não precisava de uniformes, era descalço, todos eram aceitos para brincar.

Quando alguém se machucava, todos nós procuravam socorrer, pra que os nossos pais não descobrissem, e viesse a proibir alguém de brincar no outro dia.

Na minha formação acadêmica, eu não lembro de ter abordado esse tema “jogos de rua”. (Sempre procuro utilizar) agora depois da minha formação. Como professora, com meus alunos, mas hoje eu percebo nessas brincadeiras que eu brincava quando criança eram desenvolvidas várias habilidades, como coordenação motora, força, velocidade, companheirismo, naquela época eu não via esses conceitos, e hoje eu percebo.

E é muito importante como, por exemplo, aa queimada, que hoje é conhecida como queimada, na nossa época, era cemitério, e não tinha a delimitação na lateral era só uma linha no meio dividindo os dois terrenos e valia o fundo inteiro, e não era cronometrado, então, naquela época, era normal, quem matasse (queimasse) todos os componentes adversários ganhava.

Hoje, em dia, é por minuto, então, ela já é limitada essa brincadeira. Nessa brincadeira as crianças vivenciam força, coordenação, atenção, agilidade, flexibilidade. Há uma interação muito grande entre os grupos, mesmo havendo restrições.

Também, a brincadeira do elástico, que as meninas utilizam muito, através dessa brincadeira, desenvolvem força de perna, atenção, o trabalho em trios, quem vai coordenar o elástico, quem vai bombear, que trás benefício não só, bom pra saúde, mas para o saber da criança, quantidade, atenção, e uma brincadeira muito dinâmica.

Com todas essas atividades desenvolvidas na escola, eu apresentei pra diretora, um projeto, cujo tema era jogos(brinquedos) alternativos, depois foram trabalhados esses jogos. Então, no primeiro momento, eu falei com a diretora que achou válida a idéia, depois fui reunir com os professores, pra saber da idéia deles, se eles aprovaram, e de fato aprovaram por unanimidade.

No segundo momento, depois eu falei com os pais, da importância, que através desses brinquedos eles, os alunos, iam desenvolver várias habilidades, dependendo da faixa etária de cada um, lês aceitaram, onde fizemos até convites para os pais, pra que eles comparecessem pra ajudar.

Pra eles verem as dificuldades dos professores, e as próprias crianças, com os professores e alguns pais, confeccionaram os brinquedos.

No terceiro momento, pedi para os professores para fazerem uma exposição dos brinquedos para a comunidade virem a escola e ver o material(didático) confeccionado e esse material, servirá para o dia de culminância.

A amostra do trabalho que eles iam brincar com O material que eles mesmo confeccionaram. O material confeccionado foi, pra que eles pudessem até, trabalhar outras disciplinas como Matemática, Ciências, etc. Para a exposição dos trabalhos, convidamos as autoridades, onde esse material que eles confeccionaram, forma usados garrafas de pétis, jornal, eles usaram cordas, eles usaram também madeira.

Então, foi um trabalho assim direcionado pelos professores, mais os alunos, que confeccionaram. O professor só estava lá pra dar sustentação, e orientar o trabalho que foi dirigido pelas crianças. Na culminância desse trabalho, tivemos a presença do professor Inácio, o professor Bosco, todos os professores dos três turnos, as crianças dos turnos matutino e vespertino.

Nesse momento, nós percebemos que as crianças, eles brincaram sem nenhuma repreensão, sem um momento de estarem sendo cobrados na área que trabalhar, por que essa culminância foi feita na rua. Pra que isso acontecesse, nós pedimos a autorização da SEMED, da Prefeitura de Maués, pedimos o apoio da Polícia Militar, pedimos o apoio das autoridades competentes, para que viabilizasse a interdição da rua que é muito transitável, fica em frente do Presídio de Maués, de muito acesso, foram colocados os cavaletes, houve a participação de todos os professores.

Essa atividade foi desenvolvida numa sexta-feira, na parte da manhã, onde houve a participação de todos os professores e os alunos do turno vespertino

A rua foi dividida por oficinas, em cada oficina foi desenvolvida uma brincadeira, como a corrida de perna de pau, os jogos de boliche, o vai e vem, a queimada, cabo de guerra, tiro ao alvo, pular corda confeccionada com jornal, o jogo de (futebol) de prego onde a criança desenvolve muita coordenação, muita atenção.

Nessa culminância dos brinquedos alternativos, foi envolvido os dois turnos tanto matutino como vespertino(repetiu de novo). Começaram às 7 horas e foi até umas 10:30h devido o sol estar muito quente, e as crianças já estarem cansadas de brincar.

Após as atividades elas foram lanchar, e tudo ocorreu normal. E para que houvesse maior segurança para as crianças, havia uma equipe de Primeiros Socorros, mas graças a Deus, não ocorreu nenhum acidente.

4. RICP – Professora Eney , quais os jogos de rua que você mais utiliza nas suas aulas, e você pode descrevê-los?

P3 – E. A MEPB – Os jogos de rua que eu mais utilizo nas minhas aulas, geralmente, nem todas as vezes é a queimada. A queimada por que, é uma brincadeira que eles gostam, é uma brincadeira que chama a atenção de todos os que querem brincar, mais é uma brincadeira que é visada pelos nossos força de braço, equilíbrio, atenção, ele procura formar um grupo de amizade mais sólido, mas raramente eu utilizo essas brincadeiras, eu me detenho mais no meu plano de aula.

5. RICP – Professora Eney, na sua concepção, existe algum saber nessa prática dos jogos de rua. Você pode identificá-los e tecer comentários?

P3 – E. A MEPB – Com certeza, nesses jogos de rua, a criança brinca livremente, ele se firma, faz amizades. Por exemplo, no jogo de taco, ele aprende a ter atenção, e também aprende os numerais, ele aprende a distância, por que ele não pode jogar muito longe o material que eles estão trabalhando, por que senão vai muito longe, e eles têm que medir a força deles , pra que a bola não vá muito longe. Nessa brincadeira de taco, ele desenvolve várias habilidades.

6. RICP – Professora Eney, você trabalha com liberdade, durante o desenvolver de suas atividades ou recebe algum tipo de pressão, em relação ao cumprimento do programa da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P3 – E. A MEPB – Professor, cada caso é um caso. Na minha escola, ela não tem espaço físico adequado, mas nem por isso, eu recebo alguma cobrança da Coordenação de Educação Física de 1ª a 4ª séries do município (SEMED).

Devido eu trabalhar a vontade, não menosprezando a proposta pedagógica, mas eu trabalho assim, com liberdade, as atividades são feitas pelas crianças, mesmo com a falta do espaço físico e material, mas nem por isso, as aulas de educação física deixam a desejar.

A proposta ela é adequada a cada realidade (será que é adequada?), ou seja, a escola que tem quadra não pode ser comparada com uma que não tem, é o caso da escola onde eu trabalho (Jandira MC Comb). Primeiramente as atividades são feitas na rua. Temos uma área(do lado da escola) que é do Anfiteatro, é quando chove, devido ser de barro, as crianças não vão para lá senão elas ficam todas sujas, ai nós realizamos as atividades na rua.

7. RICP – Professora Eney, em relação à forma de brincar, como você percebe a conduta das crianças, nos jogos de rua, dentro e fora do espaço escolar?

P3 – E. A MEPB – Fora do espaço escolar, a criança tem mais liberdade pra brincar, por que há, basicamente não existem restrições. Lá não são avaliados, não tem limite

de área delimitada, eles mesmos constrói as suas regras, apesar de muitas regras não serem deixadas de lado, mas eles brincam de espaço, eles podem gritar, vibrar, na ora que ganha, que perde, podem falar alto, ou seja, ta totalmente soltos, sob nenhuma pressão, e todos participam.

E outra coisa também, eles se aceitam do jeito que eles estão, sem camisa, quando tem um a mais, em um dos grupos, todos esperam chegar alguém para completar. Chegou completa, a equipe que está faltando um.

Na escola, é diferente, por que, devido até questão do horário. Por exemplo: na escola, eles têm que participar dos jogos, no horário de Educação Física. Já na rua, as crianças participam no horário estipulado por eles, e vão lá e brincam, não importa a hora, e o local, seja meio dia, seja 3 horas, seja dia de domingo, eles brincam mesmo, eles extravasam a energia deles da melhor maneira possível. Já falando da escola, devido à área, o espaço destinado para essas brincadeiras e outras, é pequeno, inadequado, mas é a escola que exige.

Os dias também têm só aqueles dias para eles brincarem, por que hoje, de 1ª a 4ª séries, e até mesmo, no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, tem uma aula prática por semana, eles não podem gritar, eles não podem entrar sujos na escola, por que o horário deixa muito a desejar, essa prática no horário da aula teórica.

Então com todas essas restrições pra criança, não são favoráveis pra eles, eles brincam calçados, na escola na aula teórica, nós conversamos com eles sobre higiene com o material escolar, com o fardamento, então eles não podem chegar sujos na sala de aula. Essa é uma das restrições, que tem dentro da escola é essa.

Há muita diferença nesse participar dos jogos de rua, no participar da criança dentro da escola e fora da escola..

8. RICP – Professora Eney, que comentário você teceria sobre a influência da cultura indígena sateré-mawé nos jogos de rua praticados pela juventude em Maués?

P3 – E. A MEPB – Apesar de eu ter pouco conhecimento sobre a etnia da cultura indígena, não com profundidade na área indígena deles mesmo, por exemplo, quando a índia fica menstruada na menarca, pela primeira vez. Ela é apresentada pra comunidade indígena, tem um ritual. Também o menino é apresentado, tem a dança da tucandeira.

Onde o rapaz já está apto pra constituir família, e faz aquele ritual, mas sinceramente, nos jogos, dentro do espaço escolar, no nosso município, não é do meu conhecimento. Em todo esse tempo, que eu estou trabalhando, nessa área, eu ainda não estudei, e *não tenho conhecimento desses jogos*.(está fora do contexto da pergunta).

Esses jogos praticados na rua em Maués, já são influências de outras pessoas, que vieram pra cá pra Maués e continuam vindo. Então, essas brincadeiras, com certeza, nunca irão acabar, por mais que, haja avanços na sociedade, por causa do espaço físico, mas a criança procura brincar em qualquer lugar, em qualquer ambiente que eles formem as equipes deles, e que dêem pra brincar eles brincam.

9. RICP – Professora Eney, qual análise você faz, em relação a inclusão do desporto na proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental?

P3 – E. A MEPB – Dizendo com sinceridade, eu acho um ponto muito válido, por que, hoje em dia, toda criança quer participar de uma atividade esportiva, tanto ela competitiva, como participativa. Por que a competitiva, ela(a criança) vai lá, com o intuito de ganhar, mas ganhar no seu limite (que limite?).

Se ele tem de ganhar, ele é vencedor, agora se ele tem condições de ganhar com participação mesmo como o esporte competitivo, por que ele jogou, o que ele sabia. Não ganhou, o time dele não foi campeã, é por que tinha uma equipe mais preparada que a dele. Então a gente tem que fazer esse comparativo pra criança, pra que ele não venha frustrado pra casa.

Quanto ao melhor, ele pode ser melhor no comportamento, em disciplina, mas na preparação física, ele deixa a desejar para as outras equipes, mas se a gente forma essa concepção na criança em sala de aula, ele não vai se frustrar, e com certeza ele vai querer participar de outras atividades.

Sobre o limite das crianças que vão pra quadra, pra participar de uma atividade competitiva, aqueles que não tem nenhum potencial, eles não ficam de fora, por que eles continuam a treinar. Eu formo uma equipe, isso acontece geralmente no final pra dar o encerramento do ano letivo, todos jogam.

Tem aquela equipe oficial (disputam com outras escolas), aqueles que jogam mesmo, que tem mais habilidade com a bola, mas “na competição da escola no final do ano, pra ficar as equipes equilibradas, a gente distribui um em cada equipe, pra que não fique uma equipe mais forte que as demais”.

Essa participação inclui todos os estudantes tanto masculino como feminino. Então, no momento dessa participação, no encerramento das aulas, eu não excluo nenhuma criança, todos eles participam. Se eles não participam de uma modalidade, mas eles participam de outra. Por que é colocado assim, várias modalidades. Não jogam futsal, jogam queimada, não jogam queimada, jogam handebol, não joga handebol, joga vôlei, então, todos eles participam de uma maneira ou outra, até aqueles, devido ao crescimento, por exemplo: uma criança de 14 anos, na terceira série, não quer participar por que ele se sente reprimido, mas eles ajudam carregando o material, eles carregam bola, ou seja, de uma forma ou de outra eles ajudam e participam.

Então, no esporte escolar, há essa inclusão ou essa exclusão, mas não com que essa criança fique frustrada. Por que há um momento que todos participam.

10. RICP – Professora Eney, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua, fazendo um paralelo de sua época, com dias de hoje?

P3 – E. A MEPB – Na época em que eu brincava de rua, nós tínhamos menos horas pra brincar, pra lutar pelo nosso espaço. Os meninos, eles de tão autoritários que eram, até mesmo na hora que eles não estavam certos, eles impunham, mesmo se agente gritasse, eles diziam que não, que nos estávamos todas erradas.

Pra contornar essa situação, muitas vezes nós fazíamos uma mistura com os meninos e meninas, as vezes três de um lado três do outro lado, pra que não houvesse essa

discussão. Mas geralmente eles ganhavam, por que eram homens, eles tinham mais voz. Mas hoje, as poucas vezes que eu vejo meninas participando das brincadeiras de rua, elas tem mais voz.

Elas falam, elas discutem, começando pela sala de aula, na escola onde eu trabalho. Outra coisa, que eu vejo na escola, o nº de professores feminino é mais que masculino. Então, hoje, também com a valorização da mulher, as meninas desde cedo têm que estudar computação, curso de inglês.


Então pra que, também pra elas concluírem o Ensino Fundamental elas estejam aptas para exercer qualquer uma profissão. Por que nós sabemos que hoje em dia, as mulheres estão ocupando, um lugar importante na sociedade. Temos várias prefeitas, ministras, na Polícia Federal, as mulheres ocupando lugar que antes ela não ocupava. Não é diferente dos jogos. Por que nos jogos também, hoje ela se impõe, Se impõem e muitas vezes elas ganham dos meninos.

Mas o número de meninas mesmo participando na (brincadeira de) rua, diminuiu. Eu percebo assim que, a maior participação é dos meninos.

ENTREVISTA 5**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o professor Raimundo Inácio da Costa Pinto, Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação "Mestrado em Educação" da Universidade de Sorocaba-SP, a utilizar as informações contidas nos Instrumentos de Coleta de Dados 1 e 2 respectivamente, Entrevista e Questionário, para fins acadêmicos.

Maués, 19 de julho de 2005.


GIVANILDO GUIMARÃES TAVARES

Entrevistado – Maria Eney Pinto Brasil - Professora de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, da Escola “A” - E. M. Jandira Mc Comb

Entrevista realizada no dia 26.07.05 na E. E. São Pedro – 16:00h.

1. RICP – Professora Eney, o que a levou a escolher a profissão professora de Educação Física?

P3 – E. A - Entrevistada – MEPB – É muito bom dizer que, apesar de não possuir qualificação na área, a minha experiência como professora de Educação Física, foi por influência cultural, devido eu já ter participado como criança. Nessa época, eu participava da catequese, e depois das aulas de catecismo, nós íamos brincar.

Envolvia várias crianças, quem dirigia era a nossa catequista, não que fosse uma pessoa da área específica, mas ela ficava lá com a gente pra não acontecer nenhum acidente. Então, tinha afinidade muito grande com as crianças, com as minhas colegas lá na prática dos jogos.

E hoje como professora, eu percebo o quanto era importante esse ajuntamento de crianças para realizar brincadeiras de rua. E devido essa afinidade que eu *possui* não só com as crianças, mas com as brincadeiras que realizávamos, contribuiu muito para escolha da minha profissão professora de Educação Física.

2. RICP – Professor Eney, durante sua formação acadêmica você estudou alguma disciplina que abordasse a teoria sobre cultura popular dos jogos de rua?

P3 – E. A MEPB – Durante a minha formação acadêmica não houve nenhuma teoria sobre essa cultura popular dos jogos de rua, quando eu escolhi essa profissão, eu tive que participar de um “curso adicional”, que me dava o direito de lecionar de 5ª e 6ª séries. Esse curso veio aqui pra Maués, pela D. Euclídia “técnica em Educação da SEDUC/AM”, em convênio com a Fundação Padre José Anchieta, e eu participei, por que era a única forma que eu tinha de trabalhar na área que eu gosto.

Por que eu já tinha participado das atividades quando criança, e com certeza, apesar de ter sido um curso corrido, contribuiu muito por que, eu tinha conhecimento de várias brincadeiras e com isso eu aperfeiçoei mais o meu trabalho com as crianças, as quais eu fui designada a trabalhar. Nesse curso do adicional que eu fiz em 1984, contribuiu muito, apesar de ser um curso corrido. Mas eu pude fazer o Concurso Público da Secretaria de Educação do Estado, onde eu fui aprovada. Mas houve um fato muito importante que aconteceu nesse percurso, em 1991, eu ministrei aula de Português, de Literatura, no turno noturno, que foi uma etapa da minha vida, que eu procurei cumprir, por que tinha que estudar pra dar aula para os meus alunos e eu ia atrás dos professores que já davam aulas a anos, p/ pegar orientações sobre como dar aula.

Como eu dava aula a noite, durante o dia eu estava na casa dos meus colegas professores para eu tirar minhas dúvidas de sala de aula, pra eu não ter dificuldade de transmitir. Devido a nossa dificuldade, em 1992, veio pra cá pra maués, o Curso de Educação Física da UFAM, fiz minha inscrição, mas no dia da prova, eu não pude comparecer, devido eu estar muito doente, foi um domingo e choveu muito, e nesse dia,

eu ia fazer o exame de qualificação em Educação Física, ou seja, uma prova, e eu não pude comparecer.

Desde então, foi à única vez que esse curso veio pra cá pra Maués. E foi uma oportunidade que eu perdi, e desde esse ano, nunca mais se ofereceu para o interior do Estado esse curso de Educação Física. E devido eu morar aqui em Maués, como eu não tive oportunidade de estudar fora, eu fiquei esperando, mas eu tinha certeza, que um dia ia chegar aqui em Maués, e eu ia poder me qualificar.

Não na área que eu trabalho, mas eu tinha vontade de fazer qualquer uma qualificação a nível superior. Foi quando chegou em Maués, a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, que foi oferecida pelo Governo do Estado, para todo o interior do Estado do Amazonas, eu fiz minha inscrição para o curso de Letras foi uma seleção através de uma prova, fui classificada, e estudei. Não foi a qualificação que eu sonhava, mas já foi uma qualificação.

Essa qualificação, esse curso, eu tirei muito proveito pra minha profissão. Nesse período devido eu estar trabalhando com educação física, eu fiz vários cursos, em 1993, com a chegada do professor Bosco aqui em Maués. O esporte de Maués, as aulas de educação física, desde o nosso planejamento, teve uma nova visão. Com isso fomos convocados a participar de vários cursos em Manaus, foi quando comecei a ter uma nova visão do trabalho na escola.

Com tudo isso, eu não lembro, de ter estudado alguma disciplina que abordasse a cultura dos jogos de rua.

3. RICP – Professora Eney, que reflexão você faz sobre os jogos de rua vivenciados na infância em relação a sua formação acadêmica. E como se refletem na sua prática docente hoje, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries.

P3 – E. A MEPB – Essa vivência dos jogos de rua, foi a mais importante fase da minha vida, aprendi o que é amizade, companheirismo, respeito, pontualidade, sinceridade, são valores que eu adquiri nesse período dos jogos de rua, que até hoje eu procuro conservar. As áreas para realizar os jogos eram feitas por nós mesmos, e lá na realização das brincadeiras, não havia divisão de idade, de faixa etária, eram todos juntos. Não precisava de uniformes, era descalço, todos eram aceitos para brincar.

Quando alguém se machucava, todos nós procuravam socorrer, pra que os nossos pais não descobrissem, e viesse a proibir alguém de brincar no outro dia.

Na minha formação acadêmica, eu não lembro de ter abordado esse tema “jogos de rua”. (Sempre procuro utilizar) agora depois da minha formação. Como professora, com meus alunos, mas hoje eu percebo nessas brincadeiras que eu brincava quando criança eram desenvolvidas várias habilidades, como coordenação motora, força, velocidade, companheirismo, naquela época eu não via esses conceitos, e hoje eu percebo.

E é muito importante como, por exemplo, aa queimada, que hoje é conhecida como queimada, na nossa época, era cemitério, e não tinha a delimitação na lateral era só uma linha no meio dividindo os dois terrenos e valia o fundo inteiro, e não era cronometrado, então, naquela época, era normal, quem matasse (queimasse) todos os componentes adversários ganhava.

Hoje, em dia, é por minuto, então, ela já é limitada essa brincadeira. Nessa brincadeira as crianças vivenciam força, coordenação, atenção, agilidade, flexibilidade. Há uma interação muito grande entre os grupos, mesmo havendo restrições.

Também, a brincadeira do elástico, que as meninas utilizam muito, através dessa brincadeira, desenvolvem força de perna, atenção, o trabalho em trios, quem vai coordenar o elástico, quem vai bombear, que trás benefício não só, bom pra saúde, mas para o saber da criança, quantidade, atenção, e uma brincadeira muito dinâmica.

Com todas essas atividades desenvolvidas na escola, eu apresentei pra diretora, um projeto, cujo tema era jogos(brinquedos) alternativos, depois foram trabalhados esses jogos. Então, no primeiro momento, eu falei com a diretora que achou válida a idéia, depois fui reunir com os professores, pra saber da idéia deles, se eles aprovaram, e de fato aprovaram por unanimidade.

No segundo momento, depois eu falei com os pais, da importância, que através desses brinquedos eles, os alunos, iam desenvolver várias habilidades, dependendo da faixa etária de cada um, lês aceitaram, onde fizemos até convites para os pais, pra que eles comparecessem pra ajudar.

Pra eles verem as dificuldades dos professores, e as próprias crianças, com os professores e alguns pais, confeccionaram os brinquedos.

No terceiro momento, pedi para os professores para fazerem uma exposição dos brinquedos para a comunidade virem a escola e ver o material(didático) confeccionado e esse material, servirá para o dia de culminância.

A amostra do trabalho que eles iam brincar com O material que eles mesmo confeccionaram. O material confeccionado foi, pra que eles pudessem até, trabalhar outras disciplinas como Matemática, Ciências, etc. Para a exposição dos trabalhos, convidamos as autoridades, onde esse material que eles confeccionaram, forma usados garrafas de pétis, jornal, eles usaram cordas, eles usaram também madeira.

Então, foi um trabalho assim direcionado pelos professores, mais os alunos, que confeccionaram. O professor só estava lá pra dar sustentação, e orientar o trabalho que foi dirigido pelas crianças. Na culminância desse trabalho, tivemos a presença do professor Inácio, o professor Bosco, todos os professores dos três turnos, as crianças dos turnos matutino e vespertino.

Nesse momento, nós percebemos que as crianças, eles brincaram sem nenhuma repreensão, sem um momento de estarem sendo cobrados na área que trabalhar, por que essa culminância foi feita na rua. Pra que isso acontecesse, nós pedimos a autorização da SEMED, da Prefeitura de Maués, pedimos o apoio da Polícia Militar, pedimos o apoio das autoridades competentes, para que viabilizasse a interdição da rua que é muito transitável, fica em frente do Presídio de Maués, de muito acesso, foram colocados os cavaletes, houve a participação de todos os professores.

Essa atividade foi desenvolvida numa sexta-feira, na parte da manhã, onde houve a participação de todos os professores e os alunos do turno vespertino

A rua foi dividida por oficinas, em cada oficina foi desenvolvida uma brincadeira, como a corrida de perna de pau, os jogos de boliche, o vai e vem, a queimada, cabo de guerra, tiro ao alvo, pular corda confeccionada com jornal, o jogo de (futebol) de prego onde a criança desenvolve muita coordenação, muita atenção.

Nessa culminância dos brinquedos alternativos, foi envolvido os dois turnos tanto matutino como vespertino(repetiu de novo). Começaram às 7 horas e foi até umas 10:30h devido o sol estar muito quente, e as crianças já estarem cansadas de brincar.

Após as atividades elas foram lanchar, e tudo ocorreu normal. E para que houvesse maior segurança para as crianças, havia uma equipe de Primeiros Socorros, mas graças a Deus, não ocorreu nenhum acidente.

4. RICP – Professora Eney , quais os jogos de rua que você mais utiliza nas suas aulas, e você pode descrevê-los?

P3 – E. A MEPB – Os jogos de rua que eu mais utilizo nas minhas aulas, geralmente, nem todas as vezes é a queimada. A queimada por que, é uma brincadeira que eles gostam, é uma brincadeira que chama a atenção de todos os que querem brincar, mais é uma brincadeira que é visada pelos nossos força de braço, equilíbrio, atenção, ele procura formar um grupo de amizade mais sólido, mas raramente eu utilizo essas brincadeiras, eu me detenho mais no meu plano de aula.

5. RICP – Professora Eney, na sua concepção, existe algum saber nessa prática dos jogos de rua. Você pode identificá-los e tecer comentários?

P3 – E. A MEPB – Com certeza, nesses jogos de rua, a criança brinca livremente, ele se firma, faz amizades. Por exemplo, no jogo de taco, ele aprende a ter atenção, e também aprende os numerais, ele aprende a distância, por que ele não pode jogar muito longe o material que eles estão trabalhando, por que senão vai muito longe, e eles têm que medir a força deles , pra que a bola não vá muito longe. Nessa brincadeira de taco, ele desenvolve várias habilidades,

6. RICP – Professora Eney, você trabalha com liberdade, durante o desenvolver de suas atividades ou recebe algum tipo de pressão, em relação ao cumprimento do programa da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P3 – E. A MEPB – Professor, cada caso é um caso. Na minha escola, ela não tem espaço físico adequado, mas nem por isso, eu recebo alguma cobrança da Coordenação de Educação Física de 1ª a 4ª séries do município (SEMED).

Devido eu trabalhar a vontade, não menosprezando a proposta pedagógica, mas eu trabalho assim, com liberdade, as atividades são feitas pelas crianças, mesmo com a falta do espaço físico e material, mas nem por isso, as aulas de educação física deixam a desejar.

A proposta ela é adequada a cada realidade (será que é adequada?), ou seja, a escola que tem quadra (espaço físico adequado), não pode ser comparada com uma que não tem, é o caso da escola onde eu trabalho (Jandira MC Comb). Primeiramente as atividades são feitas na rua. Temos uma área (do lado da escola) que é do Anfiteatro, é quando chove, devido ser de barro, as crianças não vão para lá senão elas ficam todas sujas, ai nós realizamos as atividades na rua.

7. RICP – Professora Eney, em relação à forma de brincar, como você percebe a conduta das crianças, nos jogos de rua, dentro e fora do espaço escolar?

P3 – E. A MEPB – Fora do espaço escolar, a criança tem mais liberdade pra brincar, por que há, basicamente não existe(m) restrições. Lá não são avaliados, não tem limite

de área delimitada(redundante), eles mesmos constrói as suas regras, apesar de muitas regras não serem deixadas de lado, mas eles brincam de espaço, eles podem gritar, vibrar, na ora que ganha, que perde, podem falar alto, ou seja, ta totalmente soltos, sob nenhuma pressão, e todos participam.

E outra coisa também, eles se aceitam do jeito que eles estão, sem camisa, quando tem um a mais, em um dos grupos, todos esperam chegar alguém para completar. Chegou completa, a equipe que está faltando um.

Na escola, é diferente, por que, devido até questão do horário. Por exemplo: na escola, eles tem que participar dos jogos, no horário de Educação Física. Já na rua, as crianças participam no horário estipulado por eles, e vão lá e brincam, não importa a hora, e o local, seja meio dia, seja 3 horas, seja dia de domingo, eles brincam mesmo, eles extravasam a energia deles da melhor maneira possível. Já falando da escola, devido à área, o espaço destinado para essas brincadeiras e outras, é pequeno, inadequado, mas é a escola que exige.

Os dias também tem só aqueles dias para eles brincarem, por que hoje, de 1ª a 4ª séries, e até mesmo, no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, tem uma aula prática por semana, eles não podem gritar, eles não podem entrar sujos na escola, por que o horário deixa muito a desejar, essa prática no horário da aula teórica.

Então com todas essas restrições pra criança, não são favoráveis pra eles, eles brincam calçados, na escola na aula teórica, nós conversamos com eles sobre higiene com o material escolar, com o fardamento, então eles não podem chegar sujos na sala de aula. Essa é uma das restrições, que tem dentro da escola é essa.

Há muita diferença nesse participar dos jogos de rua, no participar da criança dentro da escola e fora da escola..

8. RICP – Professora Eney, que comentário você teceria sobre a influência da cultura indígena sateré-mawé nos jogos de rua praticados pela juventude em Maués?

P3 – E. A MEPB – Apesar de eu ter pouco conhecimento sobre a etnia da cultura indígena, não com profundidade na área indígena deles mesmo, por exemplo, quando a índia fica menstruada na menarca, pela primeira vez. Ela é apresentada pra comunidade indígena, tem um ritual. Também o menino é apresentado, tem a dança da tucandeira.

Onde o rapaz já está apto pra constituir família, e faz aquele ritual, mas sinceramente, nos jogos, dentro do espaço escolar, no nosso município, não é do meu conhecimento. Em todo esse tempo, que eu estou trabalhando, nessa área, eu ainda não estudei, e *não tenho conhecimento desses jogos*.(está fora do contexto da pergunta).

Esses jogos praticados na rua em Maués, já são influências de outras pessoas, que vieram pra cá pra Maués(repetiu), e continuam vindo. Então, essas brincadeiras, com certeza, nunca irão acabar, por mais que, haja avanços na sociedade, por causa do espaço físico, mas a criança procura brincar em qualquer lugar, em qualquer ambiente que eles formem as equipes deles, e que dêem pra brincar eles brincam.

9. RICP – Professora Eney, qual análise você faz, em relação a inclusão do desporto na proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental?

P3 – E. A MEPB – Dizendo com sinceridade, eu acho um ponto muito válido, por que, hoje em dia, toda criança quer participar de uma atividade esportiva, tanto ela competitiva, como participativa. Por que a competitiva, ela(a criança) vai lá, com o intuito de ganhar, mas ganhar no seu limite (que limite?).

Se ele tem de ganhar, ele é vencedor, agora se ele tem condições de ganhar com participação mesmo como o esporte competitivo, por que ele jogou, o que ele sabia. Não ganhou, o time dele não foi campeã, é por que tinha uma equipe mais preparada que a dele. Então a gente tem que fazer esse comparativo pra criança, pra que ele não venha frustrado pra casa.

Quanto ao melhor, ele pode ser melhor no comportamento, em disciplina, mas na preparação física, ele deixa a desejar para as outras equipes, mas se a gente forma essa concepção na criança em sala de aula, ele não vai se frustrar, e com certeza ele vai querer participar de outras atividades.

Sobre o limite das crianças que vão pra quadra, pra participar de uma atividade competitiva, aqueles que não tem nenhum potencial, eles não ficam de fora, por que eles continuam a treinar. Eu formo uma equipe, isso acontece geralmente no final pra dar o encerramento do ano letivo, todos jogam.

Tem aquela equipe oficial (disputam com outras escolas), aqueles que jogam mesmo, que tem mais habilidade com a bola, mas “na competição da escola no final do ano, pra ficar as equipes equilibradas, a gente distribui um em cada equipe, pra que não fique uma equipe mais forte que as demais”.

Essa participação inclui todos os estudantes tanto masculino como feminino. Então, no momento dessa participação, no encerramento das aulas, eu não excluo nenhuma criança, todos eles participam. Se eles não participam de uma modalidade, mas eles participam de outra. Por que é colocado assim, várias modalidades. Não jogam futsal, jogam queimada, não jogam queimada, jogam handebol, não joga handebol, joga vôlei, então, todos eles participam de uma maneira ou outra, até aqueles, devido ao crescimento, por exemplo: uma criança de 14 anos, na terceira série, não quer participar por que ele se sente reprimido, mas eles ajudam carregando o material, eles carregam bola, ou seja, de uma forma ou de outra eles ajudam e participam.

Então, no esporte escolar, há essa inclusão ou essa exclusão, mas não com que essa criança fique frustrada. Por que há um momento que todos participam.

10. RICP – Professora Eney, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua, fazendo um paralelo de sua época, com dias de hoje?

P3 – E. A MEPB – Na época em que eu brincava de rua, nós tínhamos menos horas pra brincar, pra lutar pelo nosso espaço. Os meninos, eles de tão autoritários que eram, até mesmo na hora que eles não estavam certos, eles impunham, mesmo se agente gritasse, eles diziam que não, que nos estávamos todas erradas.

Pra contornar essa situação, muitas vezes nós fazíamos uma mistura com os meninos e meninas, as vezes três de um lado três do outro lado, pra que não houvesse essa

discussão. Mas geralmente eles ganhavam, por que eram homens, eles tinham mais voz. Mas hoje, as poucas vezes que eu vejo meninas participando das brincadeiras de rua, elas tem mais voz.

Elas falam, elas discutem, começando pela sala de aula, na escola onde eu trabalho. Outra coisa, que eu vejo na escola, o nº de professores feminino é mais que masculino. Então, hoje, também com a valorização da mulher, as meninas desde cedo têm que estudar computação, curso de inglês.


Então pra que, também pra elas concluírem o Ensino Fundamental elas estejam aptas para exercer qualquer uma profissão. Por que nós sabemos que hoje em dia, as mulheres estão ocupando, um lugar importante na sociedade. Temos várias prefeitas, ministras, na Polícia Federal, as mulheres ocupando lugar que antes ela não ocupava. Não é diferente dos jogos. Por que nos jogos também, hoje ela se impõe, Se impõem e muitas vezes elas ganham dos meninos.

Mas o número de meninas mesmo participando na (brincadeira de) rua, diminuiu. Eu percebo assim que, a maior participação é dos meninos.

ENTREVISTA 5**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o professor Raimundo Inácio da Costa Pinto, Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação "Mestrado em Educação" da Universidade de Sorocaba-SP, a utilizar as informações contidas nos Instrumentos de Coleta de Dados 1 e 2 respectivamente, Entrevista e Questionário, para fins acadêmicos.

Maués, 19 de julho de 2005.


GIVANILDO GUIMARÃES TAVARES

Entrevistado – Givanildo Guimarães Tavares – GGT – Professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição

Entrevista realizada no dia 19.07.05 – terça-feira na E. E. São Pedro – 18:00h.

1. Entrevistador RICP – Professor Givanildo, nós gostaríamos de saber, o que o levou a escolher a profissão professor de Educação Física?

P1 – E.B GGT – Bem, os fatos que me levaram a exercer essa função de professor de educação física, um dos motivos foi, de eu ser atleta, e por ter uma vasta experiência no ramo de atleta, que eu já participei como jogador de Futsal, participei dos (jogos do pólo III) por Maués, esse um dos fatos que me lavaram a me dedicar a educação física. Dentre outros fatos que me lavaram, eu acho que foi a experiência que já tenho de brincadeiras de rua. Dentro da minha família todo mundo foi atleta, isso eu acho que me motivou mais a exercer essa função de educação física.

Com isso, eu tenho uma experiência muito grande de levar as crianças, a praticarem também a educação física, dentro de uma visão global de educação física e de esporte. Com isso, eu acho que as crianças tem oportunidade de freqüentar algum tipo de esporte, dentro da prática docente.

2. RICP – professor Givanildo, durante sua formação acadêmica você estudou alguma disciplina que abordasse a teoria sobre cultura popular dos jogos de rua?

P1 – E.B GGT – Bem, eu tive uma formação acadêmica na área de Educação Física. Quando eu comecei a trabalhar na zona rural, como professor regente de sala de aula, envolvendo todas as disciplinas, tinha uma disciplina específica de educação física, que era uma disciplina reprovatória, eu tive que fazer essa prática de educação física dentro da sala de aula, e lá, com essa experiência de educação física na zona rural foi que, tive uma oportunidade melhor de perceber que a disciplina de educação física é importante para a saúde, a convivência das pessoas. Foi por isso, que eu comecei a me interessar pela prática da educação física.

E a necessidade de estar cursando um nível superior, agora na área de Pedagogia, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, está me dando suporte para eu ter um pensamento mais próprio pra mim trabalhar na área de educação física.

Eu fiz essa opção pela área de Pedagogia, professor de 1ª a 4ª séries, por que não tinha o curso mesmo de Educação Física no Ensino Superior aqui em Maués. Eu tive essa oportunidade de fazer esse curso aí, e eu fiz, pra mim melhorar a minha prática.

E também a minha transferência aqui pra cidade de Maués, foi por esse motivo, de eu ter conseguido passar no vestibular para a área de Pedagogia, e foi por esse motivo também que eu me transferi para a cidade de Maués. E escolhi a prática da Educação física pra dar aula na E. M. N. S. da Conceição, e lá nessa escola, ainda não tinha professor de educação física mesmo, que freqüentasse, que tivesse todo dia fazendo a prática da educação física dentro da sala de aula. Foi por esse motivo que, houve essa proposta e praticar educação física na E. M. N. S. Conceição.

E eu fui nomeado para exercer esse cargo, e eu estou já a dois anos na educação física lá, e tendo um bom resultado dentro dessa prática.

Já no curso de Pedagogia que tem 8 períodos para você concluir, e eu já estou no 6º período, já concluído. Nesses períodos que eu já estudei, tive um bom desempenho dentro dessa minha prática docente, mas dentro da grade curricular do Curso de Pedagogia, não há nenhuma disciplina específica sobre a cultura popular dos jogos de rua, e se torna mais difícil ainda, pra mim por que na minha área de Educação Física, não tem nenhuma disciplina específica fundamentando dentro desse trabalho com as crianças de 1ª a 4ª séries, mas eu tenho vários conhecimentos sobre, alguns livros que eu pego, mesmo os Parâmetros Curriculares (Nacionais) – PCN, que vem abordando como se trabalhar a prática da educação física nas sala de aula com alunos de 1ª a 4ª séries. Com essa leitura que eu faço dos parâmetros eu tenho com situar dentro da minha prática docente.

3. RICP – Professor Givanildo, que reflexão você faz sobre os jogos de rua vivenciados na sua infância e a sua formação acadêmica. E como se refletem na sua prática docente hoje, enquanto professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental?

P1 – E.B GGT – os jogos e rua praticados na minha infância, não tem muito a ver com a minha formação acadêmica, por que os jogos de rua, já ficam muito distante do curso que eu estou fazendo de Pedagogia. Esses jogos de rua, as brincadeiras que eu fazia, corrida, brincar de esconde esconde, quando era na minha infância, brincar de bola, de futebol mesmo, fica meio distante da minha prática acadêmica (Pedagogia), .

A Pedagogia trabalha mais desenvolvendo as crianças dentro da sala de aula, com a leitura e a escrita. Os jogos de rua, não se encaixa muito nesse curso de (Pedagogia), mas dentro dessa minha formação que eu estou tendo agora, em Pedagogia, eu to abrindo minha visão que eu não tinha, que era restrita, só pra frente. Agora com essa disciplina que estou tendo dentro da prática da Pedagogia, eu to vendo que eu to até fugindo da minha realidade de Educação Física. Ta me ajudando a, adquirir conhecimento que ajudam na minha prática de educação física, e com isso eu me *aprimoro* mais sobre essa minha prática docente dentro da sala de aula.

Já a minha pratica dentro da sala de aula mesmo, na escola, eu trabalho dois dias na semana, com uma aula prática e uma teórica. A teoria eu trabalho dentro da sala de aula mesmo, com os alunos. Na teoria, eu trabalho mais sobre, conversas informais sobre a prática da educação física, como são os movimentos que agente pode fazer e aqueles movimentos que não são próprios para dentro da prática dos jogos de rua.

Eu falo pra eles que eles tem um movimento, uma regra para os jogos de rua também, e dentro da prática da educação física dos jogos de rua, eu trabalho pra mim, como eles são desenvolvidos dentro da cultura das crianças. Já com esses jogos eles já assimilam bem os jogos. Todo o santo dia, que eu pratico na sala de aula (eles gostam). Quando não tem uma prática dos jogos eles, ficam agitados, e perguntam, professor, você não vai fazer hoje a prática dos jogos com (nós) a gente.

Isso é muito importante na minha prática docente de educação física, eles se tornam mais ativos, mais participativos dentro da prática desses jogos. Com esses jogos, eles não servem só pra disciplina educação física, eles ajudam também, os alunos a se desenvolverem mais, em Matemática, Português, e outras disciplinas que são inferidas

dentro da sala de aula. Eles ajudam a desenvolver mais a leitura, por que eles não praticam os jogos de rua só para aprenderem a brincadeira, ou a aprenderem a se divertir dentro da prática da educação física, mas eles também tem uma visão ampliada dessa minha prática dos jogos de rua.

Eu também faço com eles, a conferência, a ordem das pessoas, o conjunto, a união, às vezes também são de leitura, alguma coisa que eles fazem, na prática dos jogos de rua também.

Só praticar futebol, ou brincadeiras que são até necessárias, mas eu faço que eles entendam, que esses jogos também, vão levar eles, a se desenvolverem dentro da sala de aula, com os professores regentes.

4. RICP - Professor Givanildo, quais os jogos de rua mais utilizados por você na sua prática docente, e você consegue descrevê-los?

P1 – E.B GGT – Existem vários jogos que eu pratico em minha sala de aula, os que eu mais pratico, por exemplo:

. *Jogo da Bolinha de Gude* - Esse jogo eu acho interessante, por que ele exige a participação de (várias pessoas). Esse jogo da bolinha, eu posso descrever, que ele não precisa de muito espaço para a criança brincar, por exemplo: num espaço 4m², dá para um grupo de crianças jogarem a bolinha.

Dentro da Escola, não existe um espaço muito grande para as crianças brincarem, por isso, esse jogo exige o mínimo de espaço para várias pessoas brincarem, esse ele também desenvolve a criança a ser mais criativa, a ser mais participativa e a compreender e conviver um com o outro.

Eles também praticam o jogo da bolinha, para interagirem um com o outro a se conhecerem melhor, por que eles não jogam somente as pessoas conhecidas, quem tem as petecas pode entrar no jogo. Então, discriminação não há. Eles podem entrar e sair à vontade, na hora que quiserem.

É um jogo que eles se sentem a vontade para brincar, e onde eu fico observando o comportamento deles. Inclusive, quando um dos jogadores perde todas as suas bolinhas pode entrar outro no seu lugar, assim que termine aquela partida.

. *Barra Bandeira* – É outro jogo que eu mais me utilizo com as crianças. Esse jogo não tem um número exato de participantes, vai depender do espaço. Nesse caso, na escola, a gente faz entre 10 ou mais alunos em cada equipe.

Esse jogo da barra bandeira exige habilidade dos alunos, de pegar uma bandeira num determinado lugar no campo do adversário. Essa bandeira poder ser um galho, ou um pedaço de bastão, uma bola, isso significa a bandeira.

O grande desafio do jogo, consiste em cada atleta, tentar entrar no terreno do adversário, na tentativa de pegar a bandeira, e trazer para o seu campo, sem ser tocado (colado) pelo adversário. Caso isso aconteça dele ser colado, ele fica no mesmo local, até entrar um companheiro de sua equipe, para tentar soltá-lo, ou descolá-lo, sem que este seja tocado pelo adversário.

Esse é o grande momento do jogo da barra bandeira. Esse jogo exige que as equipes, criem estratégias para tentar invadir o campo adversário, sem ser colado pelo mesmo, ou seja, uns entram por um determinado lugar do campo para distrair o adversário, e

outros invadem por outro lugar, na tentativa de pegar a barra bandeira, e trazê-la para o seu campo.

Esse momento de pensar a estratégia adequada de entrar no campo do adversário, onde eles mesmos tomam a iniciativa em comum acordo, e põem em prática. Mesmo que não dê certo, mas foi uma tentativa, e que tentarão encontrar outra forma de entrar no terreno do adversário. Com isso, percebemos a iniciativa, e tomada de decisão, Outro jogo que a gente pratica, é o jogo de futebol de rua. Esse jogo, é o grande chama das crianças, por que, todos praticam, seja crianças, adolescentes, jovens adultos, e na educação física da minha escola é um jogo aceito pela grande maioria dos alunos, tanto feminino com o masculino.

5. RICP – Professor Givanildo, existe algum saber na prática dos jogos de rua. Você pode identificá-los e tecer comentários sobre eles?

P1 – E.B GGT – Nessa abordagem que nós já fizemos sobre esses jogos, comentado anteriormente, pra mim existe sim saberes. Cada um sabe o que ele vai fazer nesses jogos. Estratégias, habilidades, criatividade, tudo isso, na tentativa de vencer o adversário.

Isso requer outros conhecimentos, ampliá-los, como conhecimentos matemáticos, a exemplo do jogo da bolinha, o tanto de bolinhas que começa o jogo, quantas perde, quantas ganha, o tamanho e peso das bolinhas, a reta, o círculo, a distância, ou seja, uma gama de saberes, que ele utiliza na sala de aula, mas que nesses jogos ele utiliza-os de forma espontânea.

Da mesma forma, o jogo da barra bandeira, onde se pode utilizar o conhecimento geográfico, não somente do adversário, mas o próprio campo, a noção de espaço, por onde correr melhor, o terreno acidentado, uma parte de lama, enfim, percebe-se um conhecimento prévio por parte dos alunos, de todos os aspectos que envolvem cada jogo ou brincadeira, ou seja, com o conhecimento que ele já tem, mais o conhecimento do companheiro em razão da realidade vivida, com certeza ele vai produzir um conhecimento novo, e que com certeza ele vai levar esse conhecimento ampliado para sala de aula.

Existem alunos, que fazem questão de falar para o professor, como também aos colegas, que tal conhecimento, ele aprendeu na educação física, através dos jogos de rua.

6. RICP – Professor Givanildo, você trabalha com liberdade no desenvolver de suas atividades ou recebe algum tipo de pressão ou imposição em relação ao cumprimento do programa da proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P1 – E.B GGT – Na minha escola eu trabalho com a Educação Física encontramos várias dificuldades, por que na verdade, lá funcionam duas escolas e a quadra serve tanto uma como outra, na prática Educação Física. Por isso eu não posso fazer a prática da educação física como eu gostaria.

Eu não posso fazer a prática da educação física no horário de aula, senão vai perturbar os alunos da outra escola. Por essa razão é que faço minhas aulas, depois do horário de aula, ou seja, após as 11:00h pela manhã, e após às 17:00h pela parte da tarde.

E falando sobre a proposta da Educação Física, eu acredito que seja para uma escola que tenha as perfeitas condições (quadra, material didático, etc), uma escola ideal. Na minha prática eu utilizo aquilo que entendo ser conveniente para os meus alunos.

Eu vejo que a realidade das crianças aqui na minha escola é diferente. Por isso muitas das vezes eu leio a proposta, e percebo o quanto os conteúdos como ali estão, não são suficientes para suprir as necessidades dos nossos alunos. Na verdade, eu procuro interagir com as crianças, dentro da sua realidade.

Eu não descarto a proposta oficial, aquilo que penso ser importante trabalhar com as crianças, e que vai nos trazer algum conhecimento, eu prontamente me disponho a fazê-lo.

O maior problema é que a minha escola não oferece condições para a prática da educação física. Por exemplo, temos no início do ano, o exame antropométrico. Não temos material para realizar esse exame, mesmo assim eu faço o exame, levo uma fita métrica e meço os alunos, se conseguirmos uma balança apropriada, ou balança de banheiro mesmo, ou então, levo-os ao posto de saúde próximo da escola, e vamos levando da maneira que conseguimos mas, não é suficiente.

Mesmo com todas as dificuldades tentamos aproveitar ao máximo aquilo que a proposta curricular nos oferece.

Em razão de tudo isso que já comentei, eu não me sinto pressionado nem pela diretora da escola, que na verdade quer que eu supra as necessidades dos meus alunos da forma que acredito ser melhor para elas, e nem pela Coordenadora de Educação Física da SEMED, a professora Dalva, que confia no trabalho que fazemos, e não precisa estar fiscalizando, pressionando, e eu me sinto muito a vontade para trabalhar com a prática da educação física, que eu acredito que deve ser levado em consideração a realidade dos meus alunos.

7. Professor Givanildo, em relação à forma de brincar, como você percebe a conduta das crianças nos jogos de rua praticados dentro e fora do espaço escolar?

P1 – E.B GGT – Com relação essas brincadeiras dentro da escola, elas tem um espaço limitado. A brincadeira de barra bandeira por exemplo: as crianças não tem um espaço apropriado, a gente tem aquele espaço restrito. Não pode passar daqui, não pode falar palavrão, não pode gritar muito que tem outras turmas estudando, é por isso que eles têm aquele espaço reservado pra eles.

Já na rua, esse espaço pra ela(a criança) é livre. Por exemplo: a rua onde eles moram, eles tem a rua inteira, eles tem aquele espaço livre, eles podem falar o que eles bem entenderem, a linguagem própria que eles constroem no jogo de rua. Já no espaço escolar existem as restrições, é diferente da rua, em se tratando de liberdade de expressão.

Até o tempo que se faz as brincadeiras(1h), é pré-determinado, com dia e hora pra começar e terminar. Já na rua, fora do ambiente escolar, é diferente, eles têm o horário deles, estipulados por eles, de acordo com os seus interesses, ou seja, iniciam e terminam a brincadeira quando bem entendem. Então a conduta deles na sala de aula, é bem diferente da conduta na rua.

Em relação ao espaço físico da minha escola, é que nem uma caixa, as salas ficam do lado (em cima e em baixo das arquibancadas) e quadra no meio. Por exemplo, a brincadeira do geral, onde uma pessoa fica na barra, e as outras se espalham. Aqui dentro da escola a gente não pode fazer isso, por que, primeiro as salas estão com aulas e não pode perturbar, e segundo, ele não se sente a vontade por que é como se tivesse preso entre quatro paredes. Já na rua ele se sente tão á vontade, que ele pode correr o bairro inteiro.

8. RICP – Professor Givanildo, que comentários você teria a fazer sobre a influência da cultura indígena sateré-mawé nos jogos de rua praticados pela juventude em Maués?

P1 – E.B GGT – O que eu posso dizer é que tenho pouco conhecimento sobre a cultura dos povos indígenas sateré-mawé. Apesar de que eu nasci aqui em Maués, vivo a 25 anos, e ter brincado dessas brincadeiras de rua, no meu ponto de vista, acredito que não tenha influência indígena nos jogos e rua praticados em Maués.

Já tive oportunidade de passar numa comunidade indígena, e eles brincavam da *manja do pega*, mas eu acredito que essa brincadeira não seja criada por eles, mas já seja influenciada por outra culturas.

Acredito que o próprio povo indígena sateré-mawé já tenha sido influenciado por outras culturas pelo fato da convivência com o povo aqui de Maués, que sofreu influência principalmente no tempo áureo da borracha, com pessoas vindas do nordeste, e de outros estados brasileiros. Com isso os povos indígenas foram assimilando essas brincadeiras, e que existem até hoje.

Principalmente a brincadeira de bola (o futebol), ou seja, pouco ou quase nada conhecemos da cultura dos seus jogos e brincadeiras.

9. RICP – professor Givanildo, qual análise que você faz, em relação a inclusão do esporte apresentado pela proposta oficial para a Educação Física de 1ª a 4ª séries?

P1 – E.B GGT – No meu ponto de vista, o esporte é um lazer que a criança tem dentro da escola que ele se sente à vontade. Ele desenvolve sua competência dentro do esporte, nessas criatividades, no seu desenvolvimento. A criança, quando ela começa a praticar esporte, ela quer ir a fundo.

Mas a proposta que vem da SEMED/MAUÉS, ela não dá muita oportunidade para os alunos participarem totalmente da prática esportiva, por que existem competições dentro do Desporto, que exigem da criança o cumprimento das obrigações da criança com a escola, nas disciplinas, as notas não podem ser baixas.

É por isso também que a competição, ela não inclui totalmente os alunos, por exemplo, na minha escola, existem mais de 400 alunos, e numa competição de Futsal, só podem participar 12, ou seja, você seleciona os doze melhores atletas, e os outros que ficam de fora, se sentem desprezados e desmotivados, constrangidos, tristes pelos cantos, por que não foi escolhido.

Na minha escola, diante dessa situação, eu faço algum torneio com todos aqueles que ficaram de fora, tanto faz de 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª, jogando entre si na série, para que todos participem, de alguma forma do jogo, e ninguém se sinta discriminado.

Não uma disputa de uma premiação alta, mas só pra criança participar da prática esportiva, fazendo isso, eu tenho a certeza que aquela criança não vai ficar triste. Por que, o professor está dando valor a ela. No final dar um refrigerante, um lanche para todos, um picolé, um dindin se confraternizar, compartilhar, para a melhoria do ambiente social entre eles.

O perigo que há, está justamente na situação em que, o próprio professor, coloca na cabeça do aluno dele, que ele é o melhor, ele vai ganhar todas, e quando ele se defronta com a equipe adversária, e ele percebe que do outro lado existe sim, alguém melhor do que ele, isso sim é motivo de frustração.

Temos que perceber, que todo o ser humano tem suas limitações. Se nós adultos que nos consideramos auto-suficientes, em algum momento percebemos que não somos, com a criança não é diferente. Como tudo na vida tem o seu limite, as vezes na competição, nós professores queremos exigir certos comportamentos da criança, onde muitas das vezes ela ainda não amadureceu para agir daquela forma, e exigimos tal procedimentos do aluno, e na verdade ele ainda não esta pronto psicologicamente para agir de tal forma.

Cada criança tem o seu desenvolvimento diferente uma da outra, mesmo que estejam com a mesma faixa etária, 11 anos, por exemplo, elas nunca serão iguais, tudo é diferente. Umas assimilam mais rápido a atividade, e outras não precisa falar duas vezes.

Na verdade, a criança deve participar de forma espontânea, para que possa desenvolver sua criatividade, enfrentar seus medos, seus desafios, mas que ela venha a vivenciar todas as situações possíveis para seu amadurecimento.

Por isso, o esporte como é colocado na proposta da Educação Física de 1ª a 4ª séries, não é favorável a criança, com as competições dessa forma. Ouvimos muito na mídia, que o esporte inclui a criança dentro da sociedade. Isso tem dupla interpretação, por que ao mesmo tempo em que o esporte inclui oferecendo a prática do esporte para todos, ela exclui, quando se forma as equipes para a competição, onde se escolhe a minoria pra jogar, e exclui a maioria de seus praticantes.

Até mesmo nós adultos, não gostamos de perder, nós que nos consideramos adultos, maduros, para compreender a derrota, muitas das vezes não queremos aceitá-la.

Com a criança não é diferente, às vezes é pior, por que ela carrega aquela frustração para o resto da vida, se ela não for orientada de forma educativa. Na minha prática, estou sempre a incentivar principalmente os que perdem um jogo. Você perdeu esse jogo, mas não pode desanimar, quem sabe da outra vez você ganha.

10. RICP – Professor Givanildo, de que forma você percebe a participação das mulheres na prática dos jogos de rua fazendo um paralelo de sua época, com os dias de hoje?

GGT – Nesse ponto eu posso dizer que durante a minha infância, as crianças do sexo feminino, não se misturavam com as crianças do sexo masculino. A meu ver, naquela época, eu via que os meninos brincavam de bola, e as meninas brincavam de boneca.

Elas não podiam entrar no jogo dos meninos, e muito menos os meninos podiam entrar na brincadeira delas. Passando para os dias atuais, as mulheres ainda ficam às vezes excluídas ainda do espaço dos homens, nos jogos de rua. Até por que, a meu ver, não percebo essa exclusão feminina dos jogos de rua, muito pelo contrário, elas participam muito bem, e as vezes até melhor que os meninos. Elas se interessam mais pela prática esportiva que os meninos.

Por exemplo, no futsal, aqui em Maués, elas vão treinar, para melhorar seu jogo, são mais determinadas. Já os meninos não, são mais auto-suficientes, já acham que sabem tudo, e não se dedicam tanto quanto as meninas. E isso não percebemos só no futsal, no handebol, no voleibol, e outras práticas esportivas.

ANEXO C**QUESTIONÁRIO -****. PROFESSOR 1**

1. Nome completo e nascimento?

Eliel de Oliveira Solimões – 11.05.1969.

2. Naturalidade?

Amazonense, natural de Manaus.

3. Nacionalidade?

Brasileira

4. Qual a sua profissão? Há quanto tempo atua na profissão?

Professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental – Atuando há 13 anos.

5. Escola que trabalha atualmente? Há quanto tempo?

Escola Municipal Jandira Mc Comb, há três anos.

6. Sexo?

Masculino

7. Estado civil? E quantos filhos?

Casado - Apenas três filhos

8. Qual a sua formação acadêmica?

Cursando o Ensino Superior nos seguintes cursos: UFAM – Licenciatura em Pedagogia 6º Período - UEA – Licenciatura em Letras - 1º Período.

9. A remuneração mensal como professor de Educação Física, está em que faixa de salário?

- a) Até um salário mínimo (x)
- b) Entre um e dois salários mínimos ()
- c) Entre dois e três salários mínimos ()
- d) Entre três e quatro salários mínimos ()
- e) Menos de um salário mínimo ()

OBS. Considerando o salário mínimo de R\$ 300,00.

10. Além do seu salário de professor você tem alguma outra fonte de renda?

Sim, Marcenaria familiar.

11. A casa que você mora é própria ou alugada? Quantos quartos ela possui?

Casa Própria com quatro quartos.

12. A água e o esgoto são encanados?

Sim, tanto o esgoto como a água.

13. Qual a formação social dos seus pais?

Semi-alfabetizados

14. Você tem descendência indígena? Se tiver qual o seu grau de parentesco?

Não.

15. Você conhece alguma música indígena?

Não.

16. Você mora a quantos anos em Maués?

Há 23 anos.

17. Você gosta de música e compra CD? Caso goste, qual o gênero preferido?

Sim, Músicas evangélicas, MPB, Clássicas.

18. Você já assistiu alguma peça teatral? Se sim, quais e onde?

Sim, no Teatro do Cecomiz: A gata borralheira e O pescador; Na Praça João Verçosa em Maués - A lenda do guaraná..

19. Você vai ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta de assistir?

Sim, em algumas vezes em que estive em Manaus; o gênero comédia e ação.

20. Você gosta de assistir TV? Se gosta, quanto tempo por dia você assiste e qual programa de sua preferência?

Sim, Geralmente a noite. Assisto telejornais, programa de entrevistas e esportes.

21. Você gosta de ler literatura? Se sim, qual seu gênero preferido?

Sim, romances, e modernismo.

22. Você compra livros? Caso compre de qual gênero?

Sim, livros científicos para os meus estudos nos cursos de Pedagogia e Letras.

23. Você viaja a passeio? Caso sim para onde?

As vezes quando posso, viajo para os municípios vizinhos, como Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Parintins e Urucará.

24. Qual o seu grande sonho na vida, que você ainda não conseguiu realizar?

Ter a minha casa com um laboratório de estudos (biblioteca, e computador completo).

. PROFESSOR 2

1. Nome completo e nascimento?

José Valcimar Rodrigues de Souza – 30.12.1974.

2. Naturalidade?

Amazonense, natural de Maués.

3. Nacionalidade?

Brasileira

4. Qual a sua profissão? Há quanto tempo atua na profissão?

Professor de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental – Atuando há 6 anos.

5. Escola que trabalha atualmente? Há quanto tempo?

Escola Municipal Jandira Mc Comb, há três anos.

6. Sexo?

Masculino

7. Estado civil? E quantos filhos?

Solteiro

8. Qual a sua formação acadêmica?

Cursando o Ensino Superior – UEA - Licenciatura Normal Superior – Período.

9. A remuneração mensal como professor de Educação Física, está em que faixa de salário?

a) Até um salário mínimo (x)

b) Entre um e dois salários mínimos ()

- c) Entre dois e três salários mínimos ()
- d) Entre três e quatro salários mínimos ()
- e) Menos de um salário mínimo ()

OBS. Considerando o salário mínimo de R\$ 300,00.

10. Além do seu salário de professor você tem alguma outra fonte de renda?
Não.

11. A casa que você mora é própria ou alugada? Quantos quartos ela possui?
Casa própria, com dois quartos.

12. A água e o esgoto são encanados?
Sim, tanto o esgoto como a água.

13. Qual a formação social dos seus pais?
Ensino Fundamental completo.

14. Você tem descendência indígena? Se tiver qual o seu grau de parentesco?
Não.

15. Você conhece alguma música indígena?
Não.

16. Você mora a quantos anos em Maués?
Há 30 anos.

17. Você gosta de música e compra CD? Caso goste, qual o gênero preferido?
Nenhum tipo de música.

18. Você já assistiu alguma peça teatral? Se sim, quais e onde?
Não.

19. Você vai ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta de assistir?

Não, em Maués não há cinemas.

20. Você gosta de assistir TV? Se gosta, quanto tempo por dia você assiste e qual programa de sua preferência?

Não.

21. Você gosta de ler literatura? Se sim, qual seu gênero preferido?

Sim, todos os gêneros.

22. Você compra livros? Caso compre de qual gênero?

Sim, todos os gêneros.

23. Você viaja a passeio? Caso sim para onde?

Às vezes vou a Manaus e em Parintins.

24. Qual o seu grande sonho na vida, que você ainda não conseguiu realizar?

Concluir os meus estudos.

. PROFESSOR 3

1. Nome completo e nascimento?

Maria Eney Pinto Brasil – 06.08.57

2. Naturalidade?

Amazonense, natural de Maués – comunidade Estácio do Rio Preto.

3. Nacionalidade?

Brasileira

4. Qual a sua profissão? Há quanto tempo atua na profissão?

Professora de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental – Atuando há 20 anos.

5. Escola que trabalha atualmente? Há quanto tempo?

Escola Municipal Jandira Mc Comb, há três anos – Escola Estadual ao Pedro a 20 anos.

6. Sexo?

Feminino

7. Estado civil? E quantos filhos?

Casada – Cinco filhos

8. Qual a sua formação acadêmica?

UFAM - Graduada em Normal Superior – 2005.

9. A remuneração mensal como professor de Educação Física, está em que faixa de salário?

a) Até um salário mínimo ()

- b) Entre um e dois salários mínimos ()
- c) Entre dois e três salários mínimos ()
- d) Entre três e quatro salários mínimos (x)
- e) Menos de um salário mínimo ()

OBS. Considerando o salário mínimo de R\$ 300,00.

10. Além do seu salário de professor você tem alguma outra fonte de renda?

Sim, Revendedora dos produtos da AVON.

11. A casa que você mora é própria ou alugada? Quantos quartos ela possui?

Casa Própria com três quartos.

12. A água e o esgoto são encanados?

A água é encanada – o esgoto não.

13. Qual a formação social dos seus pais?

Semi-alfabetizados

14. Você tem descendência indígena? Se tiver qual o seu grau de parentesco?

Sim, a minha avó mãe do meu pai era índia sateré-mawé.

15. Você conhece alguma música indígena?

Não.

16. Você mora a quantos anos em Maués?

Há 40 anos.

17. Você gosta de música e compra CD? Caso goste, qual o gênero preferido?

Sim, Românticas.

18. Você já assistiu alguma peça teatral? Se sim, quais e onde?

Não.

19. Você vai ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta de assistir?

Não.

20. Você gosta de assistir TV? Se gosta, quanto tempo por dia você assiste e qual programa de sua preferência?

Sim, Duas horas por dia mais precisamente no horário da noite quando posso. Assisto aos Telejornais, Programa do Jô. Globo Ecologia.

21. Você gosta de ler literatura? Se sim, qual seu gênero preferido?

Sim, Literatura brasileira.

22. Você compra livros? Caso compre de qual gênero?

Sim, livros científicos e literatura brasileira.

23. Você viaja a passeio? Caso sim para onde?

Sim, viajei duas vezes a passeio e fiquei três dias hospedada no Tropical Hotel e fui para outros Estados do Nordeste, onde conheci lugares maravilhosos.

24. Qual o seu grande sonho na vida, que você ainda não conseguiu realizar?

Reunir todos os irmãos um dia, não importa data.

. PROFESSOR 4

1. Nome completo e nascimento?

Givanildo Guimarães Tavares – 11. 10.1979.

2. Naturalidade?

Amazonense, natural de Maués – mauesense.

3. Nacionalidade?

Brasileira

4. Qual a sua profissão? Há quanto tempo atua na profissão?

Professora de Educação Física de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental – Atuando há 4 anos.

5. Escola que trabalha atualmente? Há quanto tempo?

Escola Municipal N. S. da Conceição – Há dois anos.

6. Sexo?

Masculino

7. Estado civil? E quantos filhos?

Solteiro – Dois filhos

8. Qual a sua formação acadêmica?

UFAM – Cursando Licenciatura em Pedagogia – 6º Período.

9. A remuneração mensal como professor de Educação Física, está em que faixa de salário?

- a) Até um salário mínimo ()
- b) Entre um e dois salários mínimos (x)
- c) Entre dois e três salários mínimos ()
- d) Entre três e quatro salários mínimos ()
- e) Menos de um salário mínimo ()

OBS. Considerando o salário mínimo de R\$ 300,00.

10. Além do seu salário de professor você tem alguma outra fonte de renda?
Não.

11. A casa que você mora é própria ou alugada? Quantos quartos ela possui?
Alugada e possui três quartos.

12. A água e o esgoto são encanados?
Sim.

13. Qual a formação social dos seus pais?
Ensino Fundamental incompleto.

14. Você tem descendência indígena? Se tiver qual o seu grau de parentesco?
Não.

15. Você conhece alguma música indígena?
Não.

16. Você mora a quantos anos em Maués?
Há 23 anos.

17. Você gosta de música e compra CD? Caso goste, qual o gênero preferido?
Sim, Forró e Pagode.

18. Você já assistiu alguma peça teatral? Se sim, quais e onde?

Não.

19. Você vai ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta de assistir?

Não. Pois em Maués não há cinema.

20. Você gosta de assistir TV? Se gosta, quanto tempo por dia você assiste e qual programa de sua preferência?

Sim, Quatro horas diárias – globo Esporte, futebol e Telejornal.

21. Você gosta de ler literatura? Se sim, qual seu gênero preferido?

Sim, Livros de poesias.

22. Você compra livros? Caso compre de qual gênero?

Não.

23. Você viaja a passeio? Caso sim para onde?

Sim, para as comunidades próximas da cidade de Maués.

24. Qual o seu grande sonho na vida, que você ainda não conseguiu realizar?

Ser jogador de futebol profissional.

ANEXO D

GRUPO FOCAL

Observação do cotidiano dos alunos, em relação aos professores entrevistados, como também o que os alunos pensam da escola.

ESCOLA “A” – ESCOLA MUNICIPAL JANDIRA Mc COMB

- Professor 1 (P1) - Eliel de Oliveira Solimões - EOS

Aluno 01 – Gário Batista de Leão	-	4ª série “A”
Aluno 02 – Israel dos Santos Almeida	-	4ª série “A”
Aluno 03 – Kemberly Laranjeira Pinto	-	4ª série “A”
Aluno 04 – Damile Moreira dos Santos	-	4ª série “A”

- Professor 2 (P2) – José Valcimar Rodrigues de Souza - JVRS

Aluno 01 – Abrão da Silva Nunes	-	4ª série “C”
Aluno 02 – Leonardo Correia Batista	-	4ª série “C”
Aluno 03 – Jéssica Cardoso Soares	-	4ª série “C”
Aluno 04 – Ely Valéria G. Tavares	-	4ª série “C”

- Professor 3 (P3) – Maria Eney Pinto Brasil - MEPB

Aluno 01 – Sérgio Antonio de Queiroz	-	3ª série “B”
Aluno 02 – Anderson Silva Santos	-	3ª série “B”
Aluno 03 – Wagner Francisco Souza	-	3ª série “B”
Aluno 04 – Júlia Afonso Martins	-	3ª série “B”

ESCOLA “B” – ESCOLA MUNICIPAL N. SENHORA DA CONCEIÇÃO

- Professor 1 (P1) – Givanildo Guimarães Trindade

Aluno 01 – Eliseu de Souza Paraíba	-	3ª A
Aluno 02 – Francivaldo Cavalcante Teixeira	-	3ª A
Aluno 03 – Carla de Souza Costa	-	3ª A
Aluno 04 – Patrícia Alves da Silva	-	3ª A

Alunos do Professor 01 – Escola “A”

1. Gostaríamos que vocês nos contassem como é brincar dos jogos e brincadeiras de rua na rua.

Aluno 01 – É muito bom, por que a gente não tem ninguém mandando na gente.

Aluno 02 – A gente brinca a hora que quer e acaba a hora que quer.

Aluno 03 – Nós temos mais espaço e mais hora pra brincar.

Aluno 04 – A gente brinca livre, chama palavrão, xinga os outros, até briga se for o caso, é legal.

2. Existe alguma diferença em brincar dos mesmos jogos de rua dentro do espaço da escola.

Aluno 01 – Ah! É muito chato. A gente vive ouvindo que não pode correr pra não suar senão, não entramos em sala (Não há Ar condicionado na sala, só ventilador)

Aluno 02 – Não dá nem vontade de brincar – É muita gente andando e atrapalha a gente correr. Tem pouco espaço pra brincar.

Aluno 03 – Não tem graça brincar na escola. A gente não pode falar alto, não pode falar nome (palavrão)

Aluno 04 – Tem professor que ajuda a gente, até brinca, mas tem professor que parece que não teve infância.

3. A relação de vocês com o professor de Educação Física é possível descrever.

Aluno 01 – Ele é legal, mas às vezes é chato, por que ele brinca com nós, ele mostra outra forma de brincar aquela brincadeira. Às vezes a gente faz física (exercício físico).

Aluno 02 – Ele é bom, aconselha a gente, diz o que nós podemos e não podemos fazer. Ele é meio emburrado, mas eu gosto dele. Faço tudo que ele manda, brinco de corda, de macaca, de vai e vem. Ele sempre traz alguma coisa de casa pra gente brincar.

Aluno 03 – Sou adventista não posso fazer aula com short pequeno, só com calça de física, ou bermudão. Meu professor é legal por que, ele brinca muito. Minha mãe não sabe que eu faço Educação Física, eu só faço por que eu gosto do professor.

Aluno 04 – Eu sei que eu sou brigão, e ele tem muita paciência comigo, eu acabo sempre reconhecendo que ele tem razão, quando faço uma coisa errada.

3. O que você poderia falar sobre a sua escola.

Aluno 01 – Aquela brincadeira lá na rua foi legal, eu brinquei de várias coisas, de bola, perna de pau, perna de lata, muita coisa, de bocão, agora eu gosto da minha escola.

Aluno 02 – Acho a minha escola um saco, (es)tamos sempre fazendo fila pra tudo. Eu não gosto de fazer física por que vou sujar minha farda, e minha mãe vai me brigar. E a professora vive cobrando isso, aquilo, por mim não tinha escola.

Aluna 03 - Minha escola é legal, mas só que tem muita tarefa, muita coisa pra fazer, e eu não tenho muito saco pra estudar, mas agora eu to estudando pra passar.

Aluno 04 – A gente podia brincar mais, daquelas brincadeiras, que nós fizemos os brinquedos pra brincar, foi legal, to gostando da minha escola.

=====

Alunos do professor 02 - Escola “A”

1. Gostaríamos que vocês nos contassem como é brincar dos jogos e brincadeiras de rua na rua.

Aluno 01 – Eu jogo bolinha, brinco de garrafão, de papagaio, às vezes até falto a aula. Mamãe até já me bateu, por que pensou que eu já tinha ido pra escola, e quando ela me viu já era tarde, quase três horas, e eu apanhei naquele dia, mas eu gosto de brincar na rua, por que a gente fica a vontade.

Aluno 02 – Não gosto de brincar na rua, por que a gente aprende muita coisa que não presta. Desde pequena minha mãe não deixa ir brincar na rua. As vezes eu sinto vontade quando as meninas tão brincando de elástico, de macaca, de bola, e enfim, não brinco na rua. Bem que eu gostaria.

Aluno 03 – Tem vezes que a gente vai brincar na outra rua, e quando os maiores chegam pra brincar também, a gente deixa, senão eles ficam atrapalhando, e não tem graça, mas fica legal depois todo mundo brincando.

Aluno 04 – Agora que eu to morando com minha avó, nem dá pra brincar. Só que as vezes eu fujo, pra brincar nem que depois eu apanhe. Depois que ela briga comigo, ela pergunta como foi, do que a gente brincou, se tinha mais mulheres brincando, um bocado de coisa.

2. Existe alguma diferença em brincar dos mesmos jogos de rua dentro do espaço da escola.

Aluno 01 – Quando tem Ed. Física a gente brinca por que a gente pede do professor, e as vezes ele brinca com a gente. A diretora até já brigou com ele por que ele tava brincando de correr com a gente. Quando não, a gente brinca na hora do recreio, mas fica muita gente e nem dá pra brincar direito, mesmo sem ter quadra, na hora do lanche a diretora não deixa a gente ir pra longe.

Aluno 02 – Às vezes a gente chega cedo pra brincar de bolinha, se não não dá pra brincar, se não a gente se suja e a professora vai brigar. A gente fica muito suado, e cheira mal na sala, e a professora as vezes fica na porta por causa do cheiro de suor.

Aluno 03 – Quando a gente vai pra escola, as vezes marcamos no caminho da escola, uns colegas, e vamos brincar no terreno que tem perto da escola. Só que da última vez que aconteceu, a diretora pegou a gente, e só entramos na escola no outro dia, com o responsável. Minha mãe até perguntou da diretora se a gente não brincava na escola, por que eles só vivem brincando na rua. Depois de fazer a tarefa é claro.

Aluno 04 – A minha professora é legal, senta com a gente, explica as coisas, fala sobre muitas coisas, drogas, sexo, prostituição, e muitos problemas que existem, e ela sempre atende ao nosso pedido de brincar de alguma coisa, é legal, queria que essa professora fosse sempre minha professora.

3. A relação de vocês com o professor de Educação Física é possível descrever.

Aluno 01 – Ele as vezes chega com a macaca na aula, bota todo mundo pra fazer física, exercício, correr, subir escada do ginásio, e depois a gente brinca de bola. Agora quando não tem bola não fica boa a aula. Às vezes diz que hoje não vai ter jogo de futebol nem queimada, e coloca outro jogo pra gente brincar. Depois fica legal. As vezes a gente brinca de manja, de manja trepa, de corrida pra ganhar(estafeta) quando a gente vê, o tempo já passou.

Aluno 02 – Às vezes ela brinca de umas brincadeiras mais pra mulher, de pular corda, de patela (Amarelinha). Uma vez alguém pediu e fomos brincar de garrafão e ela disse que não era pra bater nem na cabeça, nem na costa, só valia bater na batata da perna (panturrilha). Ai um aluno deu um murro na costa do outro chega ficou roxo, e a gente nunca mais brincou de garrafão.

Aluno 03 – Às vezes o professor quer obrigar agente fazer aula do jeito que a gente ta, sem shorte, de calça comprida, ou saia para as meninas. Tem vezes que eu não quero brincar, mas fazer o que? Tem que fazer a aula. Eu gosto da aula dela, é que às vezes eu sou muito chata.

Aluno 04 – Eu queria que a gente jogasse só bola. Esse negócio de handebol vôlei, é pra mariquinha, e mulherzinha, quando é outra coisa que não seja bola, eu invento que to com dor de cabeça, to com febre, e digo qualquer coisa pra não fazer essas brincadeiras bobas.

4. O que você poderia falar sobre a sua escola.

Aluno 01 – Só ficou legal depois que agente brincou naquele dia na rua, que a gente fez aqueles brinquedos, a perna de pau, as latas, o tiro ao alvo, e tudo aquilo naquele dia. Até eu que não gosto de estudar fiquei querendo fazer as coisas na sala de aula.

Aluno 02 – Ah, é legal, a gente foi correr no dia da corrida (1º de Maio) lá na praça, e foi legal pro que a gente ganhou medalha, e fomos homenageados na escola no dia da brincadeira de rua, naquela manhã. Agora eu já sou conhecido, e continuo correndo e treinando lá no Deodato (Centro Esportivo). Às vezes me incentivam.

Aluna 03 – A escola é muito quente, que às vezes me dá tonteira. Não tem ar condicionado na sala, e é muito quente. Mas tem muita gente na sala. E até as professoras não agüentam às vezes, elas tem de sair de sala de tão quente que é.

Aluno 04 – Ah professor, eu tenho muito pra falar da escola. Só no dia que tentaram me bater na porta da escola, e eu corri pra dentro, por que os *galerosos* me confundiram com outro moleque, mas depois eles não vieram mais. Naquele dia fui salvo pela escola, por isso que não temos muita condição, eu gosto da escola.

=====

Alunos do professor 03 - Escola “A”

1. Gostaríamos que vocês nos contassem como é brincar dos jogos e brincadeiras de rua na rua.

Aluno 01 – Às vezes minha mãe tem que me chamar pra voltar pra casa, e tomar banho pra ir a escola.

Aluno 02 – Nós brincamos de tudo, e aprendemos também o que é ruim.

Aluno 03 – Brincamos do nosso jeito, sem que alguém se meta pra atrapalhar.

Aluno 04 – Acho que as vezes é ruim por que a gente fala muita besteira também, mas na rua nós brinca com mais liberdade.

2. Existe alguma diferença em brincar dos mesmos jogos de rua dentro do espaço da escola.

Aluno 01 – Ih! Não tem nem o que comparar. Na escola estamos sempre fazendo, ou dizendo alguma coisa errada, é um saco.

Aluno 02 – Quando a gente chega na escola, já tem alguém dizendo, não corre, não vai suar, não vai se sujar. A gente fica muito desmotivado, e ai a aula na sala fica chata.

Aluno 03 – Um bocado de jogos não dá pra brincar na área da escola, por que é muito pequeno o espaço pra brincar, além da chatice da diretora.

Aluno 04 – Eu brinco as vezes, mas os meninos são muito enxeridos, e chamam muito nome (palavrão) e eles levantam nossa saia, quando a gente vai com ela.

3. A relação de vocês com o professor de Educação Física é possível descrever.

Aluno 01 – Ela brinca com a gente, mas as vezes ela quer que a gente faça o que ela quer, e as vezes é chato por que a gente tem que ficar parado e fazer exercício e não é muito bom.

Aluno 02 – Ela brinca, as vezes corre com a gente, mas tem dia que ela ta chata, não quer ouvir o que a gente tem pra falar e não fica legal, parece que ela ta braba com alguma coisa, ai a gente não brinca de bola.

Aluno 03 – Ela fala sobre um bocado de coisa, pra gente tomar banho antes de vir pra escola, pra pentear o cabelo, almoçar bem antes de vir pra escola. Fala sobre sexo, e fica todo mundo rindo, não dá nem porá gente ouvir direito, os meninos acham que tudo é brincadeira.

Aluno 04 – Ela é legal, às vezes a gente brinca de bola, de barra bandeira, de jogar a bola no alvo, e tentar acertar, mas às vezes a gente faz só exercício, é muito ruim, a gente nem brinca.

4. O que você poderia falar sobre a sua escola.

Aluno 01 – Eu gosto da minha escola, por que eu aprendo muita coisa, a professora ou a diretora vive dizendo que a gente já ta ficando moça e não é pra ta correndo na área da escola, se não vamos ficar fedendo, suada pra ir pra aula.

Aluno 02 – Quando eu brinco, ela é legal, quando a gente não pode brincar, principalmente quando chove, fica uma chatice só, não dá pra fazer nada, ai o jeito é copiar as tarefas que as professoras mandam.

Aluna 03 – Eu acho que a gente devia fazer mais (educação) física, só tem uma vez por semana. Se a professora manda a gente fazer alguma coisa que não seja jogar bola, correr, não fica legal, a gente fica triste, e não dá vontade de fazer nada.

Aluno 04 – Eu acho que tinha que ter uma quadra na escola, não dá nem pra gente jogar bola, correr, nem pra chamar nome, mas no recreio a gente faz um bocado de coisa, os professores ficam na sala deles, e ai a gente fica bicho solto.

=====

Alunos do professor 01 - Escola “B”

1. Gostaríamos que vocês nos contassem como é brincar dos jogos e brincadeiras de rua na rua.

Aluno 01 – A gente brinca mais dia de feriado, sábado e domingo, que a gente tem mais tempo. Durante a semana a mãe da gente fala que a gente tem que estudar,

fazer as tarefas da escola, mas quando dá, a gente brinca de tacobol, de bola, geral, e outras brincadeiras que alguém diz. Por ex. a gente já brincou que enjoou de taco, aí alguém diz outra brincadeira, se for interessante a gente brinca que só.

Aluno 02 – Do lado da minha casa tem um terreno que os grandes brincam de bola toda tarde, lá pelas 4:00h. De manhã a gente brinca que só, a gente “empina” até de papagaio, curica, cangula, bolada, é legal. Só que não é todo dia, por que tem que fazer as coisas em casa e estudar, se não o papai fica bravo e proíbe a gente de brincar. Ele trabalha aqui perto de casa e sempre está olhando pra ver se a gente não tá na rua.

Aluno 03 – Certa vez professor, nós fomos brincar lá no lago do Moraes, e a gente ficava pulando na água lá daquele negócio que a gente fica esperando a canoa chegar pra gente atravessar lá para a Comunidade Santo Antonio dos Moraes. Aí um dos meninos teve câimbra, e começou a gritar, se afogar, e nós pulamos atrás dele, puxamos pelo cabelo, mas foi legal brincar, por que a gente se divertiu pra valer.

Aluno 04 – Lá onde eu moro, como a rua não tem saída, a gente fecha a rua, e brinca de várias coisas, até o papai, e o pai duma colega minha brincou, de barra bandeira com a gente, só que eles cansaram logo, mas foi legal a gente brincar com o pai da gente, nós não temos medo. A gente só fica com cuidado de não chamar palavrão na frente dele, de vez em quando alguém esquece e chama um nome, e a gente fica rindo.

2. Existe alguma diferença em brincar dos mesmos jogos de rua dentro do espaço da escola.

Aluno 01 – Lá na escola só é ruim por que nós temos que fazer aula de Física, só depois da aula por que se não vai perturbar a escola que está do outro lado da quadra. Aí nem dá pra brincar direito, por que temos que ir pra casa almoçar, mas quando o professor resolve ir lá pra fora da escola, no pátio, ou na rua, aí é legal por que lá dentro a gente não fica a vontade pra fazer tudo que a gente quer.

Aluno 02 – Lá na escola só é ruim que a gente às vezes nem pode jogar bola na quadra toda, por que tem que dividir a quadra com as meninas, e o campo fica pequeno. Mas o professor às vezes leva a gente pra brincar de bolinha lá fora, no pátio da escola. Ele às vezes trás bolinha, ou avisa pra gente que tal dia vamos jogar bolinha e a gente trás de casa.

Aluno 03 – As vezes é legal por que a gente corre muito, se diverte, mas isso só acontece depois da aula, às 11:00h, pro que a outra escola já foi embora. Aí a gente brinca de elástico, queimada, patela (amarelinha), e o jogo da pinha (Jemerson). Às vezes os meninos vem brincar com a gente, só que eles jogam a bola muito forte, por isso que quase não deixamos eles brincarem.

Aluno 04 – Eu gosto de brincar de roda, elástico, a gente brinca de vai e vem, que uma colega lá de outra escola, ensinou a fazer e eu trago pra brincar, é feito de “garrafa pétis”. Outra brincadeira que eu gosto é de manja cola, manja trepa e corrida com os meninos, eles são fraquinhos e ficam com raiva quando perde pra gente.

3. A relação de vocês com o professor de Educação Física é possível descrever.

Aluno 01 – Eu gosto dele por que ele é muito legal, é amigo, às vezes até pai. Briga quando a gente ta fazendo alguma coisa errada, mas elogia quando a gente ta bonita. Na aula ele sempre brinca com a gente. Só é ruim na queimada, por que ninguém consegue matar (queimar) ele. Ele apara a bola que a gente joga com força nele. Mas ele é legal, às vezes ele pergunta de que a gente quer brincar. Ele é tudo de bom.

Aluno 02 – eu vejo que ele é muito esforçado com a gente, é muito brincalhão, faz cócegas só pra não ver a gente triste. Ele se preocupa com a gente, às vezes é que nem o pai da gente, que nem liga pra gente. Ele pula corda, joga até patela com a gente, ele é o melhor professor do mundo.

Aluno 03 – Ele só é legal quando trás bola pra gente brincar de futebol, as meninas não saem do pé dele, e ainda a gente tem que dividir a quadra com as meninas.

Aluno 04 – Ah, o que, que eu posso falar dele. Que ele é um bom professor. Ta sempre junto com a gente, só fica ruim quando ele adoecer que não vem pra escola, ai não tem aula de física, e ai não dá, fica tudo chato.

4. O que você poderia falar sobre a sua escola.

Aluno 01 – Se não fosse esse negócio da quadra ela era muito legal. Só que a gente leva muita tarefa pra casa, e tem que trazer no outro dia, e nem dá pra fazer tudo. A diretora, é legal, mas tem dia que ela chega com a macaca (brava), e ai não quer conversa com ninguém. Ai é melhor fica quieto.

Aluno 02 – A escola ta muito feia, as paredes tão todas sujas, riscadas, não tem ar condicionado, é muito quente. Às vezes a gente não tem nem alegria de vir pra escola. Ela sempre promove campeonato no sábado e a gente fica o dia inteiro brincando aqui. Trás o pessoal de cães pra assistir e brincar às vezes.

Aluno 03 – A gente fica alegre quando tem alguma coisa diferente, uma festa, um dia de brincadeira. Se não fosse isso, era muito ruim. Tem professor que não tem paciência com o aluno, e trata que nem bicho.

Aluno 04 – A escola só é longe de casa. Tenho que andar muito pra chegar na escola fico cansado e com sede, e nem sempre tem água pra gente beber. A gente chega na escola e vai lá na cozinha pedir água e as serventes vem logo com ignorância. J'q ta com sede, mal chegou na escola, “parece que comeu pirarucu”, mas quando a diretora chega Lea fica uma santa.